

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ADRIANA FERNANDES BALBI**

**A Linguagem do símbolo e do rito na experiência devocional a**  
**Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade – Caeté- MG.**

Belo Horizonte

2024

ADRIANA FERNANDES BALBI

**A Linguagem do símbolo e do rito na experiência devocional a  
Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade – Caeté- MG.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Dr. Antonio Geraldo Cantarela

Linha de Pesquisa: Pluralismo Religioso, Diálogo e Linguagem.

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| B172l | <p>Balbi, Adriana Fernandes</p> <p>A linguagem do símbolo e do rito na experiência devocional a Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade – Caeté- MG. / Adriana Fernandes Balbi. Belo Horizonte, 2024.</p> <p>108 f. : il.</p> <p>Orientador: Antonio Geraldo Cantarela</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião</p> <p>1. Maria, Virgem, Santa - Culto. 2. Piedade, Nossa Senhora da. 3. Santuários cristãos - Piedade, Serra da (MG). 4. Linguagem. 5. Devoção. 6. Sinais e símbolos - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Cantarela, Antonio Geraldo. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.</p> |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

SIB PUC MINAS

CDU: 248.159.4

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

ADRIANA FERNANDES BALBI

**A Linguagem do símbolo e do rito na experiência devocional a  
Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade – Caeté- MG.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia  
Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito  
à obtenção do título de Mestre em Ciências da  
Religião.

---

Prof. Dr. Antonio Geraldo Cantarela  
PUC Minas (Orientador)

---

Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad  
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Batista  
PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 21 de março de 2024

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, Senhor e autor de minha vida, que me concedeu a graça de ter como minha a Sua Mãe, a Senhora da Piedade, cuja história Ele me permitiu aprofundar nesta dissertação. Como filha consagrada, agradeço à Virgem Santíssima, pois seu cuidado materno foi fundamental. No percurso desta pesquisa, muitos se fizeram importantes, alguns, até sem perceber, foram motivadores de minha luta no processo árduo de análises acadêmicas.

Sigo o pergaminho de agradecimentos e destaco a presença do meu companheiro e esposo, Joao Batista quem, ao longo de 38 anos, sempre me apoiou. Em especial para esta dissertação, ele esteve comigo em campo e juntos, subimos a pé a estrada que conduz ao desbravamento da Serra da Piedade. Essa foi uma das grandes aventuras de nossas vidas. Na sequência, agradeço aos filhos Diego, Thiago e João Lucas e minha neta Sophia, que conviveram com meus longos períodos de estudo e também deram uma “ajudinha”, foi bom poder recorrer aos universitários de plantão, louvo a Deus pela família que Ele me deu, estendo a todos meus familiares: irmãos e sobrinhos meu muito obrigada. Agradeço aos amigos em especial aos anjos incentivadores: Viviane e Mara, ombros que colheram minhas lágrimas e minhas “crises acadêmicas”, momentos em que a vontade de desistir foi acolhida por elas, e devolvida como um segundo fôlego em forma de conselhos preciosos.

Prossigo meu pergaminho não em uma ordem apenas de proximidade e/ou grau de agradecimento, mas rememorando, nas curvas desta pesquisa, as voltas deste tempo de vida acadêmica e; portanto, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Geraldo Cantarela, o qual ajustou e alinhou o percurso desta pesquisa nas várias correções e orientações. Sou eternamente grata ao Prof. Dr. Antonio Geraldo Cantarela, bem como à Profa. Dra. Giseli do Prado Siqueira, os quais, inclusive, apresentaram-me o caminho da Serra da Piedade, ainda nas aulas de Metodologia; com suas orientações e apoio a cada leitura, escrita e reescrita, fizeram-me compreender o procedimento da pesquisa. Agradeço por apontarem sugestões que possibilitaram apresentar, hoje, este resultado que muitas vezes precisaram de cortes cirúrgicos. Neles deixei ideias e escritas da Teóloga para ariscar neste desafiante campo da Ciências da Religião. Gratidão eterna a ambos, que com profissionalismo e competência apontaram a “persistência”, como mais uma palavra chave desta dissertação.

Não poderia deixar de agradecer a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a todo corpo acadêmico, todos os professores, destacando, no administrativo, o Sr. Walison Dias da Silva, sempre solícito e prestativo em minhas várias dúvidas. Do mesmo modo, agradeço a disponibilidade e colaboração da bibliotecária Sra. Rose, do campus da PUC Poços de Caldas, quem me auxiliou ao acesso às bases eletrônicas das bibliotecas digitais da PUC MG, uma fonte importante para a localização das teses e dissertações, sobretudo para a construção da Linguagem do Culto à Nossa Senhora da Piedade no símbolo e no rito na experiência devocional, trazendo um salto qualitativo no universo pesquisado. Na sequência das curvas dos agradecimentos, incluo o Sr. André Portugal, quem me enviou os documentos da Serra da Piedade, material que proporcionou salto qualitativo no levantamento de dados em relação ao Inventário de Tombamento da Unidade de Conservação, bem como todo o processo de liberação da licença de Pesquisa em seus tramites legais.

Meu pergaminho de agradecimentos, ainda que extenso, não será finalizado sem o devido agradecimento ao Prof. Dr. Paulo Agostinho, que em suas leituras e indicações muito contribuiu para meu crescimento acadêmico, bem como é de suma importância agradecer ao Prof. Dr. Afonso Murad que irá compor a banca de defesa, pois suas considerações, certamente, engrandecerão ainda mais essa dissertação. Dado os devidos agradecimentos, na tentativa de não esquecer de ninguém, permaneço no processo do macro para o micro, e ou do geral para o particular, pois cada familiar, amigo, professor e funcionário que foi citado em particular ou no geral, foi mencionado neste agradecimento, é único em meu percurso acadêmico, os quais vou levar pra vida toda. Ao finalizar este pergaminho, o enrolo em louvores e graças a Deus com o laço de gratidão eterna.

Muito obrigada a todos!

## RESUMO

O presente trabalho busca uma síntese do conhecimento sobre o culto mariano no campo das Ciências da Religião. A visão da figura da - Virgem Maria - mãe de Jesus Cristo, segundo os cristãos católicos, consiste no objeto principal desta pesquisa. A delimitação do estudo metodologicamente se dará pelas formulações conceituais com base teórica-bibliográfica e observações da Linguagem do Culto devocional a Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade, em Caeté, Minas Gerais. Os conceitos de símbolo e rito serão observados, visando identificar e estabelecer análise na perspectiva dos estudos da Linguagem da Religião. A devoção à pessoa de Maria está presente em manifestações do fenômeno religioso, aborda de forma direta ou indireta estruturas de linguagem. O fio mestre dessa dissertação tende ao procedimento metodológico de observar e descrever a linguagem do culto devocional presente nas narrativas simbólicas e rituais, à figura de Maria, considerando que na linguagem religiosa, símbolo e o rito configuram um sistema relacional do *Homo religiosus*. De modo que a análise sobre a figura de Maria em sua dimensão simbólica está inserida na cultura como aquela que esboça uma sólida e tradicional espiritualidade Cristã.

**Palavras-chave:** Maria; Símbolo; Rito; Devoção; Serra da Piedade.

## **ABSTRACT**

The present work seeks a synthesis of knowledge about the Marian cult in the field of Religious Sciences. The vision of the figure of the - Virgin Mary - mother of Jesus Christ, according to Catholic Christians, is the main object of this research. The methodological delimitation of the study will be based on conceptual formulations with a theoretical-bibliographical basis and observations of the Language of the Devotional Cult of Nossa Senhora da Piedade in the Sanctuary of Serra da Piedade, in Caeté, Minas Gerais. The concepts of symbol and rite will be observed, aiming to identify and establish analysis from the perspective of studies on the Language of Religion. Devotion to the person of Mary is present in manifestations of the religious phenomenon, directly or indirectly addressing language structures. The main thread of this dissertation tends to the methodological procedure of observing and describing the language of devotional worship present in symbolic and ritual narratives, to the figure of Mary, considering that in religious language, symbol and rite configure a relational system of Homo religiosus. Therefore, the analysis of the figure of Mary in its symbolic dimension is inserted in the culture as one that outlines a solid and traditional Christian spirituality.

**Keywords:** Mary; Symbol; Rite; Devotion; Serra da Piedade.



## LISTA DE FIGURAS

|                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| Foto 01: Mural da Via Sacra Santuário da Serra da Piedade.....              | 25 |
| Foto 02: Imagem da Pietá interior do Santuário da Serra da Piedade.....     | 27 |
| Foto 03: Imagem da Pietá.....                                               | 28 |
| Foto 04: Imagem da Pietá detalhe do Manto.....                              | 30 |
| Foto 05: Imagem da Pietá detalhe das Mãos.....                              | 35 |
| Foto 06: Calvário Santuário da Serra da Piedade.....                        | 38 |
| Foto 07: Interior da Igreja Santuário da Serra da Piedade.....              | 41 |
| Foto 08: Espera da abertura do portão Santuário da Serra da Piedade.....    | 42 |
| Foto 09: Devotos subindo estrada do Santuário da Serra da Piedade.....      | 43 |
| Foto 10: Devoto solitário Santuário da Serra da Piedade.....                | 44 |
| Foto 11: Basílica encoberta pela neblina Santuário da Serra da Piedade..... | 47 |
| Foto 12: Mulher subindo a estrada Santuário da Serra da Piedade.....        | 59 |
| Foto 13: Criança carregando a cruz Santuário da Serra da Piedade.....       | 60 |
| Foto 14: Homem subindo descalço Santuário da Serra da Piedade.....          | 62 |
| Foto 15: Pessoas subindo a estrada Santuário da Serra da Piedade.....       | 74 |
| Foto 16: Homem de costas para o altar Santuário da Serra da Piedade.....    | 75 |
| Foto 17: Fitas amarradas Santuário da Serra da Piedade.....                 | 93 |
| Foto 18: Mulher em frente ao mosaico Santuário da Serra da Piedade.....     | 96 |

## SUMÁRIO

### **Introdução**

### **Capítulo 1: A figura de Maria no Santuário da Serra da Piedade.....17**

1.1 A história e a paisagem geográfica da Serra da Piedade: da topografia às interpretações culturais.....19

1.2 Mapeamento da fé: a cultura na imagem do manto e das mãos em Pietá.....26

1.3 O significado da piedade na fé cristã na perspectiva dos devotos da Pietá mineira.....40

### **Capítulo 2: O Símbolo na Linguagem a Nossa Senhora da Piedade.....48**

2.1 Aportes Teóricos sobre a Ciência da Linguagem Religiosa.....48

2.2 Símbolos e aspectos simbólicos do ser humano.....57

2.3 Os símbolos do culto a Nossa Senhora da Piedade no ato devocional.....64

### **Capítulo 3: Maria no percurso ritualístico.....69**

3.1 A linguagem religiosa dos gestos: considerações teóricas sobre rito e a peregrinação.....69

3.2 Descrição do rito na Serra da Piedade: estrutura e significados.....76

3.3 A força performática dos gestos nos ritos: Maria além do ato devocional.....89

**Considerações Finais.....99**

**Referências .....105**

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação objetiva analisar a figura da “Virgem Maria” – mãe de Jesus –, segundo os cristãos católicos. Delimitaremos um olhar devocional a partir de formulações conceituais e de observação, visando estabelecer análise na perspectiva dos estudos da Linguagem da Religião, aspectos que possam responder: Qual o papel do símbolo e do rito na devoção à figura de Maria? O Santuário da Serra da Piedade, em Caeté, Minas Gerais, será o recorte geográfico desta pesquisa como ponto de observação das representações simbólicas e do rito, na linguagem do culto devocional à Maria. A abordagem proposta está pautada em Maria, verificando como sua imagem foi e vem sendo formulada, moldando histórias e culturas. Nesse sentido, a pesquisa tem aderência à subárea das Ciências da Linguagem Religiosa, para a qual me candidatei à vaga de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade PUC Minas, sob a orientação do Professor Dr. Antônio Geraldo Cantarela, na linha de pesquisa: Pluralismo Religioso, Dialogo e Linguagem.

A construção da questão problema tem como pergunta central a pesquisa do movimento gerado em torno da linguagem do culto devocional, ou seja: Qual o papel do símbolo e do rito na devoção a figura de Maria? Resposta para a qual, entendemos ser necessário recorrer a análise na perspectiva das Ciências da Religião. Dessa forma, observando na experiência devocional o símbolo e o rito, no culto mariano, no Santuário da Serra da Piedade, na ótica das Ciências da Religião, espera-se encontrar respostas à supracitada questão. Na sociedade atual, percebe-se a presença da linguagem do culto Mariano, na qual ela é reiterada, principalmente, pelos fiéis católicos que, por meio dessa devoção, expressam valores de experiência com o sagrado. Nessas narrativas, verifica-se o conhecimento popular católico atravessado por crenças que englobam o divino e o humano, Jesus e Maria.

Diante destas questões, levantamos a hipótese de que a história da Igreja Católica tende a limitar Maria a ser apenas a mãe de Jesus ou a Santa. A própria Instituição católica, que hoje tem Maria como um ícone respeitado, já usou sua figura em prol da sociedade machista e patriarcal. Dessa forma, existe o paradoxo da Maria sentimental, que acoberta a angústia da humanidade, mas, a Maria que rompe paradigmas da mulher no contexto judaico, não é destacada. Ou seja, mesmo exaltada pela fé, fora diminuída, mas permanece nos discursos da humanidade por mais de 2000 anos. Outra hipótese é de que a figura de Maria é restringida nos cultos

marianos. Sua força e grandiosidade retratam um feminino caracterizado pela disciplina e persistência, uma forma de determinação que conduz a permanência do discurso cultural, ao poder, mas frequentemente, um poder encoberto pelo “invólucro do manto sagrado”, insistindo em lhe dar, apenas, o lugar de mãe. Assim, espera-se que a história devocional de Maria, na perspectiva das Ciências da religião, possa trazer elementos simbólicos dos ritos<sup>1</sup> religiosos no percurso devocional.

A pesquisa tem como objetivo geral identificar e analisar a Linguagem do Culto à Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade: o símbolo e o rito na experiência devocional. Para tanto, são percorridas três etapas que se dividem em três objetivos específicos: i) conhecer o contexto histórico, geográfico, imagético e o significativo da piedade na perspectiva do devoto; ii) observar e descrever a linguagem do culto presente na narrativa simbólica devocional à figura de Maria no Santuário da Serra da Piedade; iii) analisar os gestos no rito que justificam a grandeza de Maria para além da fé do devoto, ou seja, para além do culto mariano.

A relevância da pesquisa consiste em explicar, por meio das Ciências da Religião, a influência de Maria para além da fé do devoto, ou seja, para além do ato devocional. Para tanto, descrevemos a vivência do sagrado na figura de Maria, na linguagem cultural e sua influência na devoção popular. Para o fiel, a interseção de Maria, na vivência do sagrado, assume uma experiência singular. De modo que a análise sobre a figura de Maria, em sua dimensão simbólica, está inserida na cultura como aquela que esboça uma sólida e tradicional espiritualidade Cristã. Em vários lugares do mundo prestam-se devoção a Maria, e isso torna a representação simbólica e ritualística um elemento indispensável para compreender o fenômeno.

Logo, por mais que toda a performance religiosa traga uma explicação para a iconicidade de Maria, entende-se, aqui, que haja algo em sua dimensão humana que a coloque em evidência por tanto tempo e em tantos lugares. Torna-se, pois, fundamental estabelecer o diálogo com as análises desenvolvidas pela linha de pesquisa: Pluralismo Religioso, Dialogo e Linguagem, do mestrado em Ciências da Religião, a fim de buscar sólidos fundamentos que justifiquem essa presença forte de Maria, ainda, no século XXI.

---

<sup>1</sup> Os ritos ou rituais podem ser entendidos como explicitações fundamentais da identidade de uma determinada comunidade humana, pelo que no rito não se consideram não só os gestos e operações que se repetem como também os elementos que expressam os valores e as crenças dessa mesma comunidade (Teixeira et al., 2022. p.798).

Embora haja interesse pessoal para o tema em virtude da minha formação acadêmica e atuação profissional<sup>2</sup> e religiosa, o interesse social da pesquisa consiste em analisar o processo devocional do sujeito religioso, ou seja, a expressão cultural humana diante da fé. Além disso, o diálogo com as Ciências da Religião permite ampliar as contribuições sobre os conhecimentos da linguagem e seu pluralismo para a compreensão humana no âmbito da cultural religiosa.

A escolha do local se justifica pela referência ao Santuário como um dos mais importantes do Brasil, segundo pesquisa da Jornalista Alexandra Gonzalez (2017). Além disso, Nossa Senhora da Piedade se tornou padroeira de Minas Gerais em julho de 1960, por meio de decreto do papa João XXIII. A proximidade do Santuário com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais justifica ainda a referida escolha.

Minha proposta é tratar a figura de Maria, delimitando o símbolo e o rito como conceitos centrais, observados no espaço do Santuário da Serra da Piedade, evidenciando a observação do percurso devocional. Propiciando, assim um encadeamento lógico da Linguagem do símbolo e do rito na experiência devocional a Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade – Caeté- MG.

Para tal venho a essa casa de formação em busca de algo além na perspectiva mariana, ou seja, o “salto da fé”, que permita observar Maria para além do culto devocional. Analisando Maria no Santuário da Serra da Piedade; frente ao sofrimento das mães na perda de seus filhos, evidencia a possibilidade de observação de Maria como figura representativa da mulher atual em suas lutas. O aspecto da figura de Maria, na expressão simbólica se revela na devoção que engloba o transcendente no condescendente, ou seja, extraordinária e poderosa, mas próxima da experiência de fé do devoto.

A metodologia empreendida é de cunho teórico bibliográfico, buscando autores e pesquisadores que dialogam com a temática aqui proposta, no intuito de se chegar às respostas desejáveis ao problema levantado. Dessa maneira, propõe-se leitura, compreensão e interpretação sobre a formulação de representações de Maria, observadas no símbolo e no rito no Santuário da Serra da Piedade. A perspectiva da

---

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela IBRA; em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de JF; Especialização em Ciência da Religião pela IBRA. Essa trajetória me colocou num lugar que observava a devoção a figura de Maria pressa ao aspecto teológico. Estou catequista a mais de 15 anos e em um determinado momento eu resolvo falar dessa relevância do culto mariano, mas para além da teologia, pois algo passa a me incomodar, me inquietar, a me questionar: essa Mulher é símbolo de uma experiência devocional? Ou mais uma coisa, além disso?

observação será em torno da linguagem do culto devocional e como ele se manifesta no símbolo e no rito; assim, por meio da observação, pretende-se conhecer as experiências religiosas, propondo o estudo da religião como sistema secundário de linguagem e observando como é percebida na experiência devocional a dialética religiosa.

A metodologia contou com as observações do Diário de Campo (DC), uma vez que foram feitas duas visitas ao Santuário da Serra da Piedade, investigando o símbolo e rito representativos da linguagem do culto devocional no referido santuário. Assim, fez-se necessário uma observação delimitada por questionamentos prévios, tais como: Como ocorre a experiência devocional (ou não devocional) no Santuário da Serra da Piedade? Quais as práticas devocionais observadas? Qual a motivação para essa busca por Maria? O símbolo e o rito justificam a permanência de Maria na história humana? Além dos questionamentos disparadores, planejou-se organizar momentos em que a observação acontecesse de modo menos programado e estruturado, a fim de perceber situações que escapam da nossa previsibilidade enquanto pesquisador.

Fundamentada no arcabouço teórico, as análises das observações do DC trouxeram o conhecimento empírico, compondo, assim, o rito investigativo com ética, alteridade, para se chegar às questões que dialogam com a Ciência da Religião. Metodologicamente, a princípio, mapeamos o conteúdo estudado; procurando não interferir de modo interpretativo na realidade empírica observada, ou seja, buscamos redigir o DC de modo imparcial – propiciando um encadeamento lógico da Linguagem devocional no Santuário da Serra da Piedade, com atenção aos símbolos e ritos entorno da Nossa Senhora da Piedade.

Foram realizadas duas visitas ao Santuário da Serra da Piedade, ambas autorizadas pelo Santuário e programadas entre orientador e pesquisadora em conformidade com as demandas da pesquisa. O instrumento de análise foi a observação para a qual a pesquisadora, na ocasião das visitas, fez fotos a partir de critérios e regras pré-definidos em consonância com os objetivos desta pesquisa, ou seja, o foco esteve voltado para a análise da linguagem, do símbolo e do rito. Estes são, pois, os critérios para a observação *in loco* e, posterior, leitura das fotografias recolhidas do local. Assim, construiu-se os registros do DC. Destaca-se que a pesquisadora não fez observações participativas em peregrinações, procissões ou

qualquer ato de fé; não se trata de uma pesquisa-ação, isso, a fim de manter sua imparcialidade em relação ao objeto observado.

A fim de atender aos objetivos propostos a dissertação divide-se em três seções. No Capítulo 1, A figura de Maria no Santuário da Serra da Piedade trouxemos em dois momentos distintos: a importância da imagem para a narrativa religiosa, bem como as transformações da devoção popular ao longo dos tempos, revisitando, a partir da figura de Maria, a experiência cristã com o sagrado. Dessa forma, o conceito de rito e de símbolo, contidos na obra de Croatto (2010), entrelaçará com as considerações de Gil Filho (2012). Pretende-se, assim, investigar as manifestações no espaço do Santuário, verificando como esse ambiente impacta a permanência da figura de Maria atualmente.

No Capítulo 2, O Símbolo na Linguagem a Nossa Senhora da Piedade analisamos aspectos da Ciência da linguagem Religiosa, bem como o símbolo no processo devocional do culto mariano. Para tanto, será utilizado os conceitos de Nogueira (2016), no embasamento e estruturação da análise da Linguagem Religiosa pretendida nesta pesquisa. A referência crítica de Croatto (2010) contribuirá, no sentido de dialogar e refletir com sistematicidade os distintos aspectos presentes nas narrativas simbólicas relacionadas à figura de Maria, para além do religioso verossímil. Por uma interpretação que privilegiará olhar os símbolos como constituintes da cultura, procurar-se-á justificar o imaginário que os cristãos católicos construíram em torno de Maria são elementos que também mantêm sua atualidade. São símbolos que representados pelo discurso ultrapassaram os desafios do tempo de Maria e continuam servindo de modelos noutras épocas e locais.

No Capítulo 3, Mariano percurso ritualístico observamos o que justifica a grandeza de Maria no percurso ritual, para além da fé do devoto, ou seja, para além do culto devocional. A pesquisa em questão, neste capítulo, busca discutir aspectos da devoção mariana, compreendida a partir de um conjunto de condições sociais e culturais que influenciam o comportamento religioso contemporâneo. Portanto, para avaliar as narrativas em torno da pessoa de Maria no processo devocional que se revela no rito, os conceitos de Croatto (2010) serão de suma importância, principalmente, na possibilidade de abertura, desta pesquisa, no diálogo com o referencial teórico proposto.

Portanto, esta dissertação tende ao procedimento metodológico de observação e descrição da linguagem do culto devocional presente nas narrativas simbólicas e

rituais à figura de Maria, considerando que na linguagem religiosa, símbolo e o rito configuram um sistema relacional do *Homo religiosus*. De modo que a análise sobre a figura de Maria em sua dimensão simbólica está inserida na cultura como aquela que esboça uma sólida e tradicional espiritualidade Cristã.



## CAPÍTULO 1: A FIGURA DE MARIA NO SANTUÁRIO DA SERRA DA PIEDADE

A figura de Maria no Santuário da Serra da Piedade permite várias interpretações, no entanto em dois momentos específicos serão destacados: a importância da imagem para a narrativa religiosa, bem como as transformações da devoção popular ao longo dos tempos, revisitando, a partir da figura de Maria, a experiência cristã com o sagrado. Dessa forma, o conceito de rito e de símbolo, contidos na obra de Croatto (2010) entrelaçará com as considerações de Gil Filho (2012) na investigação das manifestações no espaço do Santuário, verificando como esse ambiente impacta a permanência da figura de Maria atualmente.

Por meio desta observação verificou-se o sentido da experiência religiosa, no espaço do referido Santuário, especialmente no que diz respeito ao símbolo e ao rito, por darem propriedade singular no processo devocional. O registro da dinâmica religiosa no espaço geográfico do Santuário da Serra da Piedade, no contexto das leituras e das observações visualizadas, foi delimitado por questionamentos, tais como: Qual o movimento gerado em torno do culto devocional? O que leva o devoto ao Santuário da Serra da Piedade? Quais suas práticas devocionais? Qual força deste culto? O símbolo e o rito justificam a permanência de Maria na história humana?

Além dos questionamentos, pretende-se também deixar momentos para que a observação aponte questionamentos, pois:

Olhar as dimensões simbólicas da ação social — arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum — não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram — apascentando outros carneiros em outros vales — e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou (Geertz, 2008. p. 19).

A observação empírica remete ao reconhecimento das lógicas específicas de funcionamento do campo é necessário estar atento e buscar um equilíbrio entre o empirismo e a bibliografia inventariada. É preciso de antemão um olhar sem preconceitos e ou favoritismos. O cuidado que se deve ter com este tipo de trabalho é manter em mente a possibilidade estabelecida em vista de uma contribuição social, quando verificamos que realidades serão descortinadas e trazidas ao espaço acadêmico (Geertz, 2008). A representatividade de Maria, aqui proposta, vai para além daquela que canta a libertação e faz ecoar a mensagem cristã no hoje da história

(Lc 1,39- 44), pois nesta pesquisa ela é compreendida ainda por noções trazidas das Ciências da Religião, sobretudo em relação à narrativa do culto devocional, ao símbolo e ao rito, perspectivas determinadas como delimitação da observação.

Para tal, no processo da escrita, mapeou-se o conteúdo estudado destacando conceitos e encaminhando de forma sistemática as relações entre: a Linguagem do símbolo e do rito na experiência devocional a Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade – Caeté- MG.

Com efeito, o sistema religioso, como princípio de ordenamento de mundo, é interesse desta pesquisa, no campo das Ciências da Linguagem Religiosa. A localização do Santuário numa montanha, ou seja, num topo, pode representar para a religião cristã católica uma proximidade com o sagrado. As altitudes geográficas se mesclam não apenas com o entendimento popular de que o sagrado está no alto, mas também com as denominadas artes clássicas consagradas como um espaço representativo do corpo ou de sua possível elevação aos céus, haja vista as torres das igrejas, os formatos arquitetônicos das janelas e portas, ou seja, uma tendência em reproduzir nas criações materiais a ascensão divina de Maria e seu Filho Jesus.

O culto devocional a Maria, no Brasil, em diferentes locais, representa, ainda, símbolos e ritos característicos da dimensão patrimonial da cultura nacional. Segundo Oliveira e Denny (2018), o patrimônio cultural de um país ou mesmo de um continente, como a América Latina, constrói-se com base nas ideologias religiosas e na força simbólica destes gestos e narrativas. Nesse sentido, busca-se identificar no espaço geográfico, delimitado pela localização da Serra da Piedade em Caeté-Minas Gerais, a força estética religiosa que configura marcas do culto devocional na cultura brasileira, ou seja, de que modo a formação da cultura brasileira e o patrimônio sociocultural desse povo se expressa.

A vivência da religião cristã, perpassada pela devoção popular à figura de Maria, faz parte da matriz cultural tradicional do catolicismo brasileiro, como uma linguagem significativa para a cultura religiosa e “poderosa” para aquele que crê. Portanto, entende-se que há muito por explorar no campo do culto devocional mariano, sobretudo, sob o olhar das Linguagens da Religião. Nesse sentido, formas de religiosidade devocional são de interesse prioritário, possibilitando, assim, observar a linguagem religiosa envolvida no tecido social e cultural. Dessa forma, passamos a analisar a estrutura observada no Santuário da Serra da Piedade, o culto devocional, na experiência do sujeito religioso, no seu processo de devoto que frequenta esse

espaço sagrado. Seguindo a trilha da história e da paisagem geográfica, no mapeamento da fé e da cultura em Pietá, nas mãos e no manto e nos aspectos do significado da Piedade, constituindo assim um simbolismo devocional em vista da prática, ou seja, do rito reproduzido constituindo um discurso simbólico-ritual.

### **1.1 A história e a paisagem geográfica da Serra da Piedade: da topografia às interpretações culturais**

O recorte geográfico para a observação da linguagem do culto mariano desta pesquisa é o Santuário da Serra da Piedade, em Caeté, Minas Gerais. Ao adentrar no espaço do Santuário da Serra da Piedade, depara-se com uma paisagem que, pela sua natureza e exuberância, permite descrevê-la até mesmo como uma “arte divina”, uma criação esculpida pela magnitude da própria natureza, diante da qual o ser humano passa a contemplar a criação da qual ele também é parte inerente.

No diálogo profícuo entre Religião e Geografia, lugares sagrados remetem à ação simbólica que o homem desenvolve através de processos que indicam a organização de um espaço socializado, representando a própria história, estabelecendo um elo entre o mundo e as relações simbólicas. O espaço<sup>3</sup> é conceito caro na religião, na geografia, bem como às ciências humanas, pois transforma e causa transformações. As análises sobre o lugar sagrado enfatizam a vivência e a identidade nas quais cada comunidade religiosa se estabelece no mundo natural e participa da memória histórica no tempo e no espaço. Nesse contexto, a geografia religiosa focaliza as ligações que as pessoas desenvolvem com os lugares sagrados, de tal forma que:

Na espacialidade das representações simbólicas, o espaço sagrado é apresentado no plano da linguagem, na medida em que as percepções religiosas são conformadas a partir da sensibilidade das formas tempos e espaços. Nesse sentido, as coisas religiosas da expressão empírica são configuradas como formas da intuição explicitadas em um processo de desenvolvimento rumo às representações. Trata-se, portanto, da saída do mundo das sensações e da entrada no mundo da intuição que, pelo espaço, tempo e número, compõe a síntese lógica da linguagem (Gil Filho, 2012. p.65).

---

<sup>3</sup> O espaço sagrado, como espacialidade social do conhecimento, incorpora a ideia unificadora do pensamento religioso no conceito de divindade. [...] Portanto o discurso fundador das religiões corresponde às formas do conhecimento religioso nas quais o espaço sagrado é qualificado e normatizado (Gil Filho, 2012. p.67).

Como forma de reconhecimento do espaço em que está localizado o referido Santuário mariano, bem como em relação a sua construção, serão utilizados dois documentos. O primeiro, intitulado “Documento Caracterização Ambiental” (DCA 2019), que possui pesquisa da reconstrução histórica e do manejo e conservação do espaço. Esse documento foi organizado com o intuito de subsidiar a oficina de planejamento participativo, na preparação do plano de manejo do monumento natural estadual Serra da Piedade. Foi elaborado em conjunto com a Associação de Desenvolvimento Integral/Arquidiocese de Belo Horizonte e do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais, visando descrever aspectos do processo inicial do santuário. Portanto, foi possível constar que:

A história da Serra da Piedade confunde-se com a ocupação de Minas Gerais, uma vez que sua forma e altimetria a mantiveram como referência espacial para os primeiros exploradores do território mineiro. A então Serra do Sabarabuçu chamou a atenção dos primeiros aventureiros por refletir a luz solar sobre sua peculiar geologia - o que a remeteu, do ponto de vista imaginário, às lendas do povo Potosí. A primeira menção a Serra foi feita em 23 de março de 1664, na Carta Régia, por Lourenço Caetano Taques, (IEPHA, 2005). Nas imediações do alinhamento geomorfológico foram encontradas ricas jazidas de ouro que atraíram povoadores de toda parte. O primeiro conflito de interesses sobre as riquezas regionais ocorreu em 1708: a Guerra dos Emboabas (Documento Caracterização Ambiental, 2019. p.10).

Dessa forma, percebe-se que a escolha do local para o referido santuário remonta do período colonial, época em que os primórdios da história muito impressionavam com a imensidão da paisagem natural mineira. Nisso se mesclam aspectos característicos da necessidade humana de representar a fé, pois a territorialidade do Santuário abastece a consciência cristã, dando-lhe forma a partir da devoção que se configura no símbolo e no rito religioso. Sendo assim:

Desde as origens da consagração desse território às expressividades devocionais e religiosas, a Serra da Piedade valoriza os princípios de sustentabilidade da vida, a partir da espiritualidade cristã. Reverberam-se nesse espaço múltiplas dimensões da beleza que convocam os aspectos sensorial, espiritual e dos afetos, proporcionando uma experiência de intensidade vital, que desperta o aprofundamento no mistério do sublime (PID/Santuário, 2018) (Documento Caracterização Ambiental, 2019. p. 11).

Na Serra da Piedade, a fascinação geográfica está intimamente influenciada pela interpelação da crença divina. Imbricadas, natureza e crença, fazem do local um ambiente adornado pelas contribuições culturais de um povo, que se envolve pela fé e se apegam em continuar frequentando a Serra da Piedade, crendo na história que

registra o mito da aparição. Assim, motivado pelo relato (ou até mesmo pela experiência em receber um milagre), o devoto caminha... sobe e desce morros, reza, canta e espera, ritualizando o mito simbólico:

Relatos de aparições no topo da elevação e de um suposto milagre induziram a construção de um templo católico no alto da Serra (IEPHA, 2005). Em 1770 terminou a construção da capela em homenagem a Nossa Senhora da Piedade. Registros históricos apontam que por volta do século XVIII, Antônio da Silva Bracarena e o Irmão Lourenço chegaram à Serra da Piedade e construíram um eremitério e uma igreja devocional dedicada à Nossa Senhora. A devoção mariana local se fortaleceu a partir da proclamação do Papa João XXIII, em 20 de novembro de 1958, que reconheceu Nossa Senhora da Piedade como Padroeira de Minas Gerais. Esse momento solene foi comemorado com a chegada, nesse mesmo ano, da imagem que se cultua até hoje no Santuário da Piedade (PID/Santuário, 2018). (Documento Caracterização Ambiental, 2019. p.10).

O espaço do Santuário, iniciado por dois momentos distintos, a influência portuguesa e o relato de uma aparição, permite a observação da linguagem do culto devocional mariano. Dessa forma, observamos que a devoção<sup>4</sup> a Nossa Senhora Da Piedade teve seu início com os desbravadores, que seguiam com o pequeno oratório à procura de ouro e permanece até os dias atuais, embora sendo o “ouro” uma figuração da riqueza que os homens de algum modo ainda buscam. No Santuário da Serra da Piedade, o subir a montanha é um percurso de invocações à padroeira mineira, que ganha projeções na fé e na arte, envolvida pela beleza natural do local. A riqueza material e natural do lugar exigiu, ao longo do tempo, que ele fosse conservado também por isso e não apenas pelos relatados dos milagres:

O Monumento Natural Estadual Serra da Piedade (MONAESP) foi criado pela Constituição do Estado de Minas Gerais e seus limites estabelecidos pela Lei 15178/2004. A Serra da Piedade está protegida por tombamentos federal, estadual e municipal, que assumem diferentes limites e superposições territoriais, que, de toda forma, incluem o Santuário Basílica de Nossa Senhora da Piedade, situado no alto da elevação que leva seu nome (Documento Caracterização Ambiental, 2019. p.12).

O culto mariano é considerado uma importante manifestação da religiosidade popular de Minas Gerais. A expressão religiosa cultural à Maria, na religiosidade popular, estrutura-se nos aspectos doutrinal e devocional. Assim, observada em primazia na liturgia cristã é seguida por manifestações do símbolo e do rito,

---

<sup>4</sup> Detalhes da aparição e da influência de Antônio da Silva Bracarena e do Irmão Lourenço encontram-se no site: <https://santuaronossasenhordapiedade.arquidiocesbh.org.br>.

demonstradas em orações, ladainhas e peregrinações. Desta forma considera-se o Santuário da Serra da Piedade:

Espaço litúrgico por excelência, o Santuário promove o culto cristão na Ermida, desde 1767, e na Igreja das Romarias, fundamentalmente marcada pelo encontro de grupos mais numerosos de peregrinos, pessoas de diferentes faixas etárias, grupos com distintas motivações e práticas devocionais. A Basílica de Nossa Senhora da Piedade valoriza momentos de grande significado para a liturgia cristã, congregando irmãos e irmãs em Cristo, nesse símbolo maior do cristianismo, a fraternidade. Evidencia-se, portanto, a experiência do sagrado possibilitada pela dimensão celebrativa, da ação do culto a Deus. Diante de realidades sociais desafiadoras, o Santuário da Mãe Piedade torna-se local distinto para o exercício da dimensão orante e da promoção de uma espiritualidade de encontro pessoal consigo mesmo, de experiência da alteridade e aprofundamento da fé em Deus (PID/Santuário, 2018) (Documento Caracterização Ambiental, 2019. p. 11).

Assim, neste ambiente, considerado patrimônio cultural e devocional, o sujeito religioso encontra possibilidades ritualísticas, que superam a capacidade de expressão linguística. A mística da contemplação perpassa o subjetivismo do que contempla e do que é contemplado, pois para além do imaginário cultural a expressão de fé parece se ampliar na projeção da grandiosidade geográfica do espaço, ou seja, o lugar favorece a propagação da fé, que se desdobra em agradecimentos, pedidos, súplicas, dentre outros sentimentos que escapam à observação do pesquisador. Assim, com base no diagnóstico e compilação dos aspectos do “Monumento Natural da Serra da piedade” (Documento Caracterização Ambiental, 2019. p. 105), em seu território com vasta fauna e flora, este documento busca subsidiar a execução das etapas de planejamento participativo na construção final do Plano de Manejo, onde instrumentos de gestão e proteção convergem.

A segunda base documental analisada nesta pesquisa será o “Inventário de Tombamento da Serra da Piedade”, junto ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IEPHA) de Minas Gerais. A consulta a esse acervo contribui para o desenvolvimento desta pesquisa, pois constitui referência analítica e possibilidade sistemática de acessar aspectos desta unidade de conservação, na qual o santuário referido está localizado. Dessa forma:

Na abordagem geográfica da ecologia de paisagens, o mosaico heterogêneo é visto através dos olhos do homem, de suas necessidades, seus anseios e planos de ocupação territorial, agindo em amplas extensões de seu território e lidando obrigatoriamente com escalas espaciais amplas. Esse espaço é vivenciado de diferentes formas, por meio de uma projeção de sentimentos

ou emoções pessoais, da contemplação de uma beleza cênica, da organização ou planejamento da ocupação territorial, da domesticação ou modificação da natureza segundo padrões sociais, do entendimento das relações da biota com o seu ambiente, ou como cenário/palco de eventos históricos. Assim, a paisagem é dotada da noção de “espaço”, ganhando sentido ou utilidade através do “olho” ou da “percepção” de um observador, ou seja, a paisagem nunca está no primeiro plano; ela é o que se vê de longe, de um ponto alto, sendo preciso se distanciar para observá-la (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. p.141).

De acordo com o IEPHA (2018), o espaço da Serra do Curral<sup>5</sup> engloba em seu conjunto a Serra da Piedade, a qual possibilita, neste mar de montanhas das Minas Gerais, a observação de um cenário que remete a um mosaico natural. As montanhas apontam espaços “consagrados” por natureza, ou seja, antes de serem reconhecidas como locais culturalmente de religiosidade, elas fazem parte de um patrimônio arquitetônico natural, responsável pela biodiversidade do planeta. A Terra e tudo que há nela constituem vida, de modo que a perspectiva de “casa comum”, também adotada pela Igreja Católica, presta serviço à necessidade de conservação determinada pelas políticas públicas ambientais;

Muitos praticantes da fé cristã, a partir dos textos sagrados, buscam também morros, montanhas e serras para, a exemplo de Jesus, manter seus vínculos e proximidades com o sagrado. Essa prática parece ocorrer não só na área de pesquisa, mas também em distintos espaços de Belo Horizonte e outras cidades. Espaços que se tornam elementos constitutivos para alguns grupos no processo de professar sua fé. (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2020. p. 243).

Conforme esse documento, a importância conferida às serras de Minas Gerais está promulgada na Constituição Estadual de 1989, indicando a necessidade de sua proteção, reconhecendo, em seu Artigo 84, do Ato das Disposições Constitucionais Provisórias, que: “Ficam tombados para o fim de conservação e declarados monumentos naturais os picos do Itabirito ou do Itabira, do Ibituruna e do Itambé e as serras do Caraça, da Piedade, de Ibitipoca, do Cabral e, no planalto de Poços de Caldas, a de São Domingos” (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. p. 23). Dessa forma, considera-se que o espaço do Santuário;

---

<sup>5</sup> A Serra do Curral é símbolo de resistência contra a força e o potencial destruidor da atividade minerária e representa, em tempos de afirmação da consciência ambiental, um marco da luta da população por mais sustentabilidade das atividades humanas nas suas relações com o meio ambiente e de equilíbrio entre urbanização e natureza. Agrega-se a essa importância simbólica mais geral a sua representação como marco constitutivo da identidade de municípios que compõem a região metropolitana de Belo Horizonte (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. p.260).

Serra da Piedade (Caeté e Sabará) um dos marcos-guia dos primeiros bandeirantes que chegaram à região. A formação do seu relevo e de suas rochas remonta à história geocológica da Terra, configurando patrimônio geológico, considerado como Sítio da História da Geologia e da Mineração. Esse sítio integra o programa de Sítio Geológico e Paleontológico do Brasil – gerido pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP). A paisagem cultural da serra é concebida pelo simbolismo religioso a ela atribuído (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. p. 24).

Com o reconhecimento desta documentação, em seus minuciosos apontamentos sobre a área tombada, analisar o simbolismo religioso do santuário mariano da Serra da Piedade permitiu apontar o aspecto antropológico do simbolismo devocional na caminhada humana. A ritualização presente nas manifestações devocionais constitui componente da experiência simbólica social, assim como suscita e reforça elementos identitários, conduzindo a níveis de sacralidade de espaços, de tempos e de protagonistas. Portanto, considera-se que:

A serra é lugar de caminhadas e contatos especiais com sua fauna e flora, é refúgio natural em meio ao caos urbano, dispõe-se ao ecoturismo e a percepções variadas sobre suas riquezas, é local sagrado para manifestações de religiosidade de diferentes tradições espirituais (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. p.259).

O universo religioso é histórico e diverso, dessa forma, perceber a religião na realidade humana aponta para a necessidade da observação empírica, de tal modo que as imagens a seguir procuram dar suporte para essa tentativa de interpretação. Reconhecer o local e sua espacialidade geográfica, suas características naturais, por mais minucioso que seja, é algo objetivo, haja vista a disponibilidade de documentos, gráficos, fotos, mapeamento de dados e todos os demais elementos que compõem o processo de investigação quali-quantitativo. Todavia, reconhecer os aspectos presentes na expressão devocional é por demais subjetivo e exige, pois, que algumas lentes sejam ajustadas. A saber, os critérios propostos pelas Ciências da Religião.

No espaço natural do percurso da Serra da Piedade, regularmente, encontramos objetos artísticos, produções humanas que tentam reproduzir a via sacra, por exemplo: na rememoração cultural daquilo que significou - e ainda pode significar - dor e glória, perdas e vitórias, mitos e verdades, para indistintos povos.



Foto 1: Mural da Via Sacra Santuário da Serra da Piedade



Fonte: Acervo de Adriana Balbi, 30 de jul. 2022.

Essa foto mostra uma estrutura de concreto, revestida de azulejos, formando o desenho representativo de Jesus carregando a cruz e seu encontro com as mulheres. Ao longo do percurso pela estrada do Santuário da Serra, o devoto se depara com uma estrutura geográfica natural que intensifica a mística do circuito devocional disposto de forma a conduzir a uma espiritualidade. Conforme podemos analisar na figura (01), a parede de concreto exhibe, conforme a tradição cristã no mosaico, a cena da oitava estação da Via Sacra, na qual Jesus se encontra com as mulheres que choram por Ele. A sucessão desta tradição se encontra em quatorze estações dispostas pela via de acesso, formando uma representação da história na paisagem geográfica da Serra da Piedade, cenário topográfico e cultural para as interpretações religiosas. Assim, o ambiente deste espaço considerado sagrado permite interpretações sobre a devoção à figura de Nossa Senhora da Piedade. A paisagem íngreme e avessa a uma leve caminhada potencializa os esforços que foram feitos por ela em seu tempo. Desse modo, o devoto busca repetir e registrar seus passos na renovação e culto devocional: um ciclo simbólico-ritual na constante atualização das experiências de fé.

De acordo com Gil Filho (2012), as bases conceituais da relação entre o fenômeno religioso e o sagrado consideram que o (espaço possui força dinâmica para moldar experiências. Dessa forma, lugares se inserem numa ordem pela qual a

experiência religiosa produz formas espaciais, reunindo um sistema de símbolos capaz de tornar os ambientes em algo humanamente significativo. Nesses lugares, os símbolos ganham força e realce quando estão impregnados de afetividade e significação no lugar sagrado. O simbolismo dos lugares sagrados estabelece, portanto, uma teia de elementos, o devoto, ao dirigir-se ao Santuário da Serra da Piedade, estabelece rituais que se apresentam em configurações simbólicas, pois:

O resgate do sagrado seria a tentativa de encontrar o âmago da experiência religiosa. Em que pesem todas as restrições pela experiência religiosa em várias culturas, o sagrado se impõe como base fundamental da qualidade reconhecível do fenômeno religioso. Nesse sentido, as religiões se apresentam como modalidades do sagrado que se revelam em tramas históricas e geográficas (Gil Filho, 2012. p.28).

Podemos observar a íntima relação existente entre o devoto e determinadas formas espaciais associadas ao Santuário da Piedade, como por exemplo, a fauna, a flora, igreja, túmulo, estátuas, entre outros. Dessa forma, existem várias camadas de significados que envolvem a sensibilidade da linguagem do culto devocional, pretendido nessa investigação. Assim sendo, relacionam-se com os significados religiosos e sagrados representados por Gil Filho (2012), os vínculos devocionais, que os indivíduos mantêm com os lugares sagrados, que podem ser analisados e evidenciados. Denotando que os lugares sagrados não são representados apenas na esfera individual, mas também são pontos de encontro, conferindo-lhes, portanto, um relevante significado social.

Nesse sentido, compreende-se, aqui, em conformidade com um dos objetivos específicos desta pesquisa, que conhecer o contexto histórico, geográfico, e os significados da piedade na perspectiva do devoto, é construir também entendimento sobre a importância do local para a história social e cultural das distintas gerações que por ali passam. Para tanto, os subcapítulos a seguir pretendem tratar dessa observação a respeito dos elementos que constituem o tecido devocional deste santuário: a arte impressa na imagem e a piedade representada nela, estrutura devocional da figura de Maria.

## **1.2 Mapeamento da fé: a cultura na imagem do manto e das mãos em Pietá**

O ser humano, mesmo guiado por eventos “do alto”, naturalmente precisa cercar-se de coisas concretas, chegando a fazer representações portáteis. Marconi (2008) mostra que, apesar da diversidade religiosa, é possível a análise das técnicas

ou dos rituais, e seus vestígios nas diferentes formas religiosas. A leitura da sacralidade, contida na imagem<sup>6</sup> da Pietá da Serra da Piedade, acena à possibilidade de representação do sagrado na escala devocional. A linguagem, na perspectiva da arte sacra, expressa na imagem da Pietá mineira<sup>7</sup>, está incutida no imaginário simbólico do povo católico. Nesse ponto de vista, embasada nas aproximações feitas pela autora, é possível analisar o símbolo e o rito na linguagem do culto devocional, observando o movimento do sujeito religioso na Serra da Piedade.

No percurso do Santuário, a figura de Nossa Senhora da Piedade está representada e, geograficamente, disposta em pontos específicos, de modo que nas “Senhoras”, ao longo do caminho, o sujeito religioso pode parar, meditar e contemplar. A imagem a ser analisada se encontra no Santuário da Serra da Piedade, uma escultura reconhecida e consagrada na arte brasileira, de acordo com Michele Dias (2018): “Antônio Francisco Lisboa, o aleijadinho, gênio do barroco brasileiro, artista ao qual se atribui a obra Nossa Senhora da Piedade de Caeté (MG)” (Dias, 2018, p.14). Essa autora destaca que nem toda imagem religiosa é uma obra de arte e vice-versa, porém ambas se apresentam como expressão de beleza, coincidindo, assim, na obra referida as duas dimensões. No trajeto devocional do Santuário há imagens, mas pontuamos que vamos analisar a representação da Senhora da Piedade que se encontra no interior da igreja (figura 02).

Foto 02: Imagem da Pietá interior do Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 30 Jul. 2022.

<sup>6</sup> Ressaltamos que o recorte de análise da imagem será o Manto e as Mãos.

<sup>7</sup> Considerando ser uma devoção bastante difundida, optamos por referir a Nossa Senhora da Piedade representada nesse Santuário com Pietá mineira.

Para uma melhor visualização dessa representação da Senhora da Piedade que se encontra no interior da igreja em Caeté, trouxemos a imagem publicada no Jornal Estado de Minas, a qual nos permite melhor interpretação da figura, quando temos uma imagem mais próxima do que aquela da foto 02. Nela há melhor possibilidade de percepção dos detalhes e contornos da arte sacra, embora na foto 02, os elementos de seu entorno constituem o cenário da fé, posto no altar na composição do espaço sagrado.

Foto 03: Imagem da Pietá



Fonte: WERNECK, 2023, Jornal Estado de Minas<sup>8</sup>

Essa imagem de Nossa Senhora da Piedade se encontra no interior da igreja, atrás da mesa do altar, com uma elevação superior, destacando-a no espaço litúrgico. Cabe ressaltar que essa imagem é, em sua natureza, uma matriz brasileira de tantas outras que foram produzidas com variações. Segundo Portella, “As devoções modernas, geralmente mais ligadas a aparições dos dois últimos séculos, tem tornado a Senhora mais padronizada” (Portella, 2016. p.246). Determinadas imagens encontradas no comércio possuem um anjo ao lado e outras não; enfim o intuito é padronizar, mas o que realmente fica padronizado na imagem da Senhora da Piedade, com seu Filho morto no colo, é a expressão de dor e sofrimento. A produção de imagens estava associada às primeiras formas de expressão ritual. De acordo com Dias (2018):

<sup>8</sup> A imagem foi esculpida por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em cedro, em 1767, tem 1,25 metro de altura e pesa 100 quilos. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/03/01/interna\\_gerais,1463398/imagem-da-padroeira-de-mg-voltara-ao-altar-da-basilica-nesta-quinta-2.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/03/01/interna_gerais,1463398/imagem-da-padroeira-de-mg-voltara-ao-altar-da-basilica-nesta-quinta-2.shtml)

Esta escultura apresenta sua beleza num exagero de linhas, formas e detalhes, remetendo as singularidades da beleza e da ambiguidade da experiência da morte que ao mesmo tempo possui uma feiura a qual todos viram os olhos, mas revela ao mesmo tempo algo muito além, assim como é próprio do barroco representar esta tensão em seu estilo. A escultura de Nossa Senhora da Piedade apresenta esta ambiguidade de um acontecimento trágico triste, e ao mesmo tempo sublime, singular, mas que remete a uma totalidade e ulterioridade do evento de beleza nela representado (Dias, 2018, p. 83).

Na expressão esculpida na linguagem das imagens, nas possíveis experiências, o devoto caminha na possibilidade de uma proximidade com o sagrado. Assim, na projeção advinda da obra religiosa em questão, na percepção da experiência, a imagem dá origem à história, que provém sua representação. De tal modo, pode-se, inclusive, assinalar que essa veneração da imagem da Pietá, no caminho da Serra, remete o devoto a uma narrativa subjetiva, pois:

Quando lemos imagens de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável (Manguel, 2001, p. 24).

Na ação devocional é possível observar, na imagem da Pietá, uma leitura, na perspectiva da expressividade da agonia mortal que espelha a Senhora da Piedade, ou apenas a beleza estética. Cabe essa distinção ao processo simbólico que no rito de fé o sujeito religioso dispensa à santa. Dessa forma, o símbolo perpassado na ótica contemplativa interpretativa, determina a experiência mediante o simbolismo da narrativa, um rito se estabelece entre aquele que cria a escultura e o observador, pois o procedimento de leitura da imagem cria um mundo de possibilidades, de modo que:

Nesta concepção, que une os dois termos das dimensões subjetiva e objetiva da beleza na contemplação, uma não anula a outra, mas existem e se alimentam na relação do espectador que contempla com a obra de arte formada pelo artista. A forma da obra de arte apresenta objetivamente sua beleza para ser contemplada, mas ao mesmo tempo a contemplação como ápice do processo de interpretação figura imagens a partir da imagem dada, sendo a conciliação entre a forma dada e a imagem construída para a compreensão deste processo (Dias, 2018, p. 51).

No Santuário da Serra da Piedade, o subir a montanha é um caminho de invocações à padroeira mineira, que ganha projeções na fé e nas artes. Seguindo a linha de pensamento de Dias (2018), a expressividade da obra convida ao diálogo. O

devoto, ao observar e/ou contemplar o drama gravado na imagem da Pietá, inicia um diálogo profícuo que o faz retornar, estabelecendo, assim, a simbologia do rito do retorno à experiência religiosa, pedagogicamente, esculpida, visto que:

A obra é talhada de forma diagonal, de forma que esta linha que orienta sua composição direciona o olhar do expectador que percorre a obra. Esta linha diagonal ainda oferece duas perspectivas, quando observada de frente nos oferece a imagem da mãe olhando o filho, e quando olhada na diagonal, a figura de Maria tem os olhos para o expectador e dialoga diretamente com este. Este olhar possui uma força de sua expressão de tal forma que convida o expectador a dialogar com a obra e seu drama (Dias, 2018, p. 85).

Nesse passo da intimidade, na proximidade contemplativa entre o expectador e a Pietá, destacamos além da troca de olhares entalhados por Aleijadinho, outro elemento a ser analisado: o manto, peça que, de acordo com Moreira (2018), em suas pesquisas na área têxtil, em específico no processo de vestimentas, acena um traço singular da projeção do poder do “manto” na tradição da devoção à figura de Maria. No caso da imagem da Pietá, ela não é revestida com um manto de tecido, mas sua estrutura define seu acabamento com o entalhe dessa indumentária. Ser revestida com o manto, segundo a autora permite dizer que:

Aos têxteis conferimos, portanto, a capacidade de “personificar” e “humanizar” os ambientes nos quais o ser humano vive (SCHOESER, 2003), inclusive a imaginária sacra. E, de maneira análoga, atribuir identidades individuais ou coletivas aos sujeitos. É válido ressaltar que esses artefatos podem se adequar a determinados tempos históricos e contextos geográficos, ratificando a identidade de povos diversos (Moreira, 2018, p. 43).

Foto 04: Imagem da Pietá detalhe do manto



Fonte: WERNECK, 2023, Jornal Estado de Minas

O manto que cobre a imagem de Pietá é uma indumentária esculpida; todavia, a perfeição da obra artística sugere ser esse elemento o próprio tecido, que decaído em suas dobras do alto da cabeça aos pés da santa (ou da obra de arte) chega mais próximo do devoto, que não busca outra sensação a não ser tocar neste manto. Nisso consiste a perspectiva do suposto diálogo com a imagem, ou seja, a mescla de expressões entre o esforço do artista em dar vida ao objeto e do devoto em acreditar na emanção desse “poder”.

No conjunto de observação da obra, segundo Dias (2018), verifica-se um movimento intenso de cores contratantes, que condizem com a cena, ou seja, um misto de “expectativa esperançosa e compaixão diante do sofrimento”. Porém, destacamos que o manto da Senhora da Piedade, é representado em azul:

A cor azul representa a dimensão divina, que envolveu a humanidade de Maria e pousou nas entranhas do tempo. O azul representa união com o divino. “[...] sempre profunda na contínua variedade dos tons e das formas, que vão do azul ensolarado ao azul profundo das noites” (Forte, 2013, p. 22). A cor verde representa a esperança, a beleza que apresenta esta ambiguidade do sofrimento, compaixão, finitude e esperança na beleza que se revela como ulterior (Dias, 2018, p. 93).

Ainda que possa ser apenas um adorno de época, visto que a vestimenta de Maria alude à veste própria das mulheres judias, a representação estética da imagem com o manto, alternando entre os mais elaborados e outros mais simples, compõe o processo devocional em suas diversas facetas, deixando entrever a força dessa devoção. Maria possui várias representações de imagens com mantos, um dos mais conhecidos é o de Guadalupe, seguido pelo de Nossa Senhora Aparecida<sup>9</sup>. Seja qual for à expressividade do manto, ele confere à Maria uma manifestação de envolvimento com o poder sagrado e com a realeza.

Quando se pesquisa sobre o manto, na história de Maria, destaca-se o manto de Guadalupe frente ao suposto milagre que nele se expressa. Sendo uma situação, a priori ou não, cabe ressaltar que, em outros conceitos bíblicos, o manto referencia passagens significativas para os cristãos. Olhar o manto, como protagonista da estrutura devocional, permite apontar que a história da figura de Maria foi precedida dos costumes judaicos em sua travessia humana, e ela manteve em sua trajetória

---

<sup>9</sup> Outra referência ao manto pode ser conferida em artigo publicado pela CNBB: “O manto é carisma, conjunto de valores e virtudes que podem ser imitadas! Por isso, pensando no manto de Maria, não podemos esquecer as suas virtudes! Não devemos nos fixar no manto físico, mas olhar para a pessoa de Maria!” (Ribeiro, 2021, p.2).

humano-divina essa representatividade. Não é interesse, nessa pesquisa, aprofundar a hierofania<sup>10</sup> que teve forte influência no início da instauração desse santuário, mas, no tocante á obra, essa manifestação não pode passar despercebida, visto que a devoção surgiu a partir da mesma. Esse processo culminou na encomenda da imagem já estabelecida no santuário:

Ao considerarmos, dessa forma, a indumentária como um dos códigos culturais da sociedade, ressaltamos que, além das importantes funções que desempenha ao proteger e adornar um indivíduo ou objeto, a roupa também é uma linguagem destinada a significar algo. Nesse âmbito dos vestuários, tanto os objetos quanto as diversas maneiras de vesti-los, exibi-los, olhá-los e interpretá-los ganham sentido ao se tornarem um tipo de reflexo de determinadas normas sociais (Moreira, 2018, p. 43).

O percurso devocional permite destacar o manto como uma vestimenta que sugere poder na tradição cristã. Os relatos bíblicos acenam a várias situações em que a termo “manto” se destaca em vista da cena projetada. Logo, percebe-se que possui um valor diferenciado, sendo que fora usado por reis, profetas e, no caso de Maria, a tradição do manto pode estar associada ao reflexo de terminada norma social, conforme costume do povo judeu.

Uma outra leitura sobre a influência de artefatos na construção cultural e social está na história da tradição cristã no livro de Rute. Segundo Ferreira (2020), os costumes legais servem de pano de fundo fundamental aos eventos da narrativa, podendo ser analisados na perspectiva desse livro uma convenção de proteção na sociedade vigente com o firmamento de um matrimônio, pois:

No diálogo de Booz e Rute (cf. Rt 3,9-13), esta declara que estava sob o direito de resgate dele. Booz assumiu a nova concepção legal, ou melhor, a revisão legal, mas deixa claro que havia um outro parente que teria o direito de resgate (cf Rt 3,12) e que irá tratar da questão. Quase ao final do capítulo 3, Booz se dirige à Rute pedindo-lhe que estenda o manto. Booz ao encher o manto de sementes reafirma o compromisso com Rute reforçando as conotações matrimoniais entre eles e ao mesmo tempo protege Rute de ser acusada de adultério. Por sua vez, as medidas socioprotetivas listadas logo abaixo ganham importância na narrativa de Rt 2 (Ferreira, 2020, p. 569).

---

<sup>10</sup> Apreciando o estilo do escultor iniciante e trabalhando no mesmo local, Antônio da Silva Barcarena convida Aleijadinho para esculpir a imagem de Nossa Senhora da Piedade para a capela que iria dedicar a essa devoção mariana no alto da Serra. Assim, a partir do relato de uma experiência, envolto em um imaginário religioso simbólico, uma devoção mariana trazida de Portugal, que povoava a região das Minas, constituiu-se o mito de origem da imagem de Nossa Senhora da Piedade de Caeté, MG (Dias, 2018, p. 24).



Dentre as representações do manto em diferentes tempos e espaços, volta-se, aqui, para a ritualização da imposição do manto em forma de coroação. O manto pode ser retomado na tradição católica nas homenagens a Nossa Senhora, nas ditas coroações, rito que confere à santa ou à imagem simbolismos dos objetos utilizados no rito da coroação, ou apenas no ornamento da imagem, mas remetem o devoto à temporalidade; bem como a sacralidade do espaço. Dessa forma, percebemos que “O tempo sagrado está ligado ao contexto das ações simbólicas articuladas às dimensões da imanência e da transcendência, essas ações simbólicas são também metafóricas estruturadas que reúnem as pessoas nas práticas rituais religiosas” (Gil Filho, 2012. p. 62). O que culmina na possibilidade de apontar o ato de coroar a imagem de Maria na história, no tempo sagrado, permitindo uma espécie de reavivamento sistemático; de um passado específico em uma temporalidade primordial.

Outra prática da lista de homenagens à figura de Maria, relacionada ao manto, é a tentativa de prolongar a extensão desse vestuário, em cena que ritualiza ato de fé para os católicos. Assim, um devoto segura a imagem com o manto e, ao passar por outros devotos, como num corredor de fé, oferece que o manto seja tocado. Uma performance que para os cristãos católicos significa usar o manto como um objeto sagrado que permite aproximação da imagem. Ou seja, a religação à mãe e, nesse sentido, o manto pode ser comparado com um cordão umbilical, no restabelecimento de segurança e força junto àquela que dá a vida humana, a mãe. Sentindo-se, pois, amparado por esse manto que protege, o devoto, no contexto do rito, envolve-se com a imagem e simboliza a prática de materialização da fé. Segundo Pereira (2019):

De facto, no âmbito religioso, como refere Edmund Leach, parece ser importante materializar entidades metafísicas de forma a ficarem exteriores aos indivíduos, permitindo, por um lado, a continuidade da sua existência para além da conceção metafísica e, por outro, a possibilidade de as pessoas se relacionarem mais fenomenologicamente com essas entidades (Leach, 1992, p.55-61). Contudo, essa proximidade física dos crentes com as imagens metafísicas materializadas, nomeadamente de Maria, é a expressão de uma tendência que Victor Turner apelida de “popular” para considerar “o poder sobrenatural da Virgem intimamente ligado à imagem específica, em vez de ver a imagem como símbolo desse outro poder” (Turner & Turner, 1978, p. 143), fazendo duvidar da dimensão meramente material das estátuas de invocações marianas (Pereira, 2019, p.15).

Imagens podem ser denominadas como instrumentos pedagógicos e evangelizadores, que usam coisas concretas para revelar verdades abstratas, que

usam linguagens simbólicas para comunicar o sentido da fé, uma forma de expressar a devoção pela figura que a imagem representa. A partir de tal pensamento, aplicado à geografia na perspectiva dos espaços humanos, com base no simbolismo arquitetônico do Santuário da Serra da Piedade, é possível imaginar as implicações devocionais deste espaço sagrado. O manto remete ao símbolo, reveste a imagem, pode ser considerado como linguagem, pois:

Assim como a experiência da Realidade transcendente (o Mistério ou qualquer que seja seu nome) é o núcleo do fato religioso, o símbolo é, na ordem da expressão, a linguagem originária e fundante da experiência religiosa, a primeira e a que alimenta todas as demais (Croatto 2010, p. 81).

Cabe ressaltar que para o devoto a busca por proteção visualizada no manto contém uma reserva mística, que se encontra oculta, há uma fonte à procura de ser desvelada. Consequentemente, os símbolos principalmente os religiosos nunca podem ser completamente explicitados ou esgotados. Nessa perspectiva, é possível afirmar que a linguagem das expressões devocionais percebidas nos devotos da Senhora da Piedade, codificam a cultura religiosa cristã no aspecto simbólico na “Realidade transcendente” do manto.

Os símbolos cumprem a função de comunicantes, assim buscar a proteção do manto na perspectiva de um manto materno aumenta a expectativa devocional. Repetir o rito do uso do manto, seja coroando a imagem ou sobre si mesmo, como forma de proteção, culmina em uma linguagem experiencial no âmbito religioso visando exprimir o “mistério”. Importa, pois, compreender a linguagem simbólica-ritual nessa devoção propagada no manto, ou seja, a imagem produz um discurso, e o discurso traduzido na percepção representativa do manto, é quase sempre da suposta proteção que emana da Senhora da Piedade.

Na imagem da Pietá, na intenção de mapear essa referida devoção, destacamos, além do manto, as mãos de Nossa senhora da Piedade. Embora as mãos não estejam na mesma categoria dos objetos, elas são referências para esta análise que observa o rito, pois as mãos estão presentes na articulação que sugere complementar as passagens expressas pela oração e pelo canto, acompanhando-os por meio de uma linguagem gestual.

Foto 05: Imagem da Pietá detalhe das mãos da Pietá



Fonte: WERNECK, 2023, Jornal Estado de Minas

Segundo Leloup: “Em hebraico, mão é simbolizada pela letra Y(*Yod*), que encontrada no tetragrama YHWH, que significa *Javeh (Yod hé vav hé)*, divino. A palavra mão está ligada ao conhecimento. Tocar a mão, é se apresentar, é firmar um conhecimento” (Leloup, 1998. p. 124). Nessas considerações sobre as mãos, é possível identificar uma linha de pensamento que (talvez como a angulação esculpida por Aleijadinho descrita acima), permita uma duplicidade de olhares à Senhora da Piedade; as duas mãos (mãe e filho) unidas na construção da obra de arte criam dois movimentos distintos: a fé na complementação da arte e a arte na complementação daquilo que a fé sugere. Ou seja, os traços do escultor viabilizam as construções subjetivas propostas pelo discurso religioso.

Nessa imagem, a união das duas mãos pode aludir à união divina entre Mãe e Filho. Na cena representada na obra de Aleijadinho, a Pietá mineira, confere ao sujeito religioso uma projeção da possibilidade de proximidade com o divino, na contemplação das mãos da estátua. No rito da oração, no juntar das mãos, o devoto reza as Ave-Marias, confiando nessa “proximidade”. Talvez seja essa uma característica intencional do artista, ou seja, mostrar na figura da Pietá essa união de mãos representando a presença materna em suas lutas presentes na dimensão humana. Aqui, cabe referenciar a oração, cuja letra faz menção ao “*Vale de lágrimas*”, na projeção dos sofrimentos vividos pela mãe; na súplica por misericórdia, no pedido para que mostre Jesus. A simetria retratada pelas mãos unidas se amplia noutras

dualidades: *esperança e desterro*, ambivalências que constituem o rito observado na Serra da Piedade:

Salve, Rainha,  
mãe de misericórdia,  
vida, doçura, esperança nossa, salve!  
A Vós bradamos,  
os degredados filhos de Eva.  
A Vós suspiramos, gemendo e chorando  
neste vale de lágrimas.  
Eia, pois, advogada nossa,  
esses Vossos olhos misericordiosos  
a nós volvei.  
E, depois deste desterro,  
nos mostrai Jesus, bendito fruto  
do Vosso ventre.  
Ó clemente, ó piedosa,  
ó doce Virgem Maria.  
Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,  
para que sejamos dignos das promessas de Cristo  
(Lopes, 2015. p.37).

A gestualidade proclamada nas mãos, parte do corpo humano que aproxima a representatividade humana da Pietá, evidência forte impacto nos ritos-simbólicos que constituem a devoção a Nossa Senhora da Piedade. As mãos de Maria, personagem feminina que tem com seu Filho a cumplicidade na missão, propicia um processo devocional-materno, sugere intimidade e cuidado. Propriamente dita, remete a uma vivência relacional. Segundo Croatto (2010):

A experiência humana como tal. Em primeiro lugar, como experiência humana propriamente dita, ela é uma vivência relacional: com o mundo com o outro e com o grupo humano. Em segundo lugar, está a dimensão individual dos desejos, dos projetos, das realizações ou das frustrações de qualquer pessoa. Cada ser humano constrói (e em parte traz gravado) um projeto de vida que procura realizar durante sua existência. O viver humano, portanto, oscila constantemente entre o subjetivo e o intersubjetivo ou relacional (Croatto, 2010, p. 41).

De acordo com Miranda (2000), as mãos são a parte do corpo mais citada na sagrada escritura e representam, na tradição “judeu-cristã, o conhecimento e o poder, evocam o braço e a autoridade”, dessa forma, existe um conhecimento que é o ver pelas mãos, ou seja, um conhecimento no gesto de encontro das mãos. Segundo Miranda:

O rito da imposição das mãos é muito antigo na tradição judaica e cristã. Pela imposição das mãos, todo o poder é dado àquele que é consagrado ou instituído, segundo os ritos das diferentes iniciações: profeta, enviado, bispo, padre, cavaleiro, rei etc. Simbolicamente a imposição das mãos pode representar a transferência de energia espiritual ou de poder e autoridade.

Por as mãos nas mãos de outrem representa abandonar-se ao seu poder, entregar-lhe a liberdade (Miranda, 2000. p. 178-179).

No processo devocional, o toque entre as mãos da Mãe e do Filho difere da imposição, mas a transmissão de energia espiritual é imaginada, na medida em que o devoto observa a imagem, e crê nessa transmissão. O contato é potencializado pelo encontro, ou seja, pela interseção da Senhora da Piedade, que simbolizada o alcance das mãos da santa às mãos de Jesus. Essa representação das mãos unidas pode significar para o fiel, segundo a tradição católica, a força do crucificado, ainda que morto. É Ele, Jesus, o Filho, que ensina a crer na ressurreição; e em certa medida, para o devoto sua humanidade não está ao alcance desse “deus”, senão por intermédio das mãos de Maria. Na imagem da Pietá, esse encontro de mãos, entre Mãe e Filho, traz uma representatividade devocional que condensa um simbolismo, um rito sequenciado, ou seja, uma extensão da experiência religiosa da fé católica.

Dessa forma, a representatividade do escultor Aleijadinho pode simbolizar para o devoto o encontro das mãos desfalecidas do Filho com as de Maria, sendo o elemento semiótico que expressa a denominada interseção: “Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo” (Lopes, 2015. p.37).

Apesar de não ser objeto de análise deste artigo, chamamos atenção para os detalhes da expressividade artística da estátua. Ela sugere, não apenas um encontro com a tradição cristã católica, muito bem retratada por Aleijadinho, como também, outras possibilidades interpretativas próprias à intencionalidade do artista. Assim sendo, o artista esculpiu, com suas mãos, as mãos que ligadas (de Maria e Jesus) ligar-se-iam a tantas outras na prolação da narrativa bíblica, o que de certa forma reatualiza a experiência religiosa de tempos em tempos, haja vista a peregrinação ao Santuário da Serra da Piedade. Cabe ressaltar que essa imagem é, em sua natureza, uma matriz mineira de tantas outras que foram produzidas com variações.

A análise da Pietá revela, portanto, detalhes que interessam no processo de observação da devoção. Seguindo os aspectos evidenciados e suas particularidades históricas e artísticas, revelados nesta representação de Maria, mais um ponto pode ser identificado: o “retorno”. Segundo narrativa bíblica, antes de Jesus ser sepultado, passa novamente sobre o colo de sua mãe, considerado pela religião e cultura como um “regação acolhedor”. Ressaltamos que, na espacialidade do Santuário da Serra da Piedade, o percurso da *Via crucis* tematiza a presença dessa mãe, que dá ao filho continuamente o retorno ao regação acolhedor, como retrato da compaixão. Ainda que

Jesus não esteja, fisicamente, nos braços de Maria, como, por exemplo, no Calvário, a representação do “regaço acolhedor” é símbolo da presença da força materna de Deus, ou seja, um sentimento de presença.

Foto 06: Calvário Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

A constante presença de Maria, pela *Via Crucis*, é marcada ainda na imagem da Pietá mineira (Figura 03), em que outro elemento estético: o braço de seu Filho, que despende de seu colo em direção ao chão, sugere uma sensação de total abandono nas mãos da Mãe das Dores, ou se preferirmos no “regaço acolhedor” dos braços materno. De acordo com Portella:

Na devoção às dores de Maria, o povo é solidário com o sagrado, o humano presta um serviço de compaixão ao sagrado. Inverte-se a ordem: já não é simplesmente o divino a consolar o humano, mas o humano age sobre o divino, cura-o, ameniza suas dores, vela com ele. Acarinhar o rosto de Maria das Dores, ou de Jesus em seus braços, torna-se um gesto de intimidade solidária para com o sagrado. Este paradoxo só uma religião como o cristianismo pode produzir (Portella, 2016. p. 102).

A percepção da união das mãos, na perspectiva do devoto, pode representar auxílio na árdua e íngreme caminhada, bem como um reavivar da fé que o faz repetir o rito, haja vista que existe uma frequência na visita ao Santuário da Serra da Piedade. Considerando que da mesma forma que a santa sustenta o filho, em sua

morte, ela pode transmitir ao devoto a força implícita no ritual, segurando-o, também, a cada visita realizada. O fiel renova sua expectativa de fé a cada percurso feito no Santuário, pois a figura de Maria, neste local, faz com que ele deseje revisita-la. Além disso, o devoto se solidariza com o sofrimento da Pietá, e retorna por um ato de empatia e compaixão, ou, talvez, pela força humana desta mulher icônica frente à morte. De tal modo, a imagem da Senhora da Piedade permite, aos devotos, que peregrinam ao Santuário da Serra Piedade, um encontro de similaridade em suas dores e lutas. De acordo com Miranda (2000):

No caso do humano, o que o homem pode fazer é aquilo que está ao alcance de suas mãos. A mão é uma síntese exclusivamente humana, do masculino e do feminino. Ela é passiva no que contém e ativa no que detém. Serve de arma e utensílio. Prolonga-se pelos instrumentos. A mão diferencia o homem de todos os animais e serve para diferenciar, também, os objetos que ele toca e modela. Mesmo quando significa uma tomada de posse uma formação de poder. O homem imprime seu caráter em tudo o que faz. No caso da mão da justiça, da mão posta sobre um objeto ou território, da mão dada em casamento, ela sempre distingue quem representa, seja no exercício de suas funções, seja numa nova situação (Miranda, 2000, p.178).

Assim, percebe-se que a simbologia das mãos de Maria remete à força da mulher que, na probabilidade da resiliência, traduz toda humanidade, visto sua proximidade com o divino. Maria é uma mulher encarnada, segundo a tradição religiosa católica, Ela é a mãe, e para o cristão católico representa a chegada ao divino. Ela é a Mulher que cuida, e tem, na perspectiva do fiel devoto, as mãos de quem transcende a história. Ela “está no Céu, mas é na terra que ela passeia” (Portella, 2016, p. 70).

Assumindo a expressão de Portella (2016) entende-se, aqui, que estes locais, como o Santuário da Serra da Piedade, além de serem regulamentados por Lei como patrimônios históricos e culturais, são metaforicamente os jardins por onde a Santa, ou a figura de Maria, passeia. Ela está presente “no meio de nós”, porque ali fora determinado culturalmente como sendo um ambiente de encontro daquele que crê com a sua crença. Uma devoção que constitui caminhar pela Serra da Piedade em busca da própria piedade na ressignificação e atualização da fé.

### 1.3 O significado da piedade na fé cristã na perspectiva dos devotos da Pietá mineira

Na sequência seguimos a análise que permeia o significado da piedade na fé cristã na perspectiva dos devotos da Pietá mineira, após observar a figura representativa da Senhora da Piedade na força da devoção dispensada na imagem que se destaca nesse espaço sagrado. A piedade na fé cristã refere-se a uma ação em virtude de um conhecimento que perpassa a experiência da adoração, do acolhimento da fé. A devoção observada na Serra da Piedade caminha na vivência da piedade.

No processo de análise da força dessa devoção, encontra-se definição no Dicionário de Ciência da Religião. Segundo Andrade, Silva e Boas (2022), na antiguidade greco-romana, a atitude religiosa por excelência que engloba devoção e lealdade é a piedade: uma junção entre devoção e dever, penetra as relações familiares e cívicas: “Aquele que é detentor da *pietas* é um indivíduo que cumpre seu dever com a família, com os concidadãos e com o Estado” (Andrade, et. al., 2022, p. 98). Para os autores,

Devoção, piedade, e veneração são frequentemente usadas de forma intercambiável, apesar de terem origens distintas. Os três conceitos provêm do latim e são adaptações dos significados que tinham durante o Império Romano. **Piedade** vem de *pietas*, que se tornou uma das virtudes mais importantes para os romanos e que consistia no laço de afetividade e sentido de dever que unia o indivíduo à família, à pátria e aos deuses. [...]. **Devoção** provém de *devotio*, cujo o sentido de entrega de si mesmo à divindade foi aproveitado pelo cristianismo, mas que, no tempo da República romana, se referia em grande medida a sacrifícios expiatórios. Proveniente de *veneratio*, o conceito de “**veneração**” foi distinguido no Cristianismo católico de outro conceito similar, nomeadamente adoração, do latim *adoratio* (Andrade, et. al., 2022, p. 95).

Observa-se que os devotos praticam essa tríade conceitual no santuário mariano em questão. Em visita técnica programada por esta pesquisa, no dia 07 de abril de 2023, na qualidade de pesquisadora, visitei o local. A data comemorava a semana Santa que, para a Religião Católica, significa um tempo de penitência, jejum e oração; um momento em que os santos são cobertos com um manto roxo, simbolizando o luto. Envolvidos por esta simbologia e crença, os devotos perpassam todos os intemperes da estrada para visitar a Senhora da Piedade, ainda que seja nesta data para ver sua imagem coberta, representação correspondente ao período



da quaresma. Nesta representação da imagem, ainda que recoberta, o devoto visualiza a santa em seus contornos, ou seja, ela sabe que por debaixo deste invólucro está a cena da paixão de Cristo.

Foto 07: Interior da Igreja Santuário da Serra da Piedade.



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

Na imagem acima observamos o interior da igreja, pessoas sentadas e ao fundo a imagem de Nossa senhora coberta por um pano roxo. No processo desta prática, a resignificação e/ou atualização da fé é percebida. Mas o que significa “piedade” para os devotos frequentadores deste santuário? O que faz com que este devoto enfrente o frio às 06h32, aguardando a abertura dos portões? O que podemos observar na figura abaixo: pessoas aguardando a abertura dos portões do Santuário da Serra da Piedade, carros estacionados, sugerindo a subida a pé de alguns, a neblina cobre as árvores, um clima frio.

Foto 08: Espera da abertura do portão Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

Para visita ao Santuário, eu pernoitei, em Caeté, e fiz o trajeto até a Serra da Piedade, observei muitos devotos fazendo os 15 quilômetros a pé, uns em grupo, outros em uma caminhada solitária, apenas com o terço nas mãos e uma mochila nas costas, sem contar os cinco quilômetros de distância da estrada até chegar à igreja, ou seja, ao topo da serra. Observei, ainda, que apesar de estar de carro, vários devotos não faziam o uso deles. Outra característica desta cena (fig.08) está nas diferentes faixas etárias dos devotos. Após a abertura dos portões, a estrada se transformou num mar de gente entre a geografia montanhosa desta espacialidade “consagrada à devoção da Senhora da Piedade”. Conforme imagem a seguir, os devotos entram e sobem, apegados aos seus objetos que projetam a representação dessa piedade, como por exemplo: terços, água e velas: estrada de acesso ao Santuário com várias pessoas, em destaque o terço nas mãos da devota:

Foto 09: Devotos subindo estrada do Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

A título de comparação, pode-se observar que o registro fotográfico 10, realizado no dia 30 de julho de 2022, às 9h12, a seguir, mostra a realidade devocional em curso fora do contexto religioso da tradição cristã católica de celebrar a Sexta Feira da Paixão, data em que representa a devoção à Senhora da Piedade, a Senhora das Dores, com seu Filho morto em seus braços. Ou seja, trata-se de um dia comum, quando o espaço vazio da Serra da Piedade sugere, ainda, a importância do simbolismo da data comemorativa desta piedade e Paixão de Cristo para os Cristãos. A foto mostra a estrada de acesso do Santuário, com apenas uma pessoa subindo a pé, com mochila nas costas.

Foto 10: Devoto solitário Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 30 de jul. 2022.

Em vista da observação exposta, pode-se inferir que a cena do culto a Nossa Senhora da Piedade, no Santuário da Serra da Piedade, traz a narrativa proveniente do exercício da piedade, ou seja, uma linguagem gestual (oração, canto, ladainha, caminhada, contemplação) que expressa o símbolo e o rito na experiência devocional e na perspectiva do sujeito de fé.

Segundo Dias (2018), a piedade mariana, em Minas Gerais, é uma herança portuguesa, perpassa a beleza trágica destacada na imagem da Pietá, que convoca os devotos, ou seja, a piedade em ação, realiza-se no rito de cada devoto, no exercício de seus atos de fé. O povo sobe a Serra da Piedade porque crê, tem fé, assim, pode-se dizer que devoção é a piedade em ação. Dessa forma, nas curvas da estrada do Santuário da Serra da Piedade, a via da beleza se constitui, ainda que seja a simbologia, numa beleza trágica, visto que:

Maria torna-se símbolo, pois nela habitou o mistério, sem perder sua finitude, mas comprimindo-se no fragmento humano, revelando a beleza eterna e a beleza humana conforme projeto original, nela se juntam “o céu e a terra”, ocorre a vinda do Eterno nas entranhas do tempo. Maria aponta para a transcendência (Dias, 2018, p. 84).

A expressividade da piedade do devoto cristão culmina, assim, na via da beleza na vivência da via *crucis*, no já referido percurso devocional disposto ao longo da estrada, deste topo de serra sinuosa. Ser devoto de Nossa Senhora da Piedade aponta que o coração da “piedade” se refere à devoção, compreendida em seu sentido primitivo de entrega total de si até o autossacrifício. Nesse sentido, essa topografia, que recebe a certificação de patrimônio histórico natural mineiro, não é escolhida à toa. O local, além de belo por natureza, serve de cenário para rememorar a narrativa bíblica da Paixão de Cristo. É um palco em que a fé se renova e repete a cada evento religioso, ou seja, o símbolo e o rito em ação. De acordo com Clodovis Boff, as devoções são:

Os exercícios de piedade, ou seja, as práticas externas, que revelam o sentimento interno de devoção. Sendo assim é possível dizer que devoção implica ter um afeto íntimo pela figura religiosa de que se é devoto e, por outro, prestar-lhe exteriormente as devidas homenagens, que os medievais chamavam de obsequia ou *reverentia* (Boff, 2006, 553).

A afinidade do devoto com Maria revela laços de um processo qualitativo intensamente afetivo. Assim, a linguagem religiosa, na perspectiva da piedade, está associada a práticas de rituais e hábitos simbólicos, os quais perpassam a afetividade. A propósito dessa afetividade do cristão católico com Maria, Clodovis Boff ressalta que:

Em relação à Maria Santíssima, a piedade do povo católico é verdadeiramente “visceral ou entranhada”. Os devotos tratam Maria com extremo carinho. Falam em termos de “Mãe querida” e mesmo “Mãezinha do céu”. Outros modos de falar, que denotam intimidade, são o uso do diminutivo (Santinha etc.), especialmente no mundo hispano-americano (Virgencita, Niña, Morenita, Chinita etc.). O mesmo vale para o uso do pronome “minha”, particularmente no âmbito brasileiro (Minha Santa, Minha Mãezinha e o curioso Minha Nossa Senhora) (Boff, 2006, p. 554).

Cabe, aqui, a ressalva: ser Mãe “da” Piedade confere a Maria a posição de poder dispensar essa expressividade na tríade: piedade, devoção e veneração, visto que esse tripé sustenta o arcabouço de expectativas na oração de referência a “Salve Rainha”. O termo presente na oração “Ó piedosa” tem função sintática de vocativo e revela o pedido/súplica pela piedade. Esse pedido, ainda, pode ser observado na sequência da oração, quando se repete com o vocativo “Ó clemente”.

Nesse sentido, só pode doar aquele que possui; assim, o devoto busca em Nossa Senhora da Piedade o que ele acredita que Ela tenha pra oferecer. Essa crença reforça o ato de fé, percebido nas observações *in loco*. Assim, o significado de

piedade, na perspectiva da fé do devoto cristão católico, fora visto nos ritos, que se repetem em vista da Mãe da Piedade e do símbolo ressignificado nessa devoção. Os devotos seguem a clamar o curioso “Minha Nossa Senhora”, para declarar a Ela esse amor filial e ou “visceral ou entranhada” na concepção desta experiência religiosa, no Santuário de Nossa Senhora da Piedade. De acordo com Croatto:

Do ponto de vista fenomenológico, a relação entre a ação ritual e seu efeito intencionado é a mesma que se apresenta entre o acontecimento dos Deuses (conteúdo do mito) e a instauração da realidade correspondente. Em outras palavras, trata-se de uma *eficácia simbólica* que tem que ver com o *sentido* da realidade: o que é instaurado pelos Deuses (segundo o relato mítico) também é reinstaurado pela repetição ritual (Croatto, 2010, p. 350).

Portanto, pode-se deduzir que a relação entre o devoto e a Pietá tende a representar uma ação ritual, ou seja, “trata-se de uma *eficácia simbólica*”, visto que o símbolo Maria estimula esse processo cíclico que corresponde ao vivenciar da piedade no Santuário da Serra da Piedade. Tal linha de pensamento corrobora os apontamentos de Portella pois:

as relações devotas com Maria poderiam corresponder ao conceito de “ação sobre ações”, ou seja, os devotos conhecem o domínio de ação e intervenção de Maria e, recorrendo a ela, buscam induzir ou conduzir suas ações a seu favor, ou de outrem, e creem que o desenrolar posterior de suas vidas está intimamente sob custódia – sub praesidium – da Virgem (Portella, 2016, p.96).

O significativo da piedade, na perspectiva do devoto, perpassa a prática do sujeito religioso. A devoção em ação culmina no gesto piedoso, que o leva a recorrer à Maria em todas suas necessidades, chegando ao ponto de implorar a ajuda celestial imaginada na Senhora da Piedade, ao longo dos tempos. Em todos os lugares, os devotos “creem que o desenrolar posterior de suas vidas está intimamente sob custódia”, e assim, em todas as coisas, no percurso de suas lutas, recorrem à santa em suas dúvidas, para que as mesmas possam ser esclarecidas; em seus desvios, para voltar ao bom caminho; e em suas tentações, para que Maria os ampare. Dessa forma, aponta-se que o significado da Piedade, no processo da fé Cristã, na perspectiva dos devotos da Pietá brasileira, culmina, sobretudo, de um modo mais particular, nesse santuário. Isso, porque, a manutenção da experiência de fé está constantemente exibida no local, seja pelos atos praticados, na contínua mortificação; seja desde a espera da abertura dos portões; seja apenas em uma parte do trajeto, como tentativa de similaridade à *via crucis* em encenação à piedade suplicada a Deus

por Maria. Logo, a devoção em prática, ou seja, a piedade expressa no devoto da Pietá mineira que está localizada, neste espaço sagrado, confere a ele, a força para voltar e contemplar a Senhora da Piedade, na Ermida do Santuário, na menor basílica<sup>11</sup> do mundo, ainda envolta na neblina, conforme registro abaixo.

Foto 11: Basílica encoberta pela neblina Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

Percebe-se, assim, a sensibilidade do devoto da Pietá mineira, sua devoção se distingue pela resiliência e simbolismo ritual que ela contém. Nessa concepção, infere-se que os símbolos e os ritos se enraízam no mundo dos seres humanos. Ou seja, o ser humano, o rito e o símbolo não devem ser compreendidos fora da cultura que, por sua vez, é construção humana e histórica. Assim, a figura de Maria no Santuário da Serra da Piedade, em vista da piedade, na perspectiva do devoto da Pietá mineira, remete ao aspecto de reserva de sentido de que o símbolo possui, e requer silêncio frente à magnitude deste espaço sagrado.

---

<sup>11</sup> Segundo dados do site: <https://santuarionossasenhoradapiedade.arquidiocesebh.org.br>



## **CAPÍTULO 2: O SÍMBOLO NA LINGUAGEM A NOSSA SENHORA DA PIEDADE**

Este capítulo pretende descrever aspectos da Ciência da Linguagem Religiosa, bem como o símbolo no culto devocional referente à figura de Maria. Para tanto, será utilizado os conceitos de Nogueira (2012, 2013, 2016), no embasamento e estruturação da análise da Linguagem Religiosa pretendida nesta pesquisa. A referência crítica de Croatto (2010) contribuirá, no sentido de dialogar e refletir com sistematicidade os distintos aspectos presentes nas narrativas simbólicas relacionadas à figura de Maria, para além do religioso verossímil. Por uma interpretação que privilegiará olhar os símbolos como constituintes da cultura, procurar-se-á justificar o imaginário que os cristãos católicos construíram em torno de Maria como elementos que também mantém sua atualidade. São símbolos que representados pelo discurso ultrapassam os desafios do tempo de Maria e continuam servindo de modelos noutras épocas e locais.

### **2.1 Aportes teóricos sobre a ciência da linguagem religiosa**

O ser humano é um ser de linguagem, tanto quanto a religião que, entrelaçada na sociedade, está conectada à comunicação. Ambas interagem, haja vista, que a transmissão de preceitos de fé se expressa em processos comunicacionais. Paulo Nogueira (2013) acena uma tensa relação entre os universos Religioso e Linguístico. A observação do processo linguístico-religioso aponta a impossibilidade de esgotar toda a experiência religiosa. Corroborando essa linha de pensamento, lançamos mão da definição etimológica que conceitua: “Linguagem é qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais sonoros, gráficos gestuais etc. Para exteriorizar qualquer sistema de símbolos ou objetos instituídos com signos; códigos” (Houaiss; Villar, 2001. p. 1763).

Uma segunda definição nos remete à complementação desta linha de pensamento, tal qual o dicionário de filosofia em apontar que uma das expressões do ser humano no processo do diálogo é materializada pela linguagem: “A linguagem é um momento do logos ou é o próprio logos” (Mora, 2001, p. 422.). Ou seja, a palavra é uma projeção das relações humanas, sintetizando um ato nela mesma. A linguagem é a expressão da estrutura comum a todo o idioma. A língua é a linguagem como



fenômeno de uma comunidade humana, pois a palavra é a linguagem como fenômeno individual, mas também coletivo (Mora, 2001).

Pode-se, assim, analisar que a linguagem é uma construção cultural, foi sendo apropriada, sendo denominada de acordo com seu “uso”. O ser humano é envolvido pelo universo linguístico nas diversas expressões linguísticas: artificial, familiar, infantil. Chamamos atenção à figurada, ou seja, ao estilo de linguagem que se caracteriza pelo emprego sistemático de figuras de palavra, que comportam mudança de sentido, como a metáfora, a metonímia, a hipérbole bem como a simbólica: aquela que emprega símbolos, específicos no sentido de tornar claras e precisas as formulações (Houaiss; Villar, 2001, p.1764).

A linguagem na história também foi denominada religiosa ou da religião e, como as demais estruturas do campo da comunicação, essa associação possui uma gramática própria. Partindo do pressuposto que a religião caminha em uma trilha de construção evolutiva, uma definição fechada do termo “religião” poderia engessá-la como um conceito universal, enquanto o trabalho analítico deve seguir a linha flexível. De acordo com dicionário de Ciência da Religião: no caso da “religião é necessário verificar quais aspectos específicos da realidade social uma comunidade linguística tem em mente ao usar a palavra ‘religião’ ou - no caso de povos extra europeus - um termo equivalente” (Usarsk, 2022, p. 781). Isso não significa que o termo em questão não seja passível de uma etimologia lógica, assim a alternativa acolhida nessa pesquisa é a da fenomenologia da religião, ou seja : “que entendem uma religião como uma reação do ser humano à existência do “sagrado” (Usarsk, 2022, p.783).

Dessa forma, de acordo com Nogueira (2013), o sujeito religioso no processo do mistério da manifestação religiosa recorre aos gestos, imagens e narrativas, na tentativa de externar o fenômeno, chegando ao limite das línguas ignotas. Assim, Nogueira levanta a perspectiva de que o sujeito religioso “tem sua experiência religiosa na solidão”, mas sempre “representada por algum tipo de linguagem”, pois a mesma é subjetiva e intensa, mesmo quando expressa em sussurros, gritos ou em silêncio. É possível, então, apontar que religião e linguagem são temas de uma pertença intrínseca, ainda que a linguagem cotidiana não abarque toda a “tagarelice” do sujeito religioso.

Nessa perspectiva, a Linguagem da Ciência Religiosa está presente no processo da experiência religiosa. Trata-se, pois, de uma referência intrínseca às experiências de mundo do sujeito religioso. A significação da natureza linguística não

existe de modo aleatório na religião, mas constituindo um diálogo. O ser humano vive num processo de comunicação que não se percebe em outras espécies, de modo que a arte de comunicar torna naturais operações complexas. Tem-se, por exemplo, a articulação entre a intenção, o pensamento e a fala, resultado da necessidade de expressar a visão de mundo do ser humano.

Uma das considerações centrais em Nogueira, no *Compêndio de Ciência da Religião*, também encontrada em outros textos seus<sup>12</sup>, remete à caminhada na trilha da investigação da linguística religiosa. Mas o que seria a instigante área de pesquisa da Linguagem religiosa? Segundo a linha de pensamento de Nogueira (2013), ela tem como princípio analisar conceitos normativos da semiótica linguística na sistematização possível da estrutura dialética da experiência do fenômeno religioso. Podemos dizer que:

no ritual religioso como um texto complexo composto de diferentes subtextos: palavra oral, palavra escrita, palavra cantada, gestos litúrgicos, danças, decoração do espaço, símbolos, vestimentas, disposição de pessoas interação entre as pessoas e o espaço, a leitura e a entonação dos textos e cantos etc (Nogueira, 2013, p.452).

Nesse sentido, essas considerações são fundamentais para realizar um dos objetivos específicos propostos por esta pesquisa quanto à observação e a descrição da linguagem do culto presente na narrativa simbólica devocional à figura de Maria no Santuário da Serra da Piedade. A ação do devoto nesse Santuário serviu como amostra do que aponta Croatto (2010), sobre a experiência humana ser um ato relacional e, como tal, exerce uma forte influência na socialização das experiências religiosas.

A chave de aprofundamento, do conhecimento da experiência religiosa, corrobora os conceitos de Nogueira (2013), pois na pesquisa da linguagem podemos analisar que o sujeito religioso é um ser que utiliza a comunicação, a linguagem para externar sua experiência com o sagrado. A Experiência cultural aponta uma narrativa. A partir do entendimento de que todas as culturas e todos os povos tiveram e tem uma expressão religiosa:

---

<sup>12</sup> Nogueira, Paulo Augusto de Souza (ORG). *Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas. 2011; Nogueira, Paulo Augusto de Souza. *Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, abr./jun. 2016.

As religiões são o testemunho das línguas que os seres humanos usaram para dirigir-se ao seu criador. Do grau de parentesco entre as línguas indo-europeias, pode-se deduzir o parentesco dos mitos dos povos e sua unidade religiosa fundamental (Croatto, 2010. p. 51).

O extenso uso da linguagem presente em suas diversas formas no meio religioso elenca questões sobre a relação entre linguagem e religião, ao ponto de observar a tentativa de materialização da experiência religiosa. Dessa forma, há uma busca de tornar palpável e decifrável o que está no campo experiencial, na procura de uma possível sistematização da proximidade do ser humano com o divino. A linguagem religiosa deve ser entendida como conceito que analisa a experiência do devoto, não a reduzindo, mas buscando uma possível compreensão. Segundo Nogueira (2013), ao afirmar a existência da linguagem no universo religioso, estaríamos alegando que a experiência religiosa é um a priori da consciência, “ou o contrário uma impossibilidade de separação da religião e sua experiência na linguagem”. Assim, na visão do autor, antes de precipitadas afirmações, é fundamental observar a importância da linguagem para o ser humano.

No percurso dos levantamentos que compõe o aporte teórico da ciência da linguagem religiosa, a proposta de Nogueira (2013) é de prudência nas afirmações, revela que a linguagem ainda que constituinte do universo humano aponta a análise de um processo de experiência em evolução, sendo necessário analisar os primórdios da civilização. Ou seja, o prisma da linguagem religiosa revela a uma tríade que envolve os sentidos: visão, pensamento e expressão. Tal estrutura culmina na experiência devocional como uma tentativa de externar a mística do *religare*, sendo essa uma das dimensões do ser humano, pois ele passeia por vários mistérios. Segundo Croatto:

Não é difícil perceber que as variações infinitas da expressão simbólica são uma evidência do inesgotável, que é a experiência do sagrado. Isso clama por uma **mediação**. O Mistério é percebido no nível da mediação; o sagrado, enquanto realidade transcendente, mostra-se (hierofania) e, ao mostrar-se, limita-se. Mas, dessa maneira, ao revestir um objeto ou uma pessoa de sacralidade, torna possível ao ser humano comunicar-se com o transcendente, o sagrado em sua forma absoluta, o divino. O *símbolo* religioso está localizado, em primeiro lugar, "entre" o totalmente Outro e o sujeito humano que o experimenta. Em razão da sua relevância, tanto para o *homo religiosus* que nele se comunica essencialmente como para seu destinatário social e para o estudioso, devemos fazer a descrição mais completa possível (Croatto, 2010. p. 83).

A simbologia intrínseca da perspectiva de “comunicar com o transcendente” conforme Croatto (2010) assinala que a estrutura da linguagem religiosa, perpassa a experiência “*homo religiosus*”. Nogueira (2013), embasado em Deacom, aponta que a “linguagem não é resultado natural e necessário do processo evolutivo, mas antes um paradoxo”. Ou seja, ela vai além do natural, permanece evoluindo, no procedimento comunicacional experiencial beira o transcendente. Se analisarmos a evolução do *Homo sapiens*, na expressão da fala isso é facilmente observável, visto que na estrutura do corpo humano percebem-se poucas alterações. A evolução linguística foi maior que a física, nos primórdios da civilização o ser humano se comunicava por traços rupestres, hoje, temos desenhos gráficos, um processo que abarca várias decodificações, porém a estrutura física apenas passou a um caminhar ereto sendo que biologicamente não teve grandes alterações. Podemos dizer que a linguagem religiosa abarca várias expressões religiosas, essa grande evolução linguística também ocorreu no fenômeno religioso, em várias formas de manifestações. Dessa forma, é notável que não haja processos linguísticos simples, ao ponto de poder afirmar que a diferença fundamental, entre a linguagem humana e a animal, reside na referência que a espécie cultural humana é dotada, ou seja, a representação simbólica.

Portanto, a linguagem, a partir da representação simbólica, cria e molda a visão de mundo do ser humano, nessa perspectiva do processo inicial da comunicação também como um veículo cultural. Nesse ponto, podemos verificar que no processo de reprodução do símbolo, a experiência humana sugere um processo evolutivo característico tanto na religião quanto na linguagem. A fusão do sujeito com o objeto culmina no sujeito religioso, essa duplicidade encontra um discurso único na dialética religiosa, visto que a experiência devocional se revela por meio de formas rituais que:

É possível perceber a importância da linguagem simbólica, matriz de toda linguagem religiosa: Partindo do pressuposto de que existe uma realidade inexprimível, porém, vital para o ser humano, como se poderia falar dela? Como o inexprimível pode chegar a ser expresso? É essencial que o inexprimível, *enquanto inexprimível*, seja expresso. A impossibilidade de expressá-lo não poderia ser suprimida. Pois não se trata, em última instância, de recuperar o inexprimível no domínio do exprimível por um truque ou por uma extensão sutil da linguagem corrente (Croatto, 2010, p.63).

Ou seja, não se trata de analisar a linguagem religiosa a partir dos acontecimentos dela, mas de manifestações da experiência do devoto que transita

entre linguagens, sendo a religião uma delas. Partindo do pressuposto do transcendente, a linguagem religiosa é também simbólica e ritual, pois “das linguagens da religião, o símbolo e o rito expressam mais o sentimento; o mito contém um elemento de inteligência” (Croatto, 2010, p.69). Desse modo, uma das características fundamentais do ser humano é estar sempre em busca, gerando consciência das necessidades e das limitações. A partir dessas constatações, Croatto (2010), estabelece uma análise das experiências religiosas. Segundo ele, as experiências religiosas são relacionais e as necessidades são saciadas na esfera da transcendência: as físicas por milagres, as psíquicas pela paz, o gozo da glória e as socioculturais por uma nova ordem social e o surgimento de um mundo novo. No conjunto de seus conceitos o autor destaca a capacidade do ser humano de imaginar, passando do fragmentário ao totalizador (condensação de experiências), do finito ao duradouro é sem limites.

Segundo os levantamentos de Nogueira (2013), Deacom aponta que o ser humano está adaptado para o mundo virtual de comunicação social em que vive a duplicidade do virtual que constitui símbolos e sentidos, e do material, incidindo em objetos concretos e eventos. Essa dupla realidade é assimétrica, constituindo, assim, da observação da limitação sensorial do ser humano em comparação com os animais a evidência da vivência humana nos dois níveis. Essa duplicidade de realidade humana aponta a religião como construtora de “novas abordagens” simbólicas, produtos da imaginação, da compreensão moral e da expansão da espiritualidade. Dessa forma, para Nogueira “a religião não é um mero subproduto de condições históricas, específicas, mas é uma articulação da linguagem simbólica e dos processos de consciência de alto nível (high- order processes) que acompanha o *Homo sapiens* desde seus inícios” (Nogueira, 2013, p.448). Noção essa que interessa para a observação feita no Santuário da Serra Piedade no que diz respeito aos símbolos e ao culto devocional.

Na trilha das concepções teóricas sobre a ciência da linguagem religiosa Nogueira (2013), em uma segunda abordagem, oferece o processo investigativo da linguagem Religiosa, analisando a obra de Merlim Donald. Nisso, ele observa a explanação da cultura e pré-história até o homem moderno, na sistematização do percurso do desenvolvimento que envolve o processo da evolução humana. Donald estrutura o desenvolvimento da mente, cognição e cultura em uma tríade que comporta estágios e transições.

A primeira, na forma de linguagem e representação: em que ocorrem atuações da percepção mimética, desenvolve “o poder de auto evocação de memórias”, e na forma de expressão mimética o homem adquire domínio do corpo, bem como um arquétipo da representação corporal. A segunda, da cultura mimética à cultura mítica: tem seu início no *homo sapiens* e “é a que mais se relaciona com a linguagem em seu sentido estrito”, que remete à necessidade de definição, tendo no processo léxico a função de definir e redefinir o mundo. Assim, a fonologia e a sintaxe aparecem a seu serviço como uma consequência. A estrutura da narrativa floresce como força basilar da linguagem que tem no mito sua expressividade cognitiva por excelência, pois a “cultura mítica favoreceu a integração do conhecimento” desenvolvendo, pois, a possibilidade narrativa da sociedade. A terceira, do armazenamento simbólico externo até a cultura teórica, que acena para a transição atual. Diferente das transições do processo evolutivo do ser humano analisada desde sua origem, este terceiro passo se dá na forma de transição tecnológica, acenada no “armazenamento externo de memória” (Nogueira 2013).

Esse processo incrementado da memória com a invenção de símbolos visuais compõe o processo artístico e de sinais gráficos, “da cultura letrada por fim do pensamento abstrato”, de tal modo que “todos nós somos articuladores de expressão mimética, mítica e abstrata”. Tal constatação evidencia que “O último estágio do desenvolvimento da cultura e da cognição, proposto por Donald, sugere que um tipo de cognição especial se desenvolve quando o *homo sapiens* faz uso do suporte externo de armazenamento simbólico” (Nogueira 2013, p.450). Assim sendo, Nogueira (2013) levanta a questão de como - neste “armazenamento externo” - poderia ser reconhecido e analisado os primeiros vestígios de registros religiosos; como encontrar sistemas representativos religiosos anteriores à escrita; e qual o papel da religião nesses primeiros sinais de linguagem simbólica presentes na pré-história. Para o autor, nessas indagações consistem no ponto central da problemática entre arte e religião do período pré-histórico. Ele aponta um conceito que esteja acima destes e que englobe as classes: arte e religião.

Podemos acenar na perspectiva da ciência da linguagem religiosa, aspectos que transitam entre a complexidade da arte e religião produzindo uma mensagem, desde o “período pré-histórico”. Para que ocorra a harmonia elencada em Deacom, Nogueira (2013) denomina o conceito híbrido de: “complexo simbólico arte/religião”. Na perspectiva teórica de Deacom e de Lewis Willians, Nogueira, adota similar linha

de pensamento, não insistindo em separar os conceitos de estéticos e religiosos; logo, considera que as “pinturas rupestres nos oferecem um caso paradigmático de encontro do mimético (ritual), da técnica (pintura), da linguagem, da imagem (memória externa) articulados em torno do fenômeno religioso xamânico” (Nogueira, 2013, p.451).

No aprimoramento da pesquisa na perspectiva do processo da ciência da linguagem religiosa, Nogueira (2013), aprofunda a relação entre religião e linguagem, embasado nas evidências arqueológicas. De acordo com seus levantamentos, as representações religiosas surgem nas sociedades pré-históricas como produtos complexos, sincréticos e esturrados. Ele explicita, ainda, o conceito semiótico de texto, usando a fonte primária do semioticista russo Iuri Lotman, sistematizando que: “Texto é toda unidade estrutura da de informação” que pode ser de caráter simples e técnico, privilegiando transmissão correta da informação. Segundo Lotman, o que difere textos mais e menos complexos é a natureza do conteúdo, alguns são apenas mensagens, isto é, transmitem um acontecimento; outros, porém, armazenam repertórios culturais e históricos, ultrapassando a mera transmissão de informação.

Assim sendo, o percurso evolutivo da ciência da linguagem religiosa, evidencia que os textos da cultura são híbridos e hierarquicamente organizados. Tal linha de pensamento remete a analisar um ritual religioso que na sua liturgia própria envolve gestos, narrativas e imagens, as mais diversas. Os rituais fornecem códigos às formas de expressões religiosas, Nogueira (2013) aponta a possibilidade de o processo da linguagem religiosa fazer o velho caminho novo, em constante repetição espiral, na medida em que ao novo se atribui velhos sentidos e vice-versa. Assim, o arcabouço teórico, que embasa esta pesquisa, considera a religião e arte um processo de cientificidade, tornando-as uma estrutura metodológica e sistemática do processo investigativo da linguagem religiosa.

Nogueira (2013), em referência a Lotman, esclarece que os textos culturais privilegiam a criação de novas mensagens, de modo que os textos da cultura possuem capacidade de moldar o mundo. Eles são codificados em: linguagem natural (regras da linguagem falada ou da icônica), “e a codificação própria de seu âmbito específico, no caso, da linguagem religiosa ou artística, que também funciona como uma espécie de linguagem” (Nogueira, 2013, p. 451). Tais textos remetem aos poemas, e podem ser pensados mediante os diferentes rituais religiosos constituídos por palavras orais e escritos, cantos, indumentárias, ambientes dentre outros.

Porém, a complexidade dos textos da cultura, segundo Nogueira (2013), não justifica sua centralidade, sua importância, ela está na possibilidade modeladora de mundo ou, segundo Lotman, na modelagem de segundo grau, o que permite a linguagem cultural estruturação de novos textos culturais. Essa leitura de Lotman permite considerar novos aspectos da religião, para além da ideia de representar o mundo pela linguagem. Isso porque nas linguagens da religião há dupla codificação: desde a linguagem natural, mais simples, presente na língua falada, até mesmo os sistemas estruturais de muita complexidade. A essa característica mais sofisticada da linguagem, usada na religião, reside, segundo o autor, uma proximidade com a arte, pois se tornam ambas as redes de profundas e intermináveis construções simbólicas. Dessa forma, a linguagem religiosa pode ser entendida como esboço sistemático devocional também pela via da beleza, principalmente, no campo da arte sacra.

Os conceitos linguísticos associados ao fenômeno religioso lançados descrevem que a ciência implícita na linguagem religiosa é produtora de sentido e perpetua, moldando tempos e histórias. Dessa forma, na perspectiva da linguagem religiosa é possível perceber que a religião produz uma linguagem e vice-versa. O ser humano é um ser próprio de linguagem, seja ela da arte ou religião, pode ser percebida nos livros sagrados, nos artefatos, ou seja, a linguagem está presente na experiência de fé com o sagrado. Tal observação possibilita analisar a experiência do ser humano com o divino; assim, a linguagem religiosa na sua vertente mais basilar constitui a percepção dos aspectos fundamentais entre religião e linguagem e como ambas se relacionam entre si.

A possibilidade de sistematização da linguagem religiosa perpassa níveis impregnados pela essência do ser humano. Os conceitos linguísticos foram aprofundados na tentativa de organizar um pensamento lógico para o discurso religioso visto que toda religião produz linguagem. A perspectiva da linguagem religiosa desenvolvida por Nogueira (2013), a comunicação religiosa entrelaçada na sociedade produz a linguagem da cultura, não sendo apenas um falar, mas um comunicar que coloca nos “trilhos” a experiência religiosa, ou seja, episódios, que envolvem o sujeito religioso. Dessa forma, encarrilhados, a viagem segue no ritmo dos símbolos e dos ritos que representam algo singular; pois ainda que estejam no mesmo vagão, puxados por uma máquina chamada religião as curvas da estrada linguística-religiosa revelam experiência única para cada viajante.



A linguagem religiosa perpassa a expressão humana religiosa e vice-versa. Ambas produzem uma comunicação, desta forma, as ciências da linguagem e da religião, possuem um ponto de confluência: a experiência religiosa observada no sujeito religioso. A linguagem religiosa em sua expressão devocional ultrapassa símbolo e o rito, ou seja, pode ser considerado ponto em comum nas manifestações religiosas; porém, ainda que haja “repetição”, ela não é mecânica, não obstante o símbolo faz o elo de “ligação” com o sagrado e essa ligação é atualizada no culto. De forma que, no ato de cultuar associado a atualização da vivência – experiencial, a religião está entrelaçada a sociedade, ainda que subdividida em uma linha tênue entre o sagrado e o profano.

## **2.2 Símbolos e aspectos simbólicos do ser humano**

Tendo percorrido o significado da linguagem religiosa, passamos a avaliar a mesma no dialeto do devoto, ou seja, como ele se faz expressar pela lente da fé a sua experiência religiosa. Nogueira (2013) traz o conceito da linguagem da religião com proposta em uma estrutura, cognitiva e semiótica, conforme vimos. Observou-se que o sujeito religioso é perpassado por um processo de representação que podemos denominar de linguagem simbólica. A mesma analisada na perspectiva da natureza simbólica do ser humano encontra-se intercalada ao fenômeno religioso, culminando, assim, no âmbito simbólico da experiência religiosa. Desse modo, o símbolo religioso compõe parte integrante da tradição religiosa e de seus rituais, apresentando-se, muitas vezes, como objeto de veneração.

Nesse sentido, o símbolo religioso consiste em uma manifestação ou sinal da crença, levando-nos a analisar que a linguagem simbólica, pela via religiosa, expressa uma fé, isto é, um tipo de representação do sagrado. A linguagem simbólica religiosa ocorre na identidade cultural, pode ser caracterizada por vários aspectos, porém os mais percebidos e importantes são respectivamente a língua (idioma predominante) e a religião (culto predominante), esses são elementos culturais que diferenciam as sociedades. As formas de linguagem consideradas sagradas podem ser expressas por meio de livros, histórias contadas, músicas, danças, poesias, pinturas, desenhos, esculturas ou outras formas. Logo, os textos sagrados podem ser orais, escritos, pictóricos ou outros, permitindo-nos dizer que existe um entrelaçamento entre a

realidade humana e a busca de proximidade, de uma comunicação que está imbricada na linguagem simbólica e que visa externar a experiência religiosa.

Logo, os textos considerados sagrados, seja na modalidade escrita ou oral, estão repletos de significância de uma comunicação imbricada na linguagem simbólica. Eles sugestionam uma proximidade entre a experiência humana (a cultura) e as abstrações próprias do discurso religioso. Tal expressão pode ser entendida a partir da teoria de Saussure (2008) acerca dos signos linguísticos, pois os signos linguísticos (palavras), ou imagéticos (imagens) podem corresponder a significantes (coisa) e significados (conceitos) diferentes; no caso da linguagem religiosa, a cultura modificaria essas relações, ora aproximando ou mesmo distanciando os signos de seus significantes significados.

A linguagem do culto devocional a figura de Maria ultrapassa o rito e o símbolo, vai além-muros da instituição. O imaginário que os cristãos católicos construíram em torno de Maria são elementos que também mantêm sua atualidade. São símbolos que, representados pelo discurso, ultrapassaram os desafios do tempo de Maria e continuam servindo de modelos noutras épocas e locais. Mas, se toda religião produz linguagem como a linguagem simbólica se revela? Podemos dizer que o sujeito religioso exerce sua dinâmica simbólica ao praticar sua experiência devocional. A vivência do símbolo possui influência na dialética religiosa a partir do momento em que o devoto na caminhada de fé vai significando e ressignificando a sua relação com os objetos em seu entorno.

O sujeito religioso se expressa simbolicamente no processamento da mensagem recebida, bem como na tentativa de manifestar a mesma. De acordo com Croatto, “O ser humano religioso é aquele que, em sua atitude e no seu comportamento, vive a ação daquela *força* transcendente, manifestada nas coisas ou em determinados seres” (Croatto, 2010, p.53). Em observação no Santuário da Serra da Piedade pode-se identificar aquilo que os devotos consideram “o sacrifício da subida” e que para eles representa a simbólica passagem bíblica que descreve a caminhada pelo deserto, o estar sozinho para somente assim chegar à compreensão ou ao sentido do mistério sagrado.

Foto 12: Mulher subindo a estrada Santuário da Serra da Piedade.



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

Nessa perspectiva, o sujeito religioso, na sua experiência no Santuário da Serra da Piedade, busca proximidade com o divino, em particular com a Senhora da Piedade, professa sua fé procedendo de forma devocional extrema, haja vista que existe a presença de pessoas com deficiência. Interessa-nos destacar que mesmo havendo a possibilidade de acesso pelo transporte, o devoto procura simbolizar caminhando a pé, de joelhos, descalços “o sacrifício” e a sua solidariedade à dor da Pietá. Os registros fotográficos, aqui, evidenciam isso, visto que foram realizados na Sexta Feira da Paixão, data que, para os cristãos católicos, é considerada tempo forte de penitência, jejum e oração. De tal modo, a linguagem simbólica esboça a realidade implícita no sujeito religioso, corroborando o conceito de Croatto:

O símbolo "remete" a outro nível da realidade, que é um objeto deste mundo fenomênico capaz de "trans-significar" outra coisa. Por conseguinte, o símbolo não é uma repetição do que expressa a linguagem comum ou a linguagem científica. Essa coincidência o anularia, tornando-o inútil e vazio. Tampouco é uma *metáfora*, ainda que essa palavra corresponda-lhe etimologicamente enquanto "leva mais adiante" (grego: *meta-fero*), ou seja, para outro significado (Croatto, 2010, p.91).

O ser humano é simbólico por natureza, frente ao fenômeno religioso não é diferente, pois ele busca "trans-significar" sua fé, usando formas devocionais. Seja subir ou descer o percurso do Santuário da Serra da Piedade, demonstrando a busca

de similaridade no sofrimento com a Senhora das Dores e de seu Filho, ou apenas na contemplação, na oração, os aspectos simbólicos são evidenciados. A figura de Maria, na expressão simbólica se revela na devoção que engloba o transcendente no condescendente, ou seja, extraordinária e poderosa, mas próxima da experiência de fé do devoto. De acordo com Croatto, “Toda expressão religiosa é simbólica e não existe sem o símbolo: um dado que abre caminhos e orienta” (Croatto, 2010, p.9), na mesma linha de pensamento, segundo Nogueira (2016), o processo de análise da experiência religiosa compila a expressividade do ser humano. O corpo do sujeito religioso fala com expressões, gestos, lágrimas, cantos, sussurros, palavras gesticuladas, tendo em vista a comunicação com o divino e a experiência dela, ou seja, externar a mística do encontro com o totalmente outro, com o transcendente. Dessa forma, o sujeito religioso lança mão de recursos linguísticos e a experiência religiosa se constituirá também na indução pela linguagem, por meio de hinos, orações, ladainhas, mantras e na leitura de textos.

Foto 13: Criança carregando a cruz Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

A simbologia da cruz na religião cristã católica remete ao sacrifício, observados na via devocional do espaço em pesquisa, o ato do sujeito religioso é uma ação de "trans-significar", ou seja, uma forma de solidariedade no sofrimento. O gesto

simbólico de carregar a cruz em uma procissão, na sexta feira da paixão, pode ser uma tentativa de traduzir em códigos humanos o sentido representado no Calvário, no qual a Senhora das Dores estava presente. Essa tentativa de sistematizar a mística da crucificação na simbologia da cruz permite analisar no âmbito experiencial a devoção cristã católica, pois segundo Croatto:

O símbolo é eminentemente relacional. Como também a experiência religiosa sua expressão simbólica deve sê-lo também. Pelo símbolo o *homo religiosus* solidariza-se com o cosmo, com os outros seres humanos e especialmente com o Mistério. Pelo símbolo são reconhecidas as pessoas iniciadas de uma comunidade: a cruz é "signo" (para qualquer um!) de que seu portador é um cristão, mas é "símbolo" do mistério redentor só para quem experimenta esse mistério. Sua menção verbal ou sua representação artística tem uma função comunicativa na comunidade de fé (Croatto, 2010.p.107).

Os símbolos são um produto do ser humano e, mais especificamente, o ser humano é o único capaz de criar símbolos e sistemas simbólicos. Dessa forma, o imaginário do *homo religiosus* visualiza na figura de Nossa Senhora das Dores, a continuidade da cena da maternidade espiritual que Ela recebeu no momento da Paixão. Nessa perspectiva, os aspectos mais profundos da realidade devocional são revelados pelo símbolo. No símbolo, o ser humano pode mediar uma compreensão da experiência com o sagrado. Dessa forma, podemos analisar que o sagrado interage com o ser humano, o qual parece buscar proximidade nessa relação por meio de símbolos. O símbolo pode ser compreendido como um gerador de vínculo entre os seres humanos, permitindo uma ampliação de sentido à experiência religiosa. Na figura 03, a expressão devocional é materializada no gesto daquele que tenta essa proximidade com o sofrimento, quando caminha a pé, descalço, sugerindo que isso aumente seu cansaço e sua dor nesta topografia longa e íngreme da Serra da Piedade. O devoto observado parece desejoso de se aproximar das dores de Cristo e de sua mãe.

Foto14: Homem subindo descalço Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07de abr. 2023.

A devoção à Virgem Maria é um aspecto importante da vida cristã para muitos fiéis. Ela é vista como um exemplo de amor a Deus e ao próximo e como alguém que colaborou no projeto divino da salvação, ela é considerada também partícipe no sofrimento do salvador. A religiosidade em torno da figura de Nossa Senhora das Dores remete o devoto, que peregrina ao Santuário da Serra da Piedade, à busca de similaridade no sofrimento. Maria como uma figura símbolo do processo religioso católico, na perspectiva devocional, evidencia os aspectos simbólicos do ser humano, e, quanto a isso, Portella parte do pressuposto de que Maria constitui:

Também- em um símbolo (do grego *symbálo*, isto é, aquilo que põe junto). Assim ela põe junto diversos aspectos da fé cristã, enriquecendo-a simbolicamente, e tocando profundos significados, tanto para o cristianismo enquanto doutrina, como também, da vida cotidiana das pessoas.[...] Neste sentido, Maria apresentaria uma dimensão não necessariamente racional -ou discursiva – da fé, mas simbólica, abrindo a dos significados mais variados a respeito dela. A Virgem estaria ligada não necessariamente aos aspectos da fé racionalizada, mas sua figura apontaria para um amplo universo mediador do sagrado, a valorizar a dimensão simbólica não necessariamente conceitual da religião” (Portella, 2016, p. 19).

Analisar os símbolos e os aspectos simbólicos do ser humano pelo viés da dimensão simbólica religiosa, em relação ao devoto, em específico, nesta dissertação, na Serra da Piedade, trouxe algumas respostas para as hipóteses levantadas no início

desta pesquisa. A observação desse ambiente religioso serviu-nos de objeto de análise para investigação sobre o culto devocional.

A Virgem das Dores, sob o título da Pietá, confere o paradigma de sofrimento, que no cristianismo é lido sob a perspectiva pascal. Maria, a mulher das Dores, passa da imagem formada no pensamento para a execução experiencial. A visita ao Santuário da Serra da Piedade proporciona, ao ser humano, aspectos simbólicos, ou seja, a saída do texto narrativo para uma experiência de interação mística. O devoto é um ser historicamente perpassado por temporalidade. O passado e o presente se misturam no conjunto do sujeito religioso, auxiliando dessa forma a experiência religiosa que ganha um relevo teatral, quando o devoto se insere no papel de peregrino, de alguém que também vivencia as situações narradas pela história católica de fé, devoção e dor. Isso culmina na manutenção, e na repetição do símbolo que tem o papel de aproximar, significar e ressignificar a experiência com o divino e/ou transcendente, na qual Maria tem tradicionalmente representação simbólica que visa à autenticidade do termo, pois:

No relato da cruz, aparentemente, não há ação direta de Maria. Mas sua presença junto a Jesus, com outras mulheres e o discípulo amado, sinaliza o amor que persevera. Ela é apresentada por Jesus como a mãe da comunidade do discípulo amado. É o momento solene de uma adoção recíproca: a mãe assume o filho, o filho assume a mãe. Mas competirá à comunidade cristã do futuro explicitar como ela exerce o papel de membro e mãe da comunidade cristã (Murad, 2012, p. 101).

Portanto, para os devotos, a figura de Nossa Senhora da Piedade remete a leitura de uma intimidade simbólica e estruturante frente aos desafios da vivência cultural, transbordando no devoto a linguagem experiencial. Podemos analisar que a maternidade espiritual concedida no evento da cruz, continua exercendo sua permanência, uma vez que “A cena de Maria junto a cruz foi reinterpretada de muitas maneiras no correr da história, com o desenvolvimento do culto, da piedade e do dogma” (Murad, 2012, p.99). Na linguagem do culto devocional, presente no processo narrativo à figura de Maria, no Santuário da Serra da Piedade, Portella (2016), faz referência à Pietá e acena que a leitura da imagem do:

O crucificado e sua Mãe dolorosa são, antes de tudo, imagens do próprio povo, a refletirem seus sofrimentos e dores. Pode ser a passividade; pode ser a revolta; pode ser a aceitação; pode ser a ação. Fato é que, se Maria é retratada, desde há muito tempo no cristianismo, entre dores e lágrimas, é, antes de tudo por uma identificação solidária (Portella. 2016. p. 101).

As reflexões conceituais citadas perpassam a circularidade da figura de Maria na identificação solidária com o sofrimento do povo cristão. Evidenciada nos registros fotográficos no Santuário da Serra da Piedade; a permuta de amarguras entre o devoto e a Senhora das Dores, visa à analogia do “vale de lágrimas”, conjecturando assim, aspectos simbólicos do ser humano. Acredita-se que, a observação da linguagem do culto devocional auxilia a perceber as diferentes, formações socioculturais, sentimentos, mentalidades e interesses que a imagem de Maria, através dos tempos, refletiu e continua a refletir, pois:

As Expressões que a virgem toma, e seus significados, são, portanto, uma via de mão dupla do dom, ou seja, ao mesmo tempo em que o devoto ou o vidente constitui o ícone, este o constitui e, ao fim e ao cabo, é mesmo o ícone a expressão- como experiência imprevisível, não conceituável, e resistente ao nível da objetivação (como dom excessivo que é) que forma o devoto (Portella. 2016. p. 264).

Portanto, consideramos que, a mística da experiência cultural à Nossa Senhora das Dores, no processo devocional é passível de observação, mas ainda que com o recurso fotográfico, que de certa forma permite análise posterior e mais detalhada não é abarcada pelo pesquisador em sua totalidade. Dessa forma, avaliar as narrativas simbólicas, construídas em torno da figura de Maria, resulta, em registrar expressões devocionais, constituindo, assim, o diálogo possível, entre dois momentos do fenômeno religioso: a experiência vivenciada e a que se expressa em palavras e ações. De acordo com Nogueira (2016), a linguagem natural associada à linguagem da cultura estrutura a dialética do sujeito religioso, ou seja, a linguagem da religião. Esse processo pode ser analisado nos sistemas religiosos, ou seja, a linguagem da religião é uma tentativa do ser humano comunicar o impacto da simbologia que o devoto vivencia essa tentativa de comunicação se dá em um processo linguístico na articulação religiosa, sobre a qual passarei a observar nos símbolos do culto a Nossa Senhora da Piedade, em específico à expressão comum ao culto devocional.

### **2.3 Os símbolos do culto a Nossa Senhora da Piedade no ato devocional**

O divino se dá a conhecer ainda que de forma velada na linguagem humana. A compreensão linguística e religiosa assume um dado evento linguístico e veicula a expressão do mistério, visto que, o ser humano se apropria da linguagem para louvar, clamar, ou seja, expressar sua devoção de fé. Desse modo, o culto pode ser analisado



como um romper limites da comunicação que transita entre a transcendência e a imanência, diante de algo que extrapola e remete ao denominado “salto da fé” nas palavras de Kierkegaard (1995), ou seja, o dizer do divino na linguagem humana opera como em uma via de mão dupla. De acordo com Croatto:

*O homo religiosus experimenta o transcendente nas coisas, acontecimentos ou pessoas em que se manifesta (hierofanias), e responde à epifania com atitudes (por exemplo, de veneração, de aproximação e contato, de comunicação) em direção ao Mistério ou Deus, presente nessas mesmas coisas (Croatto, 2010, p.67).*

A expressão religiosa produz um enunciado que se revela no culto, carrega em si a história de uma determinada religião. No âmbito da religião cristã, o magistério possui um documento que orienta o culto à Maria, o qual trouxemos aqui como mais um objeto de análise. De acordo com o apontamento dele,

Por uma necessidade íntima, de fato, essa piedade reflete, na prática cultural, o plano redentor de Deus; pelo que, ao lugar singular que coube a Maria em tal plano, corresponde também um culto singular para com ela (LG 66); como, ainda, a todo o progresso autêntico do culto cristão segue-se necessariamente um correto incremento da veneração para com a Mãe do Senhor (*Marialis cultus*, 02).

Assim, podemos analisar que o culto a Maria é Cristológico. A veneração a Ela dedicada perpassa a harmonia do culto à Cristo, ou seja, de acordo com o documento não se celebra a figura de Maria sem antes considerar as influências de Cristo e suas simbologias no âmbito divino e humano. Segundo o documento, “Maria é modelo, sobretudo, daquele culto que consiste em fazer da própria vida uma oferenda a Deus: doutrina antiga e perene, esta, que cada um de nós pode ouvir, repetir” (*Marialis cultus*, 21). Assim, o que se observa na Serra da Piedade é representação dessa oferenda, quando vimos devotos na tentativa de repetir a *via crucis*. As cenas permitem-nos perceber e, até mesmo interpretar um desejo do devoto em fazer a vontade de Deus pelo caminho da simbólica santificação.

Diante disso, o percurso possível da linguagem do culto a Nossa Senhora da Piedade, consiste em revelar símbolos e ritos praticados nessa manifestação religiosa, ou seja, o devoto e as simbologias de sua experiência frente ao culto. O culto a Nossa Senhora da Piedade percebido, no Santuário da Serra da piedade, referencia-se à introspecção, ao silêncio orante, à internalização, ao sofrimento e aos símbolos, levando o devoto a um momento místico, de veneração, contemplação e

meditação, que se mescla à topografia do referido local. Assim sendo, embasado nos conceitos de Portella (2016), o devoto praticante é observado nesta pesquisa, tendo em vista ser ele o vetor, ou seja, é nele que se dá a experiência, observamos, pois:

Na devoção às dores de Maria, o povo é solidário com o sagrado, o humano presta um serviço de compaixão ao sagrado. Inverte-se a ordem: já não é simplesmente o divino a consolar o humano, mas o humano age sobre o divino, cura-o, ameniza suas dores, vela com ele. Acarinhando o rosto de Maria das Dores, ou de Jesus em seus braços, torna-se um gesto de intimidade solidária para com o sagrado (Portella, 2016. p. 102).

Assim, podemos analisar que o culto a Nossa Senhora da Piedade possui a estética de um ato devocional, constituindo um panorama e arcabouço da tradição cristã católica. Ele transita entre a expressão comum, ou seja, o conceito central do ato de cultuar, ao culto devocional, que se dá na experiência, alimenta sua história com ritos e símbolos no contexto histórico devocional da Senhora das Dores. O culto à figura de Maria, no Santuário da Serra da Piedade, pode ser analisado em relação à liturgia espacial, visto que a paisagem religiosa contribui para essa ação litúrgica, desde o portão do santuário. Na espacialidade religiosa da Serra da Piedade, é possível observar a configuração da força simbólica na devoção à Senhora da Piedade. Aludindo a uma liturgia incondicional, frente ao espaço sagrado, nesse local religioso, a mística que permeia a experiência religiosa, se dá em uma manifestação única; de forma que não é abarcada por palavras, mas é vivida na intimidade na subjetividade pelo sujeito religioso. De acordo com Gil Filho (2012):

o espaço sagrado está mais próximo de um espaço de percepção do que espaços concebidos pelo intelecto. Dessa maneira, o espaço sagrado é produto da consciência religiosa concreta, e nesse contexto, não é possível a separação entre posição e conteúdo, pois o último parte da consciência do vivido plenamente sensível. Então, em seu caráter o espaço concreto percebido e o espaço sagrado são avessos à descrição universal e conceitual, mas são vividos com tal (Gil Filho, 2012, p.64).

Dessa forma, na concepção cristã católica, o culto à figura de Maria se constitui em vista de sua missão materna divina; sobretudo, a dimensão humana de Maria se projeta para além de ser a mãe do Deus cristão. Sua presença humana lhe confere no tempo e na história força devocional. As demarcações cultuais, e as representações em torno da figura de Maria evidenciam a partir da história bíblica que Maria aparece sempre ao lado de Jesus.

Consequentemente, o percurso devocional mariano se ampliou com o estabelecimento do cristianismo como religião oficial. Maria adquire assim

gradativamente, devoção diferenciada em relação aos demais personagens bíblicos. Dessa forma, nos conceitos de Portella (2016), analisando o percurso das catacumbas às catedrais, o culto à Maria em suas diversas representações iconográficas, é da mesma Maria de Nazaré. Configurando, assim, a força do rito expressa à figura de Maria, pois na história cristã culmina no papel simbólico dessa devoção. O culto de veneração à Virgem Maria tem sua expressão máxima na liturgia, pois:

na Liturgia das Horas, que são os eixos da oração litúrgica romana, a memória da Virgem Maria se repete com ritmo frequente, também nos demais livros litúrgicos reformados não faltam as expressões de amor e de suplicante veneração para com a "Theotocos" (= Mãe de Deus). [...] (31) e para eles invoca o seu auxílio maternal; (32) a ela dirige instante súplica em favor dos filhos que chegaram à hora do passamento; [...] (34) e, enfim, suplica, pela sua intercessão, conforto para aqueles que, mergulhados na dor, choram, com fé, a partida dos próprios entes queridos. (35) (*Marialis Cultus* 14).

Dessa forma, a presença da Virgem Maria nos momentos litúrgicos acena à força do amor da Mãe do Deus cristão que acolhe, cuida, permanece no meio do povo e conforta os corações desolados. A sucessão de palavras e atos que compõem a cerimônia litúrgica católica, ainda que apresente fórmulas padronizadas, não se apresenta de forma mecanizada, ou seja, o rito possui a função de atualização. O símbolo e o rito perpassam o culto, normatizam o desenvolvimento do sagrado, com ações rotineiras de caráter social e com rigorosa formalidade. Portanto, o rito é uma apresentação/representação histórica de uma comunidade com o objetivo de perpetuação da narrativa. Segundo Croatto (2010), é através do rito que se expressa à experiência com o divino em virtude de todos os ritos buscarem contato com o elemento sagrado.

Assim sendo, para o cristão, o culto a Nossa Senhora da Piedade constitui uma proximidade com o sagrado. Na perspectiva do devoto, o rito do culto contém indicações da doutrina conciliar acerca de Maria e da Igreja, na vivência litúrgica há um aspecto relacional. Dessa forma, verifica-se entre Maria e a Liturgia cristã católica um ato de interação, pois, Maria é vista como modelo espiritual com que a Igreja celebra e vive os divinos mistérios. Tal referencial se dá em analogia ao lugar que a Mãe do Deus Cristão ocupa no catolicismo que alude à força do rito na figura de Maria, “É necessário, pois, que os exercícios de piedade com que os fiéis exprimem a sua veneração para com a Mãe do Senhor, manifestem de modo mais claro o lugar que ela ocupa na Igreja: “depois de Cristo, o mais alto e o mais perto de nós” (*Marialis Cultus* 16).

A manifestação da linguagem do culto mariano, ainda que exteriorize liturgicamente sua primazia, não se descarta a piedade popular e sua grande importância. O desempenho simbólico da devoção Mariana influenciou decisões eclesiais na religião Cristã Católica, e pode refletir no comportamento do sujeito religioso, bem como construir ou reconfigurar parte de sua identidade. Nessa perspectiva, o rito e o símbolo, podem ser compreendidos como expressão coletiva do sagrado, tendo no cristianismo a figura de Maria destaque na proximidade da relação experiencial com o divino. Tal concepção permite aproximação com o pensamento de Croatto, no que diz respeito analogia ao símbolo o qual sinaliza que:

outra consideração fundamental, a saber, que as coisas são elevadas à dimensão simbólica pelo que *são e como são*. Em outras palavras, não é qualquer coisa deste mundo que pode simbolizar algum aspecto do Mistério nem sua vivência. [...] É a maneira de se manifestar ou a forma de um objeto, e a maneira de agir de um ser vivente (uma árvore, um animal ou um ser humano) o que conduz a um ou outro aspecto do sagrado, manifestado justamente sob essa dimensão. Daí surge, e compreende-se naturalmente, a infinita variedade de símbolos. A heterogeneidade é própria do fenomênico, e por isso o Mistério é visto refletido nessa multiplicidade de coisas e fenômenos do mundo, que é o depósito fontal dos símbolos. O sagrado é percebido fragmentariamente, mas isso não é essencial. O relevante é o fato de que se capta e vive *analogicamente* nas coisas deste mundo, que por algum motivo são elevadas ao plano simbólico (Croatto, 2010, 87-88).

Ressaltamos assim, que o fato que se apreende analogicamente na simbologia da figura de Nossa Senhora da Piedade, constitui em sua proximidade com o divino, configurando, pois, o lugar que Maria ocupa no cristianismo. Os aspectos do rito e símbolo, aqui apontados destacaram a religião como elemento que gera significações e que constantemente reelaboram e ressignificam sentidos já aludidos. Definindo-se, a prática religiosa, não só como a representatividade de uma reafirmação de sua identidade cultural, mas possibilidade de uma ressignificação identitária que fortalece mitos e ritos ressalta-se, no cristianismo, por meio da linguagem devocional a expressão e representação de proximidade com o sagrado.

Portanto, os levantamentos sobre a linguagem em referência a Nossa Senhora da Piedade revelam um contexto em que observamos o agir do símbolo que representa Maria para o devoto e sua interação com o mesmo. Dessa forma em referência a Croatto (2010): “O símbolo diz e rito faz”, de modo que passamos a observar o fazer do rito, ou seja, a devoção em ação.

## CAPÍTULO 3: MARIA NO PERCURSO RITUALÍSTICO

Este capítulo analisa o que justifica a reverberação de Maria no percurso do rito, para além da fé do devoto, ou seja, para além do culto mariano, buscando discutir aspectos do culto devocional, compreendido a partir de um conjunto de condições sociais que influenciam o comportamento religioso contemporâneo. Portanto, para avaliar as narrativas em torno da pessoa de Maria no ato devocional que se revela no rito, os conceitos de Croatto (2010) serão de suma importância, principalmente, na possibilidade de abertura e no diálogo com o referencial teórico proposto. Nessa perspectiva, pretende-se, aqui, atender a um dos objetivos propostos na supracitada introdução.

### 3.1 A linguagem religiosa dos gestos: considerações teóricas sobre rito e peregrinação

A linguagem é um elemento presente nas mais diferentes tradições religiosas, que se comunicam tanto com seus seguidores quanto com o sagrado inerente a cada uma dessas tradições. Toda via a linguagem religiosa adquire características específicas na busca de traduzir–transmitir sentidos profundos. Por isso, a linguagem que gravita ao redor do fenômeno religioso é profundamente simbólica, e sua manifestação possui percepção no sistema implícito de gestos presentes no rito. A função social do rito é visível nas suas dimensões comunitárias, pois, ao mesmo tempo, atua como repetição e criação, ou seja, cultura. De acordo com Teixeira; Duque e Rodrigues (2022):

A palavra “rito” transporta também, das suas origens mais remotas, a ideia de um conjunto de gestos e palavras que se recebem para ser repetidas. No seu substrato latino, *ritus* evoca a ideia de ordem, experiência do acordo que é necessário para realizar algo em conjunto que ultrapassa os interesses do indivíduo. Assim se seguirmos a “arqueologia” das palavras, percebemos que estamos perante uma ação humana complexa: é repetição que alimenta a memória, aponta para significados que estão para além da materialidade dos gestos e objetos envolvidos (Teixeira; Duque; Rodrigues 2022, p. 796).

Podemos, então, analisar que a vivência do símbolo e do rito influencia a dialética religiosa. Os gestos presentes no rito, na perspectiva do culto devocional a Nossa Senhora da Piedade, apontam que o ser humano é naturalmente gestual tanto quanto simbólico, bem como movido por ritos. A imitação é um comportamento

humano que se projeta desde a infância de maneira pedagogizante e adaptada à cultura local. Essa imbricação torna o sujeito religioso um ser perpassado por uma triangulação simbólico-gestual-ritualística por natureza. A prática dos gestos ritualiza os símbolos que expressam e dialogam com a repetição, proporcionando a observação da dialética devocional. Ser religioso e praticar um rito determinam o vasto campo que o sujeito se destaca enquanto devoto. Dessa forma, podemos analisar que a linguagem simbólica-ritual complementa e alarga o significado do gesto, trazendo-lhe consistência e força através de uma lógica, de uma racionalidade diferente, mas que se nutre do “impacto social”, assim,

o que o mito "disse", o rito "faz": rito e mito conectam-se, criando uma retroalimentação mútua. Pergunta-se também a respeito de qual surgiu primeiro e de qual deu origem ao outro. Como são variados os símbolos e os mitos, também são inumeráveis as formas rituais que o ser humano criou. No rito, convergem notavelmente o espaço e o tempo sagrados (santuários e festas), cujas projeções concretas são infinitas. O rito produz, além disso, um grande impacto social que influencia também a recitação dos mitos (Croatto, 2010, p.10).

A manifestação do rito expressa por linguagem simbólica-gestual toca o ser humano em sua totalidade, mobiliza energias que se revelam por meio de sua atitude frente à vida a si mesmo e ao mundo. Presente no universo da expressão religiosa, os mitos, de acordo com Croatto (2010), são histórias elaboradas, a fim de comunicar os sentidos que, de outro modo, seriam incomunicáveis; eles se servem de expressões simbólicas, pois procuram comunicar o incomunicável. Dessa forma, mito, símbolo e rito constituem estrutura de transmissão desse processo “incomunicável” percebido na experiência religiosa. Assim, a linguagem ritual, observada em vista dos gestos, está circunscrita a um conjunto de condições interdependentes que compõem a observação ritual social. A magia dos ritos é dirigida pelo sistema das relações sociais constitutivas do próprio ritual e não pelos discursos e conteúdos de consciência: “Isso indica que o rito não é uma ação puramente humana ou inventada por uma pessoa qualquer. Ele é de alguma forma, uma ação divina, uma imitação do que fizeram os Deuses. Por isso, deve ser repetido como uma ação divina”. (Croatto, 2010, p. 330).

Diante disso, compreender e analisar a figura de Maria, nesse aspecto ritual e para além do ritual, tende à perspectiva do significado espiritual-religioso e performático da atitude religiosa presente no devoto que realiza a “repetição” e a

“prática” dos gestos no acontecimento desta imitação e proximidade. O ser humano descobre na experiência ou experiências rituais o mundo em sua totalidade e numa unidade compreendida simultaneamente como imanente e transcendente.

As religiões e sociedades têm ritos de renovação periódicos que relembram importantes valores do grupo e renovam o ânimo desses valores. Croatto (2010) considera que do ponto de vista dos fatos religiosos, é justamente a expressão ritual, a característica que mais se sobressai em toda religião: “os ritos têm uma repercussão social enorme, seja pelo elemento gestual, que é mais visível, seja pela organização que implicam” (Croatto, 2010, p. 329). O rito é, portanto, simultaneamente, a ação do ser humano, em que este se percebe como ser religioso, tanto na ação quanto na palavra que o acompanha. Salientamos que os ritos incluem ações e palavras, sendo possível perceber que a diferenciação se constitui como um processo devocional:

um gesto ou rito são por si só polissêmicos. Mergulhar no rio Ganges é um rito Homólogo a mergulhar no rio Jordão.[...] Mas a cosmovisão da Índia impõe ao rito de submersão no rio Ganges uma intenção diferente da intenção do batismo no rio Jordão (Croatto, 2010 p.333).

O ser humano, como ser histórico, relaciona-se com outros e com o sagrado na experiência do imanente e dentro de estruturas físicas e humanas modelam, no espaço e no tempo, cenários de reconstrução baseadas em rituais. A memória é constantemente atualizada, haja vista o Santuário da Serra da Piedade. Os ritos constituem, nesse sentido, moradas do sagrado, construídas no tempo mediante gestos, palavras e músicas. A religião produz linguagem, simbólica que se revela, no conjunto de ritos, formando, assim, o ritual, no caso dos ritos religiosos, há a liturgia que prescreve as maneiras pelas quais os fiéis se articulam entre si, quando em situação de relacionamento com o sagrado. O rito litúrgico propicia:

A experiência do mistério (inclusive quando não personificado) é essencialmente afetiva e, portanto, participativa. Ela não pode ser vivida de forma individual e isolada. Seria uma carga insuportável! Comunica-la alivia. A experiência do mistério é um processo psicológico fácil de ser entendido. Mas sua comunicação possui um valor sacramental, enquanto significa e realiza novamente a presença do sagrado. A expressão religiosa é tanto a comunicação do *vivido*, como uma nova vivência. Cada uma das linguagens dessa vivência - o símbolo, o mito, o rito – recria a experiência religiosa a sua maneira, mas todas participam dessa característica (Croatto, 2010. p. 82).

Aspectos presentes no culto devocional, nesta análise, em específico à figura de Maria, podem ser compreendidos a partir de um conjunto de condições sociais que

influenciam o comportamento religioso contemporâneo. Ser devoto de Nossa Senhora da Piedade, participar e praticar essa devoção remete o sujeito religioso a cumprir certos preceitos e normas rituais, ele deve participar do culto litúrgico, sendo esse rito de precedência na devoção à figura de Maria. Ponto importante do processo devocional é que a compreensão de um determinado ritual se dá na participação, ou seja, a simples observação de gestos e movimentos rituais não permite conformar-se, de fato, à essência do ritual e da religião. Praticar a expressão devocional perpassa o universo da dialética religiosa dedicada a Senhora da Piedade, no qual a peregrinação, a oração, dentre as quais destacamos recitação do terço e o canto são instrumentos da linguagem do rito devocional que observamos no espaço da Serra da Piedade.

A linguagem simbólica-ritual, observada na prática devocional, desenvolve-se no santuário, espaço considerado intermediário, onde religião e turismo se misturam, aproximam-se ou se contrapõem. De acordo com Silveira (2018), as franjas dos santuários permitem a reverberação de identidades ambíguas e oscilantes entre uma integridade-unicidade (fé) e uma não-integridade/não-unicidade (turismo). Essa dualidade percebida por Silveira (2018), é objeto de interesse desta análise que também identificou em Sanchis (2006) outros aspectos de dualismo como, por exemplo: os termos romaria e peregrinação. Segundo o autor a distinção foi estabelecida pela Igreja Católica em Portugal na primeira parte do século XX:

A primeira sendo uma manifestação religiosa complexa e atavicamente popular, orientada para uma “sacralização” da existência humana na sua própria dimensão profana; a outra uma transfiguração “sacramental” desta existência, sublimada através dos ritos eclesiais oficiais (Sanchis, 2006, p. 85).

Segundo Steil (2019), o percurso das peregrinações católicas, no Brasil, é perpassado por transformações que ocorrem na trajetória histórica e nos estudos sobre catolicismo brasileiro. Na mesma linha de pensamento, de acordo com Oliveira (2011), na *Peregrinação em seus enigmas*, ocorre o desvendamento, no encontro do devoto com as possibilidades de leituras, assim como o desvelamento no encontro do devoto com os paradigmas da fé. Corroborando, Cardita (2012, p.195), expõe que “A consideração da peregrinação como ‘arquétipo’ e ‘narração’ completa as possibilidades de compreensão crítica desta experiência, as quais são, finalmente, submetidas à avaliação à luz da atual busca de espiritualidade”.



A subjetividade do símbolo e o rito, na via do culto devocional, em relação aos conceitos da peregrinação, permite analisar a figura de Nossa Senhora da Piedade, que proporciona ao devoto uma simbologia de proximidade com o sagrado no ritual de peregrinar. Visto que sua arquitetura natural revela um monumento de escultura divina considerado impregnado de espiritualidade, o qual é também cenário da vivência da mística do encontro com Deus, com o outro e consigo. Esse ambiente acaba, pois, por referenciar o rito na paisagem do Santuário da Serra da Piedade e do ato devocional à Maria, ou seja, a Nossa Senhora da Piedade. Segundo Portella,

As Expressões que a virgem toma, e seus significados, são, portanto, uma via de mão dupla do dom, ou seja, ao mesmo tempo em que o devoto ou o vidente constitui o ícone, este o constitui e, ao fim e ao cabo, é mesmo o ícone a expressão - como experiência imprevisível, não conceituável, e resistente ao nível da objetivação (como dom excessivo que é) que forma o devoto (Portella. 2016. p. 264).

Portanto, consideramos que a mística da experiência cultural devocional à Nossa Senhora da Piedade destaca-se, mas não é abarcada em sua totalidade. Dessa forma, analisar as narrativas simbólicas e os rituais estabelecidos na subjetividade do espaço do Santuário da Serra da Piedade, em torno da figura de Maria, resulta em registrar expressões devocionais. Constituindo, assim, o diálogo possível entre dois momentos do fenômeno religioso: a experiência e a vivência, que se expressa em palavras. Porém, o registro da imagem a seguir, representa essa “formação” que Portella evidencia, ou seja, o devoto que vivencia o rito de peregrinação ao Santuário da Serra da Piedade, de certa forma busca se “conformar” ao sofrimento da Senhora das Dores, enfrentando a subida longa e íngreme.

Foto 15: Pessoas subindo a estrada Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 abr. de 2023.

Conforme a foto (15), percebemos pessoas transitando na estrada rumo a Serra da Piedade; elas estão com roupas leves, calçados confortáveis; carregam água. Os dois lados da pista estão ocupados: uns sobem e outros descem. O conceito, ou se assim podemos chamá-lo, o código simbólico do rito vai para além da linguagem, não se esgotando em sua totalidade no processo da racionalidade no binómio rito/linguagem. Discurso e prática religiosa harmonizam-se em uma lógica e racionalidade que é suportada em nível comunicativo pela linguagem. O gesto de subir a Serra da Piedade emoldura um quadro de estética e de ética própria, ou seja, os ritos não são feitos para que a eles se assistam, mas para que neles se tome parte. Pode ser considerado sistema que codifica identificação automatizada, ou seja, a inclinação do ritual para atingir seu desígnio a quem se dirige. A linguagem religiosa do rito, expressa nos gestos, transmite força de mobilização, corroborando assim o pensamento de Croatto (2010), visto que:

Todo ritual exige um grupo de pessoas, um lugar sagrado, objetos e instrumentos, vestes etc. O rito é uma ação que sintoniza com a ação dos Deuses: é necessário lembrar que no mito é relatado um *acontecimento*, em que os atores essenciais são os Deuses. Então, no rito, os seres humanos fazem o que no mito fazem os Deuses (Croatto, 2010, p.332).

O percurso simbólico do rito devocional está, essencialmente, na capacidade da transmissão da mensagem e na preparação dos receptores para o entender. A relação entre o indivíduo e o rito é a da participação, não a do espectador. Talvez possamos falar de um ritual de identidade individual, que perpassa uma narrativa subjetiva, de proximidade com o sagrado, mas coletiva, enquanto processo repetitivo e influenciável.

Foto 16: Homem de costas para o altar no Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr.2023.

Durante a subida, observei uma efervescência de sentimentos. Na observação da participação no ritual dos peregrinos, muitos mantêm o silêncio; outros expressam admiração; outros apenas a mística contemplativa que acena para a pluralidade cultural. Embora o catolicismo possua ritos e regras, o rito devocional pode representar um conceito de olhar materno que cada fiel possui para com Nossa Senhora das Dores, uns mais; outros menos; porém a figura da Senhora da Piedade, na perspectiva do devoto, deixa sua impressão de força frente ao sofrimento demonstrado pelos que ali circulam. Conforme podemos perceber na foto (16), no interior da igreja, alguns fiéis, e um deles usa a cadeira para se ajoelhar, colocando-se de costas para o altar.

Tendo examinado o percurso do rito no âmbito da linguagem religiosa dos gestos e buscado considerações teóricas sobre rito e peregrinação, passo à descrição do rito cultural na Serra da Piedade. Para tanto, proponho observar na próxima seção aspectos pertinentes à estrutura e aos significados.

### **3.2 Descrição do rito na Serra da Piedade: estrutura e significados**

A descrição da linguagem do culto impressa no rito possui ação pedagógica na medida em que transmite e ensina formas sociais de comportamento, veicula conhecimento, preserva e comunica tradições. Metodologicamente, podemos analisar que o rito, seja religioso ou não, pode ser abarcado como estrutura de atos sequenciais, papéis teatralizados e simbólicos. A vivência de uma experiência com o sagrado na figura de Maria resulta na linguagem cultural, influenciando, assim, na devoção popular, de modo que na perspectiva do devoto, a interseção de Maria, na vivência do sagrado, assume uma experiência singular; a figura de Maria em sua dimensão simbólica está inserida na cultura como aquela que esboça uma sólida e tradicional espiritualidade Cristã.

A devoção a Maria está presente em vários lugares do mundo, assumindo uma representação simbólica e ritualística, ela é, pois, um elemento indispensável para compreender o fenômeno desta estrutura significativa do culto na Serra da Piedade. Tal pensamento contribui para a possibilidade de análise da iconicidade de Maria, entende-se, aqui, que haja algo em sua dimensão humana que a coloque em evidência por tanto tempo e em tantos lugares. Segundo Cipolini (2010), a devoção a Maria, é uma constante na história do povo brasileiro; em toda a América Latina, a presença da devoção e do culto foi percebido:

Ao longo do processo evangelizador em terras brasileiras, o evangelho foi anunciado apresentando a Virgem Maria como a expressão mais sublime de fidelidade. A devoção a Maria é elemento qualificador da genuína piedade da Igreja no Brasil, e podemos afirmar que a experiência mariana pertence à identidade própria de nosso povo. Sem dúvida podemos afirmar que a piedade mariana foi com frequência, e ainda o é, um vínculo resistente que conservou fiéis à Igreja setores que não contavam com atenção pastoral adequada (Cipolini, 2010, p. 37).

A religião, qualquer seja ela, pode ser vivida e conhecida pelos ritos, salientamos, então, que nessa perspectiva o culto devocional à figura de Nossa Senhora da Piedade é dinâmico, apresentando uma rica simbologia que se expressa

em orações, ladainhas, procissões, cantos e iconografia, além dos mais variados títulos e invocações que foram dados a Maria em diferentes lugares e contextos históricos. São símbolos dinâmicos, que muitas vezes foram ressignificados, ao longo dos anos, mas legítimos do ponto de vista teológico. Desse modo, no processo devocional à Nossa Senhora da Piedade, observamos que o rito assume função social.

Percebemos que o devoto da Senhora da Piedade, no processo de expressar sua fé e religiosidade, utiliza meios como a oração e o sacrifício para representar e/ou, experienciá-la, para tal utiliza um percurso ritual em meio à sociedade, bem como imerso na subjetividade devocional. Este gesto devocional perpassa o processo religioso e envolve outras formas de devoção como, por exemplo, a oração: “é muito comum a combinação da oração como sacrifício de oferenda à divindade (cf. S15, 4, texto hebraico; Dt 26,4ss), o rito de oferenda das primícias está acompanhado de uma oração de agradecimento em forma de "credo" (Croatto 2010, p.371). Indo ao Santuário da Serra da Piedade, o devoto expressa por meio de uma caminhada, cantos, orações e gestos seu movimento da fé, situação essa que é objeto de estudo nas considerações de Croatto (2010). Segundo o autor, essas manifestações de fé evidenciadas pelos ritos são alvo de interesse dos estudos de sociologia da religião, pois:

O rito é uma das expressões coletivas mais naturais do sagrado. O culto e o serviço a Deus/aos Deuses não são fatos puramente mentais, mas eminentemente corporais; e, além disso, mesmo podendo ser individuais, sua forma característica é a comunitária. Portanto, sob ambos os aspectos, são essencialmente sociais (Croatto, 2010, p. 343).

Os ritos implícitos nos gestos de oração inscrevem-se no marco social que lhes dão sentido e que, ao mesmo tempo, são reforçados pelo ambiente social. O grupo expressa sua identidade, sobretudo, pelos ritos. “Os próprios mitos são consolidados e penetram na consciência por efeito” (Croatto, 2010, p.343). Podemos analisar que o processo da oração se constitui, com palavras, que expressam uma experiência religiosa participativa em um grupo, enquanto coletividade ou na subjetividade devocional. A esfera da expressão religiosa representa no percurso descritivo do rito e na perspectiva do devoto uma simbologia do processo da crença. De acordo com Hervieu-Léger (2008):

A crença se designa como “religiosa” quando o crente coloca diante de si a lógica de desenvolvimento que hoje o leva a crer naquilo que crê. Se a invocação formal da continuidade da tradição é essencial a toda “religião” instituída, é porque essa continuidade permite representar e organizar, quando colocada sob o controle de um poder que expressa a verdadeira memória do grupo, a filiação que o crente deseja. Ela o torna membro de uma comunidade espiritual que reúne os crentes do passado, do presente e do futuro. A linhagem dos que creem funciona como referência legitimadora da crença (Hervieu-Léger, 2008, p. 26-27).

A dimensão simbólica-ritual da crença devocional expressa-se no processo de uma continuidade no devoto, membro de uma comunidade espiritual. Assim, cada ser humano, na tentativa de representá-la, busca ao máximo expressar por meio de significações, porém a aura do “mistério”, ou (se preferirmos) do desconhecido, não se esgota em sua totalidade, ainda que busque ressignificar simbolicamente e repetir, ritualmente, como forma de proximidade, sempre vai permanecer a especificidade do transcendente. Nessa construção, o homem responde com técnicas que lhe permitem conservar a crença, seja por meio de uma oração, de um gesto, sacrifício ou ritual, que corresponde a um rito.

Marconi (2008) avalia o sentido moral ou religioso do mito, e o ensino do mesmo sobre a conduta do ser humano em relação ao seu próximo ou à divindade. Dentre os conceitos abordados pela autora, é de grande valia a importância significativa do gesto no percurso devocional que, na sua abordagem, é uma expressão de prece que aproxima o homem da divindade. A consideração desenvolvida por Marconi, sobre a oração, destaca que, seja individual ou coral, é a voz que se alça, reconhecendo a força da divindade e pedindo explicitamente, ou não, a sua proteção. De acordo com Marconi, trata-se de um anseio instintivo do fiel, praticamente, atestado por todas as experiências religiosas.

A oração pode estar associada a quase todos os ritos, geralmente, simboliza, um “rito dentro de outro”. A oração constitui-se, essencialmente, da palavra escrita ou falada, uma expressão verbal que ganha contornos nos movimentos que acompanham tais palavras, tentando reproduzir nos gestos as ideias de significados presentes nos textos. Interessante observar que a oração está presente em diferentes culturas, e cada rito que a acompanha ganha suas propriedades em função desse entorno social em que ela acontece. Segundo Croatto (2010):

A oração é a comunicação por excelência do ser humano com a divindade. Daí sua presença em todas as religiões e sua infinita variedade de conteúdo e forma. Geralmente está associada a inumeráveis ritos. A própria recitação

de um mito— ou da "Palavra" bíblica — constitui uma oração (Croatto, 2010, p.376).

Para chegar aos elementos dessa perspectiva mística na devoção em relação à Nossa Senhora da Piedade, destacamos no rito cultual da oração em específico: a recitação do terço e o canto como produtos dessa expressão religiosa. Nesse sentido, o uso da voz para repetir frases com utilização de recursos linguísticos como: refrões, rimas, polissemias, injunções potencializa o rito na expressão devocional que se configura numa retórica persuasiva. Essa forma de expressão tende a levar o sujeito religioso a estado de excitação, caracterizando o rito cultual também como um ato de contemplação da figura de Maria e do próprio Cristo crucificado.

O rito de oração pode, assim, ser observado no ritmo das invocações contidas no terço, considerado pelos cristãos católicos um representativo da celebração mariana, a qual proporciona uma forma de inspiração ética no percurso da prática devocional a Nossa Senhora da Piedade. A oração do terço expressa a composição do Rosário, que embora denominada tradicionalmente “terço” fora ampliada para quatro mistérios, dia 16 de outubro de 2002, com a divulgação da Carta Apostólica do Papa João Paulo II “*Rosarium Virginis Mariae*”, sobre o Rosário da Virgem Maria, instituindo mais cinco momentos significativos da vida de Cristo: os mistérios luminosos. Essa memoração reproduz a perspectiva do rito-devocional e culmina na perspectiva prática da celebração, ou seja, a recitação do terço representa um ritual de repetição e meditação de uma crença, de um crer na intercessão de Nossa Senhora da Piedade. De acordo com Santos (2013):

O rosário remonta à forma mais básica de oração das religiões, pela repetição de sons, mantras, ou palavras sagradas, que favorecem a união com o sagrado. É um objeto de devoção geralmente constituído de pedras, flores ou pérolas enfileiradas em correntes ou cordão, utilizado para contar as orações recitadas de uma maneira repetitiva, passando as pedras entre os dedos. [...] Embora faça parte também do catolicismo, como forma de saudar a Maria, o Rosário ou Terço é também objeto simbólico de devoção entre Hindus e Budistas, Mulçumanos e várias outras tradições espirituais. [...] A palavra rosário vem da palavra latina *Rosarium* que significa “campo de rosas”. A rosa é uma flor que tem grande simbolismo cristão: é o símbolo das missões (Santos, 2013, p.34).

Essa busca de união com o sagrado, pela via da oração, parece sugerir ao devoto uma forma de seguimento frente à figura de “Nossa” Senhora da Piedade; o rito corresponde a um processo de imitação. E, imitando, o devoto se aproxima de Cristo; porém, não por outro meio senão por sua mãe. Registra-se, aqui, a figura de



Maria como a intercessora, aquela que faz a ponte com esse sagrado “inatingível” pelo humano comum. Nesse contexto, do rito de oração, pela recitação do terço, o devoto revive um momento histórico e reafirma pela alusão à Maria e à sua vida, enquanto Mãe de Jesus, um compromisso social concreto.

No contexto do catolicismo, a “reza” do terço é considerada “uma oração bíblica, cristocêntrica, pois os mistérios contemplados são os mistérios centrais da história da salvação, da fé e das orações que se rezam que são tiradas da Sagrada Escritura” (Santos, 2013, p.35). Vale ressaltar que o terceiro mistério de cada terço corresponde a passagens significativas da mensagem evangélica que se constitui para os cristãos católicos, a “plenitude dos tempos” (GL 4, 4) que se cumpriu na figura de Maria, a Senhora da Piedade, sendo Ela a “forma” do encontro dessa plenitude, segundo a devoção cristã.

Muitas tradições culturais se valem do modelo do terço, por exemplo de contas para auxílio na concentração, no relaxamento ou na contagem das repetidas orações<sup>13</sup>; logo, o terço ritualiza, ainda, a expressão dessa narrativa da fé. No caso dos cristãos católicos, o terço é usado na oração, na sua maioria, buscando a intercessão de Maria, bem como, para a meditação, propiciando a experiência religiosa, que disponibiliza acesso à transcendência. A veneração que se expressa nos ritos, pode ser observada nas orações, danças, oferendas, regras alimentares, arte e na música, considerados elementos constituintes deste conjunto simbólico, em que o devoto é vetor, ou seja, um sujeito ativo no contexto da experiência religiosa, além de um sujeito social e histórico. Essa configuração de intervenção da figura de Maria é “essencialmente indireta”, pois se vale da intervenção dos “agentes históricos”, ou seja, aqueles que são seus devotos, segundo Boff (2006):

Estes, inspirando-se nos exemplos da Virgem, sentem que sua fé e confiança se reativam. Além disso, as virtudes vividas por Maria podem sugerir-lhes opções práticas bem determinadas. Exempli gratia, Maria aos pés da cruz é um ícone poderosamente inspirador para lutar contra a pena de morte. Em suma, Maria age sobre a sociedade não só intercedendo a partir de nossas orações, mas também inspirando o agir moral, enquanto Ela é vista como paradigma de caridade e de justiça. Poderíamos chamar esses dois modos de modo ético e modo devoto. Essa distinção tem uma virtude estruturante para entender adequadamente a ação de Maria na história (Boff, 2006, p.93).

---

<sup>13</sup> Sobre as repetições e o seu valor para a oração, Boff (1980), destaca que “da liturgia, a Ave-Maria passa à piedade popular. Propagam-se legendas acerca da força especial de impetração que está ligada à recitação de um sem-número de aves”. (Boff, 1980, p. 25).



Nessa perspectiva, referenciando a pergunta central dessa pesquisa “qual o papel do rito e do símbolo na devoção a Nossa Senhora da Piedade?”, propomos responder, em consonância com a figura 09, que o devoto sobe a Serra da Piedade com o intuito de fazer uma oração e carrega o terço para meditar os mistérios do Filho que Ela gerou e que agora traz no seu colo.

Marconi (2008), na perspectiva da análise sobre o rito, que se manifesta no culto, perpassa a estrutura devocional, na probabilidade da revelação, podemos, assim, dizer que se desenvolve na busca de intimidade, tendo em vista o processo de repetição. Segundo a autora, em sua premissa inicial, o sagrado se situa além dos limites naturais do homem, seja qual for a maneira como ele se manifesta, “na floresta ou na montanha, no céu ou no mar, através de uma chama ou de uma voz de uma figura viva” (Marconi, 2008, p.05), o homem se entrega ao sagrado, à medida que ele vai se explicitando, por meio de episódios que formam uma história sagrada. Com base nestas noções, compreendemos que, no Santuário da Serra da Piedade, a cultura e o culto devocional à figura de Nossa Senhora da Piedade se interpelam, considerando que:

Originalmente, a prece é recitada ou até mesmo cantada. Vem à mente o propósito do salmista (144[143],9): Ó Deus, eu canto a ti um cântico novo, vou tocar para ti a harpa de dez corda. Com muita frequência a prece recorre a uma espécie de acordo, ou então o orante lembra as obras meritórias que fez em relação à divindade, certo de que a súplica não será vã (Marconi, 2008. p. 99).

Assim, podemos deduzir que a expressão devocional impressa no gesto meritório de subir a Serra da Piedade, em oração, remete a uma fé que tem uma dupla ação na caminhada do devoto, ou seja: tanto súplica forças a Senhora da Piedade, como prestar-lhe um canto novo, um agradecimento. A concentração da fé do povo diante das dificuldades colocadas pela íngreme caminhada pode aludir a uma expressão religiosa que coincide com a busca de uma mãe. Uma figura feminina e protetora, forte e doce, divinal e humana, a qual, exatamente, em razão dessa humanidade aproxima-se do devoto e ressignifica incessantemente o rito, pois participa pela sua história das lutas de seus devotos.

Assim, na figura 09, ilustrativa do gesto de subir com o terço na mão, ou não, o devoto, nesse percurso, orienta-se também pelos refletores luminosos do trânsito (olho de gato), os quais passam a adornar essa caminhada também de modo simbólico, haja vista a tradição católica acerca das luzes (velas e procissões

luminosas). Além desse elemento físico da estrutura pertinente às regras de trânsito; outro se tornou alvo de observação nesta leitura interpretativa: o frio. O clima, neste dia analisado, era de baixas temperaturas, o que pode tornar a caminhada mais pesada, principalmente, para idosos. No entanto, os devotos seguem e sobem, incansavelmente, em oração, sugerindo nessa solene atitude religiosa aquilo que os católicos e o próprio evangelho descrevem como “a chegada à porta do céu”, na qual Maria estará sempre pronta para receber “com misericórdia”. Ela representa ainda a figura da “Mulher orante”, que mantém sua força divinal e humana nesse gesto oracional e ritual, atualizado por sucessivas gerações. Repete, pois, o ato de fé.

Recriando parte da narrativa da vida de Maria e de Cristo, o terço, como objeto ritualístico expressa significados religiosos, mas também históricos. O devoto vivencia a força do amor de Maria pelo seu Filho e, assim, Ela não será para a fé do povo somente a figura da santa, da Virgem Maria, mas sim o ícone da encarnação na comunhão entre o divino e o humano. Essa estrutura do rito, ao unir a força humana e a resistência da fé, parece situar o devoto, ou sujeito orante numa caminhada que o expõe ao limite da súplica, “Daí a necessidade pastoral de combinar os dois modos de relacionamento com Maria agindo na história, a saber: o modo da oração, correspondendo à intercessão da Santa Virgem; e o modo da imitação, correspondendo à inspiração ética de suas virtudes” (Boff, 2006, p.94). Portanto, consideramos a recitação do terço um instrumento sacramental que perpassa a expressividade comum e devocional; de certa forma, uma expressão estética temporal e atemporal cujos significados não cessam de se atualizarem, haja vista a caminhada à Serra da Piedade.

Outro elemento desse rito cultural da oração na devoção observada na Serra da Piedade é o canto. A abundância das orações é exacerbada pelo canto. Ele não acontece de outro modo a não ser pela oração, que o estrutura, e pela significância das palavras faz ressoar pelo tom, timbre, rimas e repetições as mensagens das mais diversas celebrações religiosas. Para tanto pretende-se analisar a linguagem do culto mariano nas invocações feitas pelos devotos no rito da oração, que se expressa nos cantos marianos, bem como nas ladainhas.

A devoção à pessoa de Nossa Senhora da Piedade está presente em manifestações do fenômeno religioso, aborda de forma direta ou indireta estruturas do rito devocional. A piedade Mariana na Igreja Católica, presente na devoção popular, entrelaça do passado ao futuro, por meio da narrativa cultural que permite

abrigar símbolos dos fenômenos religiosos. As mensagens advindas de Maria podem estar contidas nas orações, na arte, nas comemorações e invocações.

O Canto está presente na linguagem do culto à Nossa Senhora da Piedade. A música na interface devocional reúne em sua performance tanto narrativas simbólicas, quanto os ritos gestuais e, em muitas situações, a própria imagem. Segundo Machado (2019), o discurso musical de José Maurício insere a devoção mariana na exposição de ideias e imagens por metáforas musicais:

O que é destacável em José Maurício é a sua perícia discursiva sobre questões religiosas, não só no cumprimento de cerimoniais, mas na representação musical de doutrinas, imagens e sentimentos religiosos. Nesse campo, assim como os sermonistas, moralistas ou pintores sacros, José Maurício buscava apresentar com música toda uma rede de simbologias e dogmas amparados em crenças, como o da Boa Morte, ou de assuntos relacionados com os rituais e os santos redutores da nação lusitana como Nossa Senhora da Conceição; São Miguel Arcanjo, São Pedro de Alcântara ou Santa Cecília (Machado, 2019. p. 11).

Na linha de observação do devoto, podemos distinguir dois estilos de expressão da manifestação do ato de cantar: o canto de Maria (aquele que Ela cantou) e o canto à Maria (aquele que o devoto usa como súplica). O primeiro é o canto do *Magnificat* que faz a alusão da figura de Maria, aquela em quem a “transcendência se faz condescendência”:

A minha alma glorifica o Senhor.  
 Meu espírito se alegra  
 em Deus, meu Salvador.  
 Porque pôs os olhos  
 na humildade da sua serva:  
 De hoje em diante  
 todas as gerações  
 me proclamarão Bem-aventurada.  
 O Todo-poderoso fez  
 em mim maravilhas:  
 Santo é o seu nome.  
 A sua misericórdia se estende  
 de geração em geração  
 sobre aqueles que O temem.  
 Ele manifesta maravilhas com o seu braço:  
 Dispersa corações orgulhosos.  
 Derruba o trono dos poderosos,  
 e exalta os humildes.  
 Aos famintos, Ele enche de bens  
 Despede os ricos de mãos vazias.  
 Socorre seu povo, seu servo,  
 lembrando sua própria misericórdia.  
 Como havia prometido aos nossos Pais,  
 em favor de Abraão e de sua descendência  
 para sempre. Amém! (Lucas, 1:46-55)

Na observância do comportamento dos devotos e visitantes presentes no Santuário da Serra da Piedade percebe-se um sentimento já retratado no canto, pois os devotos olham pra Maria como uma santa e/ou mulher de bem-aventuranças. Ainda que tenha sofrido todos os horrores de ver o filho crucificado, ela renova por gerações a esperança na promessa e vinda do Cristo Salvador. E Talvez por isso seu povo se alegra. Em continuidade a essa interpretação do Magnificat, segundo Murad (2012):

No Magnificat há um sentimento semelhante. [...] O cântico de Maria proclama, de forma profética a ação transformadora de Deus nas relações sociais. No cântico de Maria, anuncia-se que Deus opera ter rupturas estruturas (1) dispersa os soberbos de coração, (2) derruba do trono os poderosos e eleva os humildes, (3) enche os famintos de bens e despede os ricos de mãos vazias (Murad, 2012, p. 78).

Na mesma linha de pensamento, Portella (2016), acena à figura de Maria na representatividade da mulher símbolo da guerreira a frente e na defesa de seu povo, aquela, que canta a libertação de Deus ao seu povo. Nesse sentido, ela vai além da figura divinal, mas se configura na dimensão humana como uma mulher forte e representante de inúmeras batalhas enfrentadas pelas mulheres dos mais distintos tempos e lugares. De acordo com a religião católica e com o evangelho, Maria é exemplo de “obediência, humildade e fé”, gestos que historicamente serviram como instrumentos de manipulação nas mãos de uma sociedade machista e patriarcal; todavia, nessa releitura dos exemplos de força ecoa o canto de Maria que repete a obediência sem passividade; a humildade sem rebaixamento; a fé como perseverança para enfrentar os desafios da dimensão humana. Maria desponta, pois, na atualidade, como esse ícone plural e “intérprete” do canto Magnificat que simboliza, sobretudo, modelo de mulher, de mãe, de guerreira, de santa e até mesmo de pessoa subversiva.

E Maria? Já não cantou sua mensagem de libertação e de opções políticas e sociais no Magnificat? Já não carregou em sua história, as marcas de mulher pobre, solidária, corajosa? Sem dúvida! Mas também não pode ela mostrar-se plural, paradoxal – ao menos para nossa sempre limitada e parcial visão – em suas manifestações aqui e acolá? Nunca é demais lembrar que Maria é mais que uma personagem histórica; Maria é um símbolo de fé e, como tal, vai além das margens que a igreja e a teologia agregam a ela (Portella, 2016, p. 167).

Corroborando o pensamento de Portella, Maria é o motivo desse fluxo de pessoas na Serra de Nossa Senhora da Piedade, onde os devotos vão em busca de

solidariedade, coragem, força, fé e, nesse percurso repetem seus gestos de disciplina, humildade e perseverança. Além disso, os devotos contemplam um dos maiores sofrimentos que uma mãe pode ter: segurar nos braços um filho morto; assim, pode-se acenar à possibilidade de interação da Senhora das Dores e do devoto que peregrina no Santuário da Serra da Piedade, fazendo-se ser ouvido pelo canto.

O segundo estilo, insere-se na linha do canto com o qual os devotos cantam louvores à figura de Nossa Senhora da Piedade. Nessa diferenciação, entre os dois estilos, verifica-se que há uma mística, a qual sugere uma interação entre a letra, sob a influência da crença, e o canto de Nossa Senhora da Piedade, aquela que canta a profecia realizada em sua vida. Segundo Silva (2009), em suas pesquisas sobre os cantos mariais:

Quando o homem se satura da fragilidade das explicações racionais, que não subsidiam um maior entendimento da vida volta a abrigar-se na fé que, ao renascer no mundo contemporâneo, apesar das suas ambiguidades, confere à sua experiência uma possível compatibilidade entre o sagrado e o profano. No caso dos cantos mariais, estes são produtos (e ao mesmo tempo provocadores) tanto de uma percepção voltada para o sagrado quanto de um imaginário desejoso de um porvir talvez diferente das condições socioeconômicas, culturais e históricas postas (Silva, 2009, p. 35).

Nesse estilo que passa ser exposto, sobressai a busca do compositor que perpassa o campo de produzir lembranças e provocar uma espécie de rito, de repetição no gesto de proximidade com o sagrado, associando o sofrimento ao desejo de mudança bem como na busca de força, a qual é sustentada nesse prolongamento sonoro do canto. Um canto que destacamos, devido a sua provocação no processo devocional da Via Sacra, é o canto “Virgem Dolorosa”, que de acordo com a tradição católica representa os últimos passos de Jesus na terra. Na espacialidade do Santuário da Serra Piedade, essa tradição está estruturada em pontos específicos de meditação no percurso da via. Na concepção de Silva (2009): “no cântico “Virgem dolorosa”, pode-se observar uma alegoria aos sofrimentos de Maria de Nazaré, junto ao Filho amado, Jesus Cristo” (Silva, 2009, p. 82). Nessa perspectiva, o canto na estrutura devocional, contribui na significação simbólica e ritual, pois:

As verdades dos fatos ocorridos são refletidas na linguagem poética do autor, levando assim o leitor a imaginar as dores sofridas pela Santa de Nazaré por meios de argumentos persuasivos, apresentando Cristo como modelo de causa primeira do martírio de Maria. Demonstra, no entanto a angustia da mulher, “Senhora das Dores”, perante o filho, que busca imitar tal dor, inserindo, com frequência, vocábulos que indicam padecimento, amargura (Silva, 2009, p.83).

Essa constatação da autora se encontra no canto citado acima, no refrão que traz o verso: “Bendita Seja Senhora das dores, ouvi nossos ais mãe dos Pecadores”. Vale ressaltar que este é um dos cantos mariais, comumente utilizado na recitação de Via Sacra. Silva (2009) segue uma minuciosa análise desse canto, bem como de outros, com a intenção de exibir elementos epítetos<sup>14</sup>, além de fornecer informações da história da devoção a Maria, analisando cada refrão: “encontra-se nos trechos do hino em questão, dedicado a Nazarena a indicação das sete dores sofridas pela virgem” (Silva, 2009, p. 85). Reunindo os significados da composição das letras, a sonoridade que estende seus sentidos, tudo isso, na performance do rito, constitui, segundo Silva (2009) uma rica história emitida pelo canto.

Este canto denota uma rica história que distribuída nos versos, busca aproximar o devoto de Maria também ao conhecimento da existência daquele que a fez “bendita”. As jaculatórias têm um papel fundamental na observância dos valores que o cântico transmite (Silva, 2009, p. 85).

O gesto implícito no rito da oração, na forma de canto, esboça importantes expressões carregadas de símbolos, dogmas, conceitos, transmissão que se configuram por meio do formato da perspectiva musical. De forma semelhante, insere-se, aqui, a devoção a Maria na Igreja católica, presente na Ladainha de Nossa Senhora. Segundo Silva (2012), as estruturas de produção afetiva ou passional da prática ritualística católica da oração, por ordens epistemológicas, oportunizam o reconhecimento de tradições religiosas, tendo as ladainhas papel significativo na estruturação e construção da identidade cultural cristã, pois:

A repetição das sequências invocativas reflete o andamento acelerado da percepção que o fiel tem do mundo, diante de cada súplica dirigida a Nossa Senhora. Associamos essa percepção a uma atitude contemplativa do sujeito diante da Virgem e só dela, o que poderia gerar uma espécie de catarse. Para que possamos entender mais claramente como se configura o processo catártico, referimo-nos à identificação do sujeito com o objeto de sua fé, a Virgem, discursivizada na ladainha. O sujeito permanece no plano da enunciação enunciada. Temos, assim, a atitude contemplativa que se desdobra na voz presentificada (eu-tu). O sujeito é conduzido por meio de sequências invocativas e expressões injuntivas que giram em torno do mesmo tema (evocação à intermediação de Maria). Por meio desse ângulo, contempla-se a pessoa, a fé e a crença na intermediação divina realizada pela figura de Nossa Senhora (Silva, 2012. p. 09).

---

<sup>14</sup> Epítetos representam os elementos essenciais dos cânticos mariais, já que eles se encarregam de ornamentar os hinos, elucidando por meio do formato importantes expressões carregadas de símbolos, dogmas, conceitos teológicos e dogmáticos, expressões relacionadas à nação, à família e elementos bastante populares (Silva, 2009, p.133).

Na perspectiva de análise da oração em “ação” que se manifesta no processo devocional, destaca-se a ladainha: um processo de invocação sistemática; ela se constitui em versos e, muitas vezes, traz na recitação uma cadência, a qual permite uma aproximação com forte expressão musical. Percebe-se que o rito da recitação da ladainha produz um discurso devocional, expressando, assim, a experiência religiosa de louvor, ou seja, o tradicional: “rito de louvor”. As sequências das invocações e “expressões injuntivas” remetem o sujeito religioso, um ser biologicamente imanente e, por isso, ancorado à realidade material, ao transcendente. A cadência da suplica imperativa, possibilita, ao sujeito religioso, um processo interno de respostas biológicas do organismo: batimentos cardíacos, alterações na respiração, sensação de boca seca e mãos aquecidas, pois o uso da fala na versão de recitar e na versão de cantar alcança escalas altas e graves. No gesto da recitação ou da canção, podemos observar o devoto desempenhando uma função de linguagem em duas escalas interdependentes: a fala que diferencia o homem dos outros animais, na forma ritual, e a simbólica que se estrutura trazendo conforto ao que pratica as invocações à Senhora da Piedade, sendo auxílio na ritualização da fé, seja ela proclamada ou cantada.

Em ambas as situações, se o canto e a recitação forem feitos de forma mecânica, isto é, sem um envolvimento devocional, pode privar o praticante de possibilidades implicadas na simbologia ritual que perpassa um sair de si, uma entrega, uma meditação rítmica que beira a transcendência. Essa talvez tenha sido alcançada, por exemplo, por monges; ao contrário daqueles que por não se entregarem aos atos devocionais ou aos ritos religiosos deixam de experimentar tais sensações de fé. Essa experiência exige, pois, o silêncio de um “santuário interior” para alcançar a escala devocional e usufruir dos benefícios da mesma. Desde os primórdios, a vivência da experiência religiosa, na perspectiva do sujeito religioso, perpassa o duplo processo que transita entre o silêncio orante e o clamor expresso na piedade devocional. Ou seja, uma disposição prévia somada ao ambiente religioso, o que talvez, segundo Croatto, esteja representado noutra definição de oração: “Também é uma oração o silêncio místico ou a meditação.” (Croatto, 2010, p.376).

De tal modo, ressaltamos que a Ladainha se constitui de composição textual própria da poesia em prosa e verso, desenvolvida como expressão da grande veneração do povo a Senhora da Piedade. Possui bases que sustentam a devoção mariana, são dinâmicas na sua concepção, tornando o imaginário de Maria mais rico,

se comparado ao imaginário dos demais santos e até do próprio Jesus. Na perspectiva do devoto, o ato da oração recitada na ladainha, em forma de canto, ou o gesto de segurar um terço – objeto dedicado à figura de Maria, propiciam certa proximidade com o sagrado, servem de força para enfrentar os intemperes no percurso desta experiência religiosa, dentre elas: a distância, a caminhada íngreme e o clima adverso.

Nessa perspectiva, segundo Croatto (2010), a relação frente ao “Mistério”, manifestado na experiência religiosa, “é de sujeito a sujeito; ao menos se vive como tal. O crente não fala *de* Deus como um “ele”, mas a ele como um “tu” (assim é na oração)! Ou pelo menos fica em silêncio quando o próprio Mistério fala nele” (Croatto, 2010, p.63). Assim, é possível apontar que no Santuário da Serra da Piedade o “crente”, ao se colocar em oração à Senhora da Piedade, no percurso devocional, corrobora que:

As manifestações da experiência religiosa em ações cúlticas são numerosas em todas religiões, e muito heterogêneas na sua forma e estrutura, porém é possível estabelecer uma morfologia quanto à estrutura do significado. [...] Os ritos podem ser, e têm sido, classificados de várias maneiras, segundo os critérios ou a tipologia que se escolhe. O fato de que podem ser classificados já indica que os ritos não são arbitrários, mas obedecem a estruturas da realidade (Croatto, 2010, p.353).

Desse modo, o gesto de pronunciar frases repetidas à figura de Nossa Senhora da Piedade, pode significar uma estrutura da realidade de fé, um senso de participação na purificação e ou invocação das mensagens transmitidas sequenciadas quase beirando “falar cantando” e um “cantar falando” sobre sua percepção do gesto de cultuar. Segundo Marconi (2008), “a insistente sucessão de louvores, como, nas ladainhas de Nossa Senhora, não se completa cada verso com a exortação dirigida a ela de “*ora pro nobis?*” (Molina, 2008, p.98); contudo, essa expressão manifesta a suplica em cadência aproximativa às invocações a Nossa Senhora da Piedade, que na sua maioria são evocativas de proteção para com o devoto, no pedido à santa: “rogai por nós”.

O arcabouço de conceitos dos autores escolhidos referentes à observação do devoto em sua expressividade linguística cultural, ou seja, em sua vivência religiosa, evidencia a arte da fé. Assim, na descrição do rito cultural na Serra da Piedade, em sua estrutura e significados, pode-se dizer que a oração para o fiel, constitui ponto culminante na devoção à figura de Maria. O gesto do devoto na visita orante, seja para suplicar ou agradecer; estrutura-se no aspecto de proximidade com o sagrado, sendo comum o subir e o descer como uma forma de intensificar o processo da oração, bem



como essa intimidade com o transcendente. Nessa perspectiva, a prática gestual do devoto que faz da caminhada uma oração, a qual representa o grande rosário vivo no percurso devocional, na estrada de acesso ao Santuário da Serra da Piedade, ambiente que propicia a introspecção e a oração.

### **3.3 A força performática dos gestos nos ritos: Maria para além do ato devocional**

A simbologia expressada nos gestos devocionais à Senhora da Piedade extrapola a tentativa de racionalidade se analisada apenas pela lógica da fé. Pela perspectiva da fé, essa devoção é compreendida, embora por meios subjetivos e que não correspondem aos procedimentos próprios e sistemáticos que esta pesquisa requer. Por isso, escolheu-se, nesta dissertação, fazer também uma observação acerca da dimensão humana dessa mulher, ou seja, a denominada Maria. Nesse sentido, cumpre-se o que se pretende no objetivo específico III: analisar os gestos no rito que justificam a grandeza de Maria para além da fé do devoto, ou seja, para além do ato devocional.

A relevância da pesquisa consiste, ainda, em buscar entender, por meio das Ciências da Religião, a influência de Maria enquanto mulher e as representações de seus atos ao longo da história da igreja e da vida laica. Para o devoto, a interseção de Maria, na vivência do sagrado, assume uma experiência singular, sua imagem está tradicionalmente relacionada à vivência do sagrado e é experimentada pela linguagem cultural, influenciando a devoção popular. De modo que, a análise sobre a figura de Maria, em sua dimensão simbólica, está inserida na cultura como referência à espiritualidade Cristã.

Em vários lugares do mundo prestam-se devoção a Maria e isso torna a representação simbólica e ritual um elemento indispensável para compreender o fenômeno. Segundo Croatto, “o rito é um gesto que também significa outra realidade. Como ação, aponta para um determinado efeito. Se o símbolo é dítico (isto é, manifesta, expressa); o rito é performativo, “faz” (Croatto, 2010, 331). Logo, por mais que toda a performance religiosa traga uma explicação para a iconicidade de Maria, entende-se, aqui, que haja algo em sua dimensão humana que a coloque em evidência por tanto tempo e em tantos lugares. Maria em sua ação performática mescla elementos, símbolos e ritos com capacidade de gerar reações, de impulsionar, provocando uma certa comoção, assim a força do gesto performático da devoção a

Senhora da Piedade percorre um caminho de fé que, no Santuário da Serra da Piedade, desafia limites.

Desse modo, podemos acenar que assim como Maria enfrentou critérios normais de sua época, ainda hoje, Ela mantém a posição de uma mulher à frente de seu tempo, em sua expressão de força, que mesclando sua sacralidade e humanidade coloca-se como ícone. Ela, segundo a tradição católica, “é agraciada por Deus”, e ainda que fora dessa tradição não seja vista como sagrada, não passa despercebida. Maria é um clássico, pois perdura no tempo.

As dificuldades e lutas contemporâneas atualizam para a humanidade os percalços enfrentados por Maria no seu tempo. O devoto ou não-devoto inspira-se por similaridade à coragem e força dessa mulher, como um exemplo de superação, passando a crer que lhe é possível também vencer os obstáculos colocados pela dimensão humana. Perpetua-se, pois, uma identidade de luta frente todo e qualquer sofrimento.

Essa analogia permite a possibilidade de buscar sólidos fundamentos que justifiquem essa presença forte de Maria, ainda, neste século. Segundo Croatto, “O rito é o equivalente gestual do símbolo. Dito de outra maneira, o rito é um símbolo em ação. Portanto, é, assim como o símbolo, uma linguagem primária da experiência religiosa” (Croatto, 2010, p.329). Desse modo, analisar os gestos no processo devocional permeia a ação do sujeito religioso, ou seja, a expressão da experiência cultural na perspectiva simbólica-ritual diante da fé, proporcionando assim a compreensão humana no âmbito da cultura religiosa.

Para tal, essa investigação se constitui na busca de algo além da perspectiva mariana, ou seja, o “salto da fé”, que permita observar Maria para além do gesto devocional. A expectativa é de aprofundar conceitos da vivência do sujeito religioso praticante de um gesto milenar a uma Senhora também constituída nessa realidade milenar, tal como já manifestado no Magnificat sua presença é de serva para todas as gerações. Ademais, sua vida é vida humana, assim, gestos de sua humanidade no percurso de sua religiosidade foram voltados para o Filho que a Senhora Piedade traz em seus braços. Assim sendo, a experiência de fé em Maria se tona para o devoto uma referência, expressa na forma gestual e acena à possibilidade de superação, podendo ser para o devoto esse ponto de encontro do gesto da dor com o gesto de esperança divina e transcendente. Segundo Gebara, Bingemer:

A transcendência de Deus se manifesta na sua criatura, somos nós na nossa relatividade histórica, no nosso limite e fragilidade, que capitamos a existência da transcendência, que falamos dela, que à exprimimos. Tudo isso acontece porque ela está em nós, na capacidade de ultrapassar a si próprio que possui o ser humano, embora nem sempre a exerça, e nem sempre permita que ela aflore nos acontecimentos da história (Gebara, Bingemer, 1988, p. 15).

O fato do sujeito religioso se perceber passível da transcendência, que a Senhora da Piedade exala, vai aos poucos revelando a experiência religiosa que remete ao gesto devocional. Representado pelos ritos, tais gestos se repetem e projetam no devoto o desejo de retornar incessantemente a este mesmo rito. Ou seja, o devoto, frequentemente, volta à íngreme Serra da Piedade e repete o rito, o qual se expressa pela motivação da força de fé e/ou da força humana que também se projeta da figura de Maria?

Nesse sentido, a forma transcendente expressa na figura humana de Maria, delineia uma ação ritualística que alimenta a experiência religiosa, repercutindo no devoto de tal modo que o sujeito religioso continua repetindo o rito na busca dessa interação e ou proximidade com o sagrado. Desse modo, podemos acenar, que a transcendência não reside para além da história, mas ela se dá na realidade do povo no contexto em que o devoto se encontra: sofrendo e lutando pelas suas conquistas que se revelam, a princípio, na dimensão humana (pedidos de cura, de vida, de prosperidade, felicidade e paz). Assim, a realidade de Maria na sua experiência, enquanto mulher, aproxima-se daqueles que se espelham nela. Ademais, Maria humana foi mãe e continua nessa projeção do rito sendo a “mãe de todos”. Como uma personagem secular, sua maternidade<sup>15</sup> também acontece noutras mulheres que passam a repetir seu ato de força e humanidade. Logo, interessa pensar a relação de Maria “conosco”, isto é, com a dimensão material do ser:

Para uma Teologia Marial não basta, pois, as análises dos textos bíblicos, a análise dos textos da tradição posterior. É de fundamental importância percebermos a que tipo de experiência humana corresponde a devoção, ou a relação a Maria. Em outros termos, é preciso que nos perguntemos a que “desejos” manifestos ou latentes corresponde a nossa relação com Maria, “viva em Deus”, viva em nós. Se assim não for, correremos o perigoso risco de acrescentarmos sobre nós estruturas artificiais que “superficialmente” chamamos “verdades da fé”, sem perguntarmos sua razão de ser, sua realidade, sua relação conosco (Gebara, Bingemer, 1988, p. 37).

---

<sup>15</sup> - “Assim como do Pai eterno nos vem toda a paternidade no céu e na terra, como diz Paulo (Ef 3,15), assim também toda a maternidade no céu e na terra vem da Mãe eterna” (Boff, 1983. p. 102.)

Maria está em um patamar devocional que difere dos demais santos católicos, pois ela é considerada santíssima, a “viva em Deus”, ou seja, a mãe de Deus e, nessa ótica, Maria é também criadora, não apenas criatura. Analisar o rito na perspectiva devocional mariana remete a observar um ponto crucial que para a humanidade tem alta relevância: a maternidade. Incutida na figura de Maria, ela transmite uma significação maior ao rito devocional, constituindo, assim, um elo entre o transcendente de sua divindade e a materialidade humana; Maria é uma mãe-santa. O diferencial característico dessa devoção, frente ao de outras santas católicas, tendo o agravante do tipo de “experiência humana corresponde à devoção, ou a relação à Maria”.

Assim, a força performática dos gestos implícitos nos ritos permite aludir ao processo do ir além do ato devocional que perpassa a figura de Maria. A força performática, reproduzida na vivência dos ritos devocionais, traz uma compreensão do mundo, das raízes de Maria, perpetuando, sua figura de mulher incutida na cultura do povo. Desse modo, o rito atua como fator de renovação/rememoração, nessa interface humana-religiosa que se expressa na cultura devocional e lança um olhar sobre a perspectiva da Mulher Maria que permite compreender pela cultura o ser humano no contexto de devoção, visto que se torna, ao mesmo tempo: “mulher, deusa, mãe, esposa”:

Maria é mais do que “simplesmente Maria”, é mais do que a mãe de Jesus, é mais do que o povo simbolizado numa mulher. Maria é criação divina do humano e no humano. Por isso se pode falar da revelação “sem fim” de Deus em Maria. Cada época histórica “revela” ou “projeta” o desejo de algo sublime, maravilhoso, pequeno, grande, porém sempre cheio de esperança na figura de uma mulher, deusa, mãe, esposa (Gebara, Bingemer, 1988, p.29).

Desse modo, na Senhora da Piedade é possível observar certa gestualidade pedagógica, se a assim podemos nominar. Observa-se uma reserva do mistério, do transe entre sua humanidade e sua entrega à divindade, logo, sugere-se acenar que essa aura de mistério pressupõe ao devoto, perspectiva que se assemelha no senso comum, a uma linguagem religiosa “reveladora” de um processo “sem fim” de Deus em Maria. Ela permeia todo o processo religioso, olhar o devoto em seus gestos de expressão devocional, seja amarando uma fita (figura 16) por uma graça alcançada e ou por uma súplica, infere um gesto de confiança a figura intercessora naquela que transita entre o limite do mistério, da criação “divina do humano e no humano”, tecendo assim a perspectiva do ato devocional numa transposição material.

Figura 17: Fitas amarradas Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07 de abr. 2023.

A força performática dos gestos nos ritos, evidência a figura de Maria para além do culto devocional, visto que no auge de seu sofrimento, ela não desistiu de ser mãe, mas assumiu outra maternidade: a espiritual que ela recebeu aos pés da cruz. Desse modo, a figura de Maria, mulher da Piedade, ultrapassa a simbologia natural e se aproxima do devoto ritualmente para auxiliar na adoração do filho que ela apresenta em seus braços. Outra intrigante imagem que reproduz, pela arte, a paradoxal ideia de finitude e morte próprias da dimensão humana projeta no desejo humano por algo sublime. Na expressão da ritualidade, da prática gestual devocional à Senhora da Piedade, na perspectiva do devoto, Maria está próxima. Ela escuta e transmite a mensagem de súplica e ou de agradecimento. Assim, a linguagem devocional “toma corpo”, incorpora-se, manifesta-se na expressividade do percurso devocional à Senhora da Piedade e de certa forma ultrapassa o mesmo, vai além da expectativa, quando os devotos na espacialidade do Santuário da Serra da Piedade encontram na força feminina o “divino do humano no humano”.

A performance do rito religioso se desenvolve, portanto, no contexto devocional de certa forma como uma enculturação, ou seja, uma devoção que no processo da experiência de fé adentra na vida do ser devocional, do sujeito que crê, entra em suas lutas e vitórias, visto ser essa a interface devocional no sentido de retorno e continuação que transmite força e resistência frente aos intemperes da vida humana

de todo devoto. Uma força que se traduz ao longo da caminhada pela Serra da Piedade em gestos tais como: olhares, dar as mãos, sorrir, chorar, cantar e acenar. Segundo Croatto (2010):

O símbolo é uma imagem, uma representação de uma coisa mediante a palavra ou o desenho, ou fazendo-se gesto móvel para ser "visto" em ação. [...]. Um só gesto não constitui um rito. Um rito simples, como uma saudação, implica vários gestos (olhar, dar a mão, sorrir, dizer algumas palavras) (Croatto, 2010, p.332).

A repetição que se estabelece na devoção é algo além da experiência religiosa. O devoto traz a representatividade de sua fé, mas também um proceder significativo para com Senhora da Piedade. Desse modo, o significado de subir, de rezar e a até cantar à Nossa Senhora da Piedade, talvez seja uma busca por trazer à sua realidade de devoto uma representação da maternidade devocional que na Senhora o sujeito religioso entreve. A força performática do rito sugere observar na figura Maria, para além do culto devocional, a mulher. Ela compõe o gesto móvel para ser "visto" e situa Maria também no contexto da sociedade brasileira, das mulheres, do sofrimento, das mães que perderam seus filhos. Observa-se nisso uma identificação dos devotos que vão ao Santuário da Serra da Piedade para percorrer a trajetória de Maria e conforme vimos “cada época histórica vai projetando sua referência de crença ou de esperança.”

Com as observações feitas no Santuário da Serra da Piedade, podemos apontar que a devoção, em específico, no que diz respeito à mulher de hoje se identifica com Maria, frente suas lutas diárias nesse “vale de lágrimas”. Segundo Clodovis Boff (2006), Maria tem a habilidade de ancorar a fé na vida: “A figura materna de Maria a liga, na alma do povo, às chamadas “necessidades vitais”: pão, saúde, casa, mas também afeto, segurança e paz. Ela é a mulher da fé encarnada na realidade do cotidiano” (Boff, 2006, p. 415). Tal vivência da experiência religiosa corrobora o pensamento de Croatto, no que diz respeito ao fato de que o devoto acena à similaridade da vivência feminina da santa e da devota que busca “reproduzir” o gesto de similitude com o sofrimento, pois:

quando no rito é realizada uma ação que tenta produzir um efeito especial (a saúde, a graça, a benção, a consagração de uma colheita etc.), esse efeito, produzido simbolicamente, é tão real nesse plano, quanto a instauração de uma realidade segundo o mito. O que importa é compreender a experiência religiosa como tal, sem preconceitos racionalistas. Caso se entenda a eficácia ritual somente no nível do profano, perde-se o essencial e conclui-se precipitadamente (Croatto, 2010, p. 351).

Para o humano, por mais que ele seja um sujeito religioso, a benção está estreitamente ligada à dimensão humana, ou seja, as pessoas tendem a compreender mais o valor da “graça” recebida pelas representações materiais: saúde do corpo, prosperidade no trabalho, conhecimento. Essas graças se traduzem na contemporaneidade por conquistas e isso se evidencia nessa presença forte de Maria, ainda, no século XXI. Destacamos nessa expressão devocional algo além, a interatividade na performance do devoto que traz para sua realidade a força evocativa de Nossa Senhora da Piedade, ou seja, o que corresponderia ao pensamento de Boff, (2006) em sua mariologia social, uma Maria encarnada no contexto do devoto e um devoto que, conforme visto, busca se atualizar aos moldes da Senhora da Piedade em suas dores e glórias. Aquele que retorna, que peregrina ao Santuário da Serrada Piedade, vivenciando, assim, a piedade no íntimo de sua subjetividade. Segundo Gebara, Bingemer:

O maravilhoso operado por Maria faz “nascer de novo”. Há uma novidade que acontece. Como se nela o devoto fosse de novo gerado em suas entranhas, agora livre do mal que o atormentava. Nessa relação se dá aquilo que se costuma chamar de “experiência de Deus”, experiência do Absoluto divino operando nos limites do humano, É uma variante da experiência dos místicos que sentem Deus na sua carne, no seu ser inteiro e que conseguiram exprimir poeticamente essa riqueza (Gebara, Bingemer, 1988, p. 158).

Subintende-se diante do percurso ritual, a expressividade da performance devocional frente ao “novo nascimento”, na possibilidade de superação e ou força para enfrentar o sofrimento, culminando assim na “experiência de Deus”, citada pelas autoras, que na visão cristã católica em Maria foi plena. O gesto da devota diante de um mosaico de Nossa Senhora da Piedade, representado na figura (17), encena no formato da pedra inclinada a imagem de Maria sustentando não apenas o filho morto em seus braços, mas o peso do caminho pedregulhoso que se faz a caminhada de fé e resignação. E a foto da mulher, ao parar e observar o quadro, sugestiona àquele que observa, que haja ali mais que uma oração, um pedido, uma troca de olhares; há neste gesto uma contemplação de fé.

Figura18: Mulher em frente ao mosaico Santuário da Serra da Piedade



Acervo de Adriana Balbi, 07de abr. 2023.

É, de fato, uma figura que representou na história uma imensa fonte de inspiração. Uma figura que irradiou poderosas forças morais, em termos de misericórdia, solidariedade, coragem e amor. Um símbolo que incidiu fortemente sobre a subjetividade social, reforçando-a, alargando-a, fazendo-a crescer e ativando sua criatividade. De que forma concreta operou? Favorecendo a coesão social nos momentos de perigo, infundindo consolação e esperança diante das tragédias, conferindo força de resistência nas crises e provações e despertando a coragem e a confiança por ocasião dos inevitáveis enfrentamentos (Boff, 2006 205).

No processo de finalização desta pesquisa, evidenciamos à humanidade de “Nossa” Senhora da Piedade, na sua totalidade entre o ser “Tão humana e toda de Deus”, conforme Murad (2012), acenamos para a força feminina, da Santa, na essência de ser Mulher, na interface de ser Mãe do Deus criador permitiu observar conceitos que se desdobram, abalizando o percurso de observação desta pesquisa. Talvez, ainda, seja necessária uma explicação sobre outros aspectos relevantes da figura de Maria, os quais não foram abordados aqui em função do rigor metodológico acadêmico, no que diz respeito à delimitação do tema.

Nesta dissertação teve a ousadia de apontar no contexto da mariologia, uma Maria no meio da experiência religiosa, na perspectiva do símbolo e do rito, observados com parâmetro da análise do devoto, dessa expressividade no Santuário da Serra da Piedade. Não desmerecendo as visões de Maria na perspectiva



dogmática, no contexto bíblico e eclesial, sendo as mesmas o tripé de uma possível linguagem sobre Maria, que de certa forma pode ser percebido nas entrelinhas. O fio mestre desta pesquisa procurou seguir a trilha de Maria mãe do devoto, mais precisamente do devoto que frequenta o Santuário da Serra da Piedade.

Trilha que possibilitou lançar um olhar à figura de Maria para além da visão apenas teológica, mas associando a mesma aos conceitos das Ciências da Religião. Busquei observar, desde o portão do Santuário, o contexto do devoto, visto que, seja essa a possibilidade de algo além do culto à figura de Nossa Senhora da Piedade, ou seja, sua enculturação na de sua posição que ocupa no céu e na terra, sua proximidade com o sagrado. Segundo Murad (2012), “Deus tem o coração perto da miséria humana. Sua grandeza se revela em se fazer próximo ao ser humano extraviado, fora do caminho. A transcendência se faz condescendência. A alegria divina é contagiante” (Murad, 2012, p. 78), assim as maravilhas que Deus fez na figura de Maria, no percurso dessa pesquisa foi analisar a intimidade do devoto com a Senhora da Piedade.

Tendo em vista sua imanência e sua condescendência, “ser do Céu e passear na Terra” como acena Portella (2016), evidenciamos que no Santuário da Serra da Piedade frente a essa analogia, assume a representatividade espacial de lugar sagrado, um local em que a Santa tem como jardim de passeio especial. Na concepção de Boff (2006):

Maria, grande tela de projeção das necessidades e desejos humanos. A grandeza teológica de Maria não é razão suficiente para explicar sua importância sócio-histórica. Há que lhe acrescentar aqui a dimensão antropológica, pela qual a Virgem veio a se tornar na história social o auto-retrato de uma sociedade, o espelho de uma época, o reflexo das buscas e sonhos de um povo (Boff, 2006, p. 208).

O espaço sagrado do Santuário da Serra da Piedade possui uma “arquitetura divina”, em que a Senhora da Piedade vem acalentar o povo sofrido, e até na possível concepção do devoto mais expressivo em sua experiência religiosa. A linguagem expressa no percurso ritual impressos nos gestos reflete “o espelho de uma época”. Na perspectiva da figura de Nossa Senhora da Piedade, a mesma pode ser denominada “aproximativa”, pois é língua humana na interface da esfera divina que transmite a força do feminino. Maria, a mulher da Piedade, encontra-se num patamar que integra o rol da similaridade do percurso da experiência religiosa, ou seja, é composta por

determinadas crenças e ritos, compreendida como meios que levam à relação com o transcendente. Maria, a Mulher da Piedade, assume, assim, uma função que remete à probabilidade além do processo devocional, ou seja, a força feminina, a maternidade, inculcada na figura de Nossa Senhora da Piedade, potencializa o símbolo e o rito e, dessa forma, ambos extrapolam a experiência religiosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, tratou da A Linguagem do símbolo e do rito na experiência devocional a Nossa Senhora da Piedade no Santuário da Serra da Piedade – Caeté-MG, procurando ler os símbolos e os ritos da experiência devocional. A abordagem escolhida esteve pautada nas noções da Ciência da Religião em permanente articulação com a linha de pesquisa: Pluralismo Religioso, Dialogo e Linguagem, vinculada ao programa de pós graduação ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade PUC Minas.

Embora percorrido o caminho metodológico das Ciências da religião para analisar a devoção à Maria, no referido Santuário, registro, nesta conclusão, o árduo exercício para não seguir com um procedimento de escrita muito próximo dos conceitos e termos teológicos, haja vista minha formação cristã e acadêmica. Como Teóloga, a análise própria das ciências tornou-se um desafio constante na produção desta dissertação; todavia, superado a cada orientação e nova leitura que se acrescentava. Assim, o texto foi sendo construído no fio de uma navalha, pois eu aprendia a separar meus papéis entre mestrande pesquisadora e mulher, que se reconhece e se declara consagrada à Virgem Maria, conforme determina o *método da verdadeira consagração de São Luiz Maria Grignon de Montfort*.

Na intenção de alcançar os objetivos apresentados, a pesquisa realizou por meio de três capítulos a investigação proposta. No primeiro capítulo, intitulado: *A figura de Maria no Santuário da Serra da Piedade* mapeou-se a figura de Maria no Santuário. Para tanto, descreveu-se o local dando prioridade para a sua geografia e em seguida sua influência à devoção à Maria. Com efeito, o sistema religioso, como princípio de ordenamento de mundo, é interesse desta pesquisa, no campo das Ciências da Linguagem Religiosa, por isso a localização do Santuário numa montanha, ou seja, num topo, pôde ser percebida como representação para a religião cristã católica uma proximidade com o sagrado.

As altitudes geográficas se mesclam não apenas com o entendimento popular de que o sagrado está no alto, mas também com as denominadas artes clássicas consagradas como um espaço representativo do corpo ou de sua possível elevação aos céus, haja vista as torres das igrejas, os formatos arquitetônicos das janelas e portas, ou seja, uma tendência em reproduzir nas criações materiais a ascensão divina de Maria e seu Filho Jesus.

Os elementos “manto” e “mãos” como constitutivos do tecido devocional deste santuário foram destacados, assim, foi possível perceber que a linguagem das expressões devocionais vista, nos devotos da Senhora da Piedade, codifica a cultura religiosa cristã no aspecto simbólico na “Realidade transcendente”. Na sequência seguimos a análise que considerou o significado da piedade na fé cristã na perspectiva dos devotos da Pietá mineira, após observar a figura representativa da Senhora da Piedade na força da devoção dispensada na imagem que se destaca nesse espaço sagrado. Dessa forma, nas curvas da estrada do Santuário da Serra da Piedade, ou seja, na topografia interessou a esta pesquisa a interpretação e a compreensão da simbologia e do rito em relação à devoção à Maria.

Ainda em relação ao espaço geográfico, a pesquisa contou com registro no campo. Foram feitas fotos, a fim de captar e ampliar a análise proposta: elementos da mística, da devoção local, uma sequência de rituais no local registrou 101 fotografias, em 30 de julho de 2022; e 353 fotografias, em 07 de abril 2023. Ressalta-se que em abril celebrava-se a sexta feira da Paixão, situação que oportunizou um maior número de eventos religiosos a serem observados, haja vista a simbologia presente entre os cristãos acerca desta data. A análise dos mesmos permitiu a rememoração da ida ao campo e a difícil escolha de apenas 16 dos registros e ou atos devocionais, coletados por mim; esclarecemos que a referida escolha teve como critério a coerência em buscar responder as questões-problema, levantadas pela pesquisa, no sentido de atender aos objetivos apresentados.

Observou-se que a simbolização, que o devoto constrói a Nossa Senhora da Piedade, consisti em uma espécie de tradução em palavras, representações, gestos, sons, estruturando, assim, uma espécie de experiência de linguagem simbólica-ritual. Nessa concepção, infere-se que os símbolos e os ritos estão intrínsecos à cultura. Ou seja, o ser humano, o rito e o símbolo não devem ser compreendidos fora de um contexto social, que por sua vez, é construção humana e histórica.

A pesquisa desenvolvida no segundo capítulo: *O símbolo na linguagem a Nossa Senhora da Piedade*, determina a base angular dessa dissertação, visto que o sujeito religioso - o devoto - é um ser de linguagem e a religião produz linguagem, na qual ele é o protagonista que executa o ato, ou seja, vivencia com palavras no processo de articulação linguística o símbolo e a prática do rito. O ser humano é um ser de linguagem, tanto quanto a religião, que entrelaçada na sociedade está

conectada à comunicação. Ambas interagem, haja vista, que a transmissão de preceitos de fé se expressa em processos comunicacionais.

Na sequência, os aportes teóricos sobre a ciência da linguagem religiosa forneceram dados analíticos, evidenciando um discurso central, no qual a linguagem religiosa deve ser entendida como conceito que analisa a experiência do devoto, não a reduzindo, mas buscando uma possível compreensão, permitindo, assim, conhecer os símbolos e aspectos simbólicos do ser humano. Nesse ponto, podemos verificar que no processo de reprodução do símbolo, a experiência humana sugere um procedimento evolutivo característico, tanto na religião quanto na linguagem. A fusão do sujeito com o objeto culmina no sujeito religioso, essa duplicidade encontra um discurso único na dialética religiosa, visto que a experiência devocional se revela por meio de formas rituais.

Podemos dizer que o sujeito religioso exerce sua dinâmica simbólica ao praticar sua experiência devocional. Portanto, os símbolos do culto a Nossa Senhora da Piedade analisados na perspectiva da expressão comum ao culto devocional, permitem a sistematização da linguagem religiosa, que emana de níveis impregnados pela particularidade de cada um, assim, a linguagem religiosa perpassa a expressão humana religiosa e vice versa. Ambas produzem uma comunicação, dessa forma, as ciências da linguagem e da religião possuem um ponto de confluência: a experiência religiosa observada no sujeito religioso (ou não). O ato de cultuar associado à atualização da vivência da religião está entrelaçado à sociedade, ainda que subdividida em uma linha tênue entre o sagrado e o profano.

O imaginário que os cristãos católicos construíram em torno de Maria é elemento que também mantém sua atualidade. São símbolos que, representados pelo discurso, ultrapassaram os desafios do tempo de Maria e continuam servindo de modelos noutras épocas e locais. No símbolo da figura de Nossa Senhora da Piedade, o ser humano pode mediar uma compreensão da experiência com o sagrado. O culto pode ser analisado como um romper limites da comunicação que transita entre a transcendência e a imanência. Portanto, avaliar as narrativas simbólicas, construídas em torno da figura de Maria, resulta em registrar expressões devocionais, constituindo, assim, o diálogo possível entre dois momentos do fenômeno religioso: a experiência vivenciada e a que se expressa em palavras e ações.

O último capítulo: *Maria no percurso ritualístico*, analisa o que justifica a reverberação de Maria para além da fé do devoto, buscando discutir aspectos do culto,

sendo a devoção compreendida a partir de um conjunto de condições sociais e humanas que influenciam o comportamento religioso contemporâneo. Dessa forma, podemos analisar que a linguagem simbólica-ritual complementa e alarga o significado do gesto, trazendo-lhe consistência e força através de uma lógica, de uma racionalidade diferente (em que acreditar não retira o sofrimento), mas que se nutre do “impacto social” e das aspirações materiais humanas. Na observação, que teve como campo a Serra da Piedade, refletiu-se sobre a linguagem religiosa dos gestos e considerações teóricas a respeito do rito e da peregrinação. Tal observação revelou modos distintos de participação: devotos que encenam os rituais e outros mantêm o silêncio; alguns expressam admiração e/ou contemplação; gestos de alegria, sofrimento também se mesclam; ou até mesmo, acompanhantes de devotos que se limitam a compras de “lembrancinhas”.

Na medida em que a peregrinação no Santuário da Serra da Piedade está ligada a prática cultural da comunidade católica, renovam-se os laços de pertencimentos na contemporaneidade, por meio de ritos e festas cristãs. A cada rito e/ou festa Maria é pensada, representada e atualizada de acordo com uma necessidade pessoal; porém, representada pela coletividade na figura de santa, mãe, mulher. A peregrinação pode ser considerada atualização da cena da *Via Crucis*, do que Maria sobre o título de Nossa Senhora da Piedade padeceu enquanto mulher, humana, junto de seu Filho e frente a todo tipo de preconceito, discriminação e hostilidade daquela época. Essa analogia possibilita dizer que o devoto no hoje da história, ainda que padeça outras formas de discriminações e/ou sofrimentos, busca refazer o caminho de dor na similitude com os sofrimentos de Maria.

Na descrição do rito cultural na Serra da Piedade sobre estrutura e significados, percebeu-se que a busca de união com o sagrado, pela via da oração, parece sugerir ao devoto uma forma de seguimento frente à figura de Nossa Senhora da Piedade, no rito que corresponde a um processo de imitação. No contexto do rito de oração, pela recitação do terço, o devoto revive um momento histórico e reafirma pela alusão à Maria e à sua vida, enquanto Mãe de Jesus, um compromisso social concreto.

Em análise sobre a *força performática dos gestos nos ritos: Maria para além do ato devocional*, percebeu-se que Ela manteve a posição de uma mulher a frente de seu tempo, mesclando sua sacralidade e humanidade, colocando-se, assim, como ícone. Maria é um clássico, haja vista sua historicidade. A força performática, reproduzida na vivência dos ritos devocionais, traz uma compreensão do mundo, das

raízes de Maria, perpetuando, sua figura de mulher incutida na cultura do povo. A evidência de ir além do culto devocional manifesta que o significado de subir, de rezar e a até cantar à Nossa Senhora da Piedade, talvez seja uma busca por trazer à sua realidade de devoto uma representação da maternidade material à Maria. Maria, a Mulher da Piedade, assume, assim, uma função que remete à probabilidade além do processo devocional, ou seja, a força feminina, a maternidade, incutida na figura de Nossa Senhora da Piedade potencializa o símbolo e o rito e, dessa forma, ambos extrapolam a experiência religiosa.

Talvez, essa dissertação tenha a ousadia de apontar, no contexto da mariologia, uma Maria no meio da experiência religiosa, na perspectiva do símbolo e do rito, observados com o parâmetro da atitude do devoto, dessa expressividade no Santuário da Serra da Piedade. A intenção, nesta dissertação, foi trazer um discurso da figura de Nossa Senhora da Piedade mais próximo da realidade devocional, propondo uma conversa entre a observação e a transcrição, analisando o Símbolo, o Rito e o Espaço na perspectiva de convidar o leitor (devoto ou não) e o pesquisador a caminharem junto à pesquisadora que buscou retratar na subida da Serra a interface entre a natureza e a expressividade religiosa pelos caminhos do Santuário.

Consideramos ser uma contribuição desta pesquisa à Ciência da religião e à Teologia o olhar que sobre Maria traz uma investigação com base nos conceitos das Ciências da religião, evidenciando o símbolo e o rito desta figura emblemática e rodeada de interpretações. Com a percepção da sua dimensão humana, enquanto valor material e exemplo de resiliência, desprendimento, procurou-se tratar de uma fé devocional, mas que ao mesmo tempo está notável de presença e persistência de força, pois é materializada no Santuário pelas repetidas e incansáveis caminhadas, subidas, descidas e pelos “sacríficos”. Tudo isso contribui para o entendimento não apenas da fé pela fé, mas da fé ressignificada no Símbolo e na prática do Rito.

Dentre possíveis continuidades de pesquisa sobre o tema, acena-se para o culto alpestre, haja vista o valor simbólico que pode ser depositado na configuração geográfica do local em que está construído o Santuário. A reserva natural que abriga esse ambiente de fé é algo a ser explorado, principalmente, se escolhermos um viés de interpretação com base na perspectiva de leitura que privilegie aspectos relacionados ao feminino. Além disso, há de se destacar a abundância natural do local com sua vegetação, rochas, montanhas, bem como os valores que se agregam

culturalmente a esses espaços, como, por exemplo: a sala dos milagres, o contexto histórico das duas igrejas.

No entanto, esta dissertação embora reconheça a figura de Maria por meio do símbolo e do rito para além da fé do devoto, para além da Religião e da Teologia, entende haver outras perspectivas para a pesquisa. No Diário de Campo, nos registros fotográficos coletados, associados ao arcabouço teórico, observou-se que parte da proximidade dos devotos com Nossa Senhora da Piedade, se dá também pela dimensão humana. Assim, Ela resiste no tempo para os católicos como uma devoção, um modelo de força, determinação, que representa a não submissão feminina. Essa investigação começa também a tecer um diálogo com outras correntes teóricas que caminham para um discurso sobre o valor do feminino dentro das religiões.



## REFERÊNCIAS

- ABUMANSSUR, Edin Sued. Peregrinação. 2022. p.726. *in*: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. (orgs.) **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola, 2022.
- ANDRADE, Maria Filomena; SILVA, André de; BOAS, Alex Vilas. Atitudes Religiosas. 2022. p. 95 - 103. *in*: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. (orgs.) **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola, 2022.
- BRAGA, Giovanninil L. Eva E Ave, O Veneno e o Antídoto: a iconografia da anunciação da capela do rosário dos pretos da vila de São José (c.1820). (Portuguese). **Revista Memento**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 1–22, 2017. Disponível em: <https://search.ebscohost.com>.
- BELUCIO, Matheus. Economia e turismo religioso: o fenômeno das peregrinações aos santuários marianos. **Horizonte**, 2018.p.1439-1439.
- BELO HORIZONTE. **Documento de Caracterização Ambiental**. (DCA). Plano de Manejo do Monumento Natural da Serra da Piedade. Belo Horizonte. Jul. 2019.
- BELO HORIZONTE. **Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. (IEPHA)**. Dossiê para tombamento da Serra do Curral. Belo Horizonte, 17 Dez. 2020.
- BOFF, Clodovis. **Mariologia Social**: o significado da virgem para a sociedade. São Paulo, Paulus, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Ave-Maria**: o feminino e o Espírito Santo. Petrópolis: Vozes, 1980
- BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CARDITA; Ângelo. Peregrinação: possibilidades de compreensão crítica de uma experiência. Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXIV, 2012, pag. 195-213.
- CROATO, Jose Severino. **As Linguagens da Experiências Religiosa**: Uma introdução à fenomenologia da religião. Paulinas. São Paulo, 2010.
- CIPOLINI, Pedro Carlos. A Devoção Mariana no Brasil. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v.40, n.1, p. 36-43. Jan.abr.2010.
- DIAS, Michele dos Santos. **A Beleza em sua expressão Religiosa**: uma análise da Pietá de Aleijadinho. 2018.
- FERREIRA, Cláudia Andréa Prata. Livro de Rute: a narrativa refletindo as questões da mulher e as medidas sócio protetivas. Rio de janeiro, **Téo literária**, v.10- n 22. p.539-577, 2020.
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. Maria, **Mãe de Deus e Mãe dos Pobres**: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

- GEERTZ, Clifford, 1926. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIL FILHO, Silvio Fausto. **Espaço Sagado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Inter Saberes, 2012.
- HERVIEU-LÉGER, Daniéle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KIEKEGAARD, Sorem. **Migalhas Filosóficas**: ou um bocadinho de Filosofia de João Climacús. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MACHADO NETO, D. E jazerá em jardim florido: estudo preliminar sobre usos tópicos na representação da Mariologia na música de José Maurício Nunes Garcia. (Portuguese). PER MUSI: **Revista Acadêmica de Musica**, [s. l.], n. 39, p. 1–28, 2019. DOI 10.35699/2317-6377.2019.5309. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edb&AN=141467524&lang=pt-br&site=eds-live>.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARCONI, Monolina. **Prelúdio a História das Religiões**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo**: território do Sagrado. São Paulo: Loyola, 2000.
- MOREIRA, Fuviane Galdino. **A Beleza do Divino**: vestes como ornamento na imaginária cristã. Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dossiê), Dobras, v.11, n 23, p.42-56. maio. 2018.
- MORA, José de Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MURAD, Afonso Tadeu. **Maria Toda de Deus e tão humana**: Compêndio de Mariologia.1. ed. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (ORG). **Linguagens da Religião**: desafios, métodos, e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas. 2012
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Linguagens religiosas: origem, estrutura e dinâmica. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p. 443-455.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, abr./jun. 2016.
- LELOUP, Jean-Yves. **O Corpo e seus símbolos**: uma antropologia essencial. Petrópolis: Vozes. 1988.
- LOPES, Mateus Padre. ORG. **Devocionário a Nossa Senhora da Piedade**. Arquidiocese de Belo Horizonte, 2015.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. **A Peregrinação e seus Enigmas: o desvendamento no encontro do devoto com o “santo vivo” rumo ao santuário de São Francisco do Canindé**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Monteiro de; DENNYS Christian. Matergrafia e patrimônio: Santuários Marianos como espaço simbólico e vetorial da Latinidade. **Ateliê Geográfico**. Dez. 2018, Vol. 12 Issue 3, p. 170-194.

PAULO VI. **Exortação apostólica Marialis Cultus**. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paulovi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_pvi\\_exh\\_19740202\\_marialis-cultus.html](http://w2.vatican.va/content/paulovi/pt/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_19740202_marialis-cultus.html)> Acesso em: 22 Set. 2023.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

PERREIRA, Pedro. “Uma imagem da Senhora da Saúde é como se fosse um ser humano”: diversidade icônica e humanização das imagens da Senhora da Saúde em Portugal. **Revista Cultural do Alto Minho** - serie II. n 13. dez. 2019.

PORTELLA, Rodrigo. **Mirar Maria: reflexos da Virgem em espelhos da história**. São Paulo: Aparecida, 2016.

RIBEIRO, Dom Antônio de Assis. **O Significado do Manto de Nossa Senhora Aparecida**, CNBB. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SANGHIS, Pierre. Peregrinação E Romaria: um lugar para o turismo religioso. Ciencias Sociales y Religión/ **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, out. de 2006.

SANTOS, M. F. DE J. Romarias in lives: ciber devoções e santuários virtuais em tempo de pandemia. **HORIZONTE** - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 18, n. 57, p. 1305, 31 dez. 2020.

SANTOS, Fabiana Maria dos. **Terço dos Homens de Brasília Teimosa: identidade, gênero e subjetividade**. Universidade Católica de Pernambuco (UCP), 109p. 2013.

SILVA, S. M. R. Da. A Devoção A Maria Na Igreja Católica: Ladainha De Nossa Senhora (Ladainha Lauretana). (Portuguese). **Revista Recorte**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 173–186, 2012. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edb&AN=85672236&lang=pt-br&site=eds-live>.

SILVA, Eliane da. **As devoções Mariais e suas manifestações em Cânticos Brasileiros: epítetos**. Universidade de São Paulo, p.163. 2009.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Dossiê: Santuários e Turismo Religioso. Pelas franjas dos santuários: turismo, fé e religião em flashes etnográficos. DOI – 10.5752/P.2175-5841.2018v16n49p136-165. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 136-165, jan./abr. 2018 – ISSN 2175-5841 136.

STEIL, Carlos Alberto. Percursos das peregrinações católicas no Brasil: gênese e desenvolvimento do tema na ótica das ciências sociais. **Estudos de Religião**, v. 33, n. 2 • 221-242 • maio-ago. 2019 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078.

TEXEIRA; DUKE; RODRIGUES. RITO. 2022. P796-805. *in*: USARSKI, F.;

TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. (orgs.) **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola, 2022.

USARKI, Frank. Religião. 2022. p.781-785. *in*: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. (orgs.) **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola, 2022.